UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

MARIA NORMÉLIA DE FARIAS

O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

São Cristóvão/SE
2021

MARIA NORMÉLIA DE FARIAS

O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

São Cristóvão/SE

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Farias, Maria Normélia de
F224t O texto teatral em sala de aula : teoria e prática / Maria Normélia de Farias ; orientador Alberto Roiphe Bruno.– São Cristóvão, SE, 2021.
164 f. : il.

Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Teatro (Literatura) – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Leitura. 4. Expressão. I. Bruno, Alberto Roiphe, orient. II. Título.

CDU 821.134.3(81)-2.09

MARIA NORMÉLIA DE FARIAS

O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

Relatório de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

São Cristóvão/SE, 25 de março de 2021 .

_____
Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno - UFS
Orientador

_____
Prof. Dr. Eduardo Cézar Catanozi - IFSP
Membro Externo

_____
Profa. Dra. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno
Membro Interno

Dedico este trabalho aos meus pais, Manoel de Farias e Maria Neildes Santos (in memoriam). Dois Anjos que Deus colocou em minha vida e que sempre se fizeram presentes em sua simplicidade. Analfabetos da gramática, mas doutores nos maiores e sábios ensinamentos, os quais me ensinaram que a máxima do amor é a roda que impulsiona o ser humano à dignidade e isso fez com que eu nunca desistisse dos meus sonhos. O mundo da literatura não estaria nas minhas veias se eu não tivesse saboreado do néctar das histórias de seres encantados contadas em noites de luas claras que eu sugava embevecida, sentindo-me um ser encantado, envolvida na magia do jeito único de contar que somente eles faziam. Hoje eles vivem no mundo dos seres eternos, mas sei que estão felizes por eu ter galgado o mundo das letras e encantos. Obrigada por terem sido meus pais aqui na
e por me fazerem existir.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, (o Criador de tudo e de todos) que sempre me protege com seu infinito amor.

Aos meus pais (in memoriam) pelas lições de vida em forma de exemplos que não podem ser encontradas em livros: amor, respeito, humildade, caridade, honestidade, trabalho e fé que serviram de referência na construção da minha personalidade.

Aos meus familiares por estarem ao meu lado comemorando cada vitória conquistada, silenciando quando faltam palavras para amenizar as dores, fazendo-se vozes confortadoras na presença silenciosa e no olhar carinhoso.

A todos os meus amigos, dos quais levo em minha vida um pouco das experiências individuais e por me fazerem sempre acreditar em minha capacidade de superar limites. A José Osman dos Santos, por todas as vezes que acendeu uma luz quando tudo parecia escuro no final do túnel.

A Cícero Alberto Bento dos Santos por permitir que sua obra fosse um dos alicerces para construção deste trabalho.

A todos os meus colegas/amigos da turma seis do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), os quais compartilharam comigo o imenso prazer do mundo das palavras e do encanto literário. Obrigada pelo espírito de colaboração.

A todos os professores do PROFLETRAS, pela competência, compreensão e por compartilharem o néctar do conhecimento. Agradeço especialmente ao meu orientador Alberto Roiphe Bruno, pelas aulas inesquecíveis de literatura, pela compreensão, pelo olhar humanizador frente às dificuldades que se fizeram presentes, dosando a exigência necessária com a complacência. Obrigada por sua orientação primorosa, inteligente e enriquecedora.

A todos que caminharam e caminham comigo nesta jornada terrestre, colaborando para o meu crescimento espiritual, humano e profissional.

A arte teatral é muito mais que gestos, falas e emoções. É o encontro do homem com sua cultura, sua origem, sua língua, com ele mesmo, por meio das palavras que pulsam pedindo libertação do interpretar comum, exigindo significados múltiplos.

Maria Normélia de Farias

RESUMO

Formar leitores literários em uma sociedade que exige cada vez mais criatividade, autonomia, rapidez, criticidade e aprendizado nas diversas áreas do saber se faz urgente para a formação do ser integral. Visando colaborar para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa no ensino fundamental, nessa jornada de letramento literário, este trabalho defende a importância do estudo do texto teatral e seus elementos composicionais em sala de aula por meio de leituras expressivas, para a formação de leitores proficientes, associando teoria à prática. Estudar as características e funções dos elementos composicionais do texto teatral é uma dinâmica do "aprender fazendo" que motiva no discente a prática de ler, interpretar, fazer inferências com maior segurança e de forma prazerosa. Com vistas a desenvolver leituras literárias, foi trabalhada a obra *Coeteris paribus*, do dramaturgo sergipano Cícero Alberto (1983). A metodologia foi de natureza qualitativa e está alicerçada nas reflexões de Candido (2004), Compagnon (2009), Todorov (2009), Rosenfeld (2004); nas teorias de leitura de Lajolo (2009), Marcuschi (2008), Koch (2015), Ferrarezi (2017); nas teorias teatrais de Betti (2002), Ryngaert (1996) e Vidor (2016). Com as informações coletadas no desenvolver deste trabalho de intervenção, foi elaborado um Caderno Pedagógico onde estão registrados todos os passos percorridos no estudo do texto teatral, com o objetivo de contribuir para a formação de leitores autônomos, críticos e reflexivos; conforme propõem a *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018), os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (SERGIPE, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Texto teatral. Leitura literária. Leitura expressiva. Ensino-aprendizagem de literatura.

ABSTRACT

Training literary readers in a society that increasingly demands creativity, autonomy, speed, criticality and learning in several areas of knowledge become urgent for the integral formation. Aiming to collaborate for the improvement of the teaching-learning process in Portuguese language in elementary education, on this literary literacy journey, this work defends the importance of the studying the theatrical text and their compositional elements in the classroom through expressive readings, for the proficient readers formation, associating theory with practice. Studying the characteristics and functions of the compositional elements of the theatrical text will be a dynamic of "learning by doing" and, therefore, motivating the student's practice of Reading, interpreting, making inferences with greater security and in a pleasant way. In order to developing literary readings, the work Coeteris paribus, by the playwright from Sergipe Cícero Alberto (1983), will be worked on. The methodology was the qualitative nature and this is founded into the reflections from Candido (2004), Compagnon (2009), Todorov (2009), Rosenfeld (2004); in the theories of reading by Lajolo (2009), Marcuschi (2008), Koch (2015), Ferrarezi (2017); in the theatrical theories of Betti (2002), Ryngaert (1996) and Vidor (2016). With the information collected in the development of the intervention this work, a Pedagogical Planning will be prepared where all the steps are registrated into the theatrical text studies, in order to contribute to the autonomous formation, critical and reflective readers, as proposed by the Common National Base Curricular (BRASIL, 2018), the National Curriculum Parameters, 1998) and the State of Sergipe Curriculum Framework (SERGIPE, 2018).

KEYWORDS: Theatrical text. Literary reading. Expressive reading. Teaching-learning of literature.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – IDEB da E.E.J.P.C.....29

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização da E.E.J.P.C.....28
Mapa 2 – Mapa esquemático resumido da metodologia.....36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto teatral e seus elementos trabalhados no produto.....38

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COVID – 19 – Coronavírus Disease 2019

E.E.J.P.C. – Escola Estadual Jornalista Paulo Costa

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EJAEM – Educação de Jovens e Adultos Ensino Médio

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROFLETRAS – Programa de Mestrado profissional em Letras

SESC – Serviço Social do Comércio

TO – Teatro do Oprimido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 UM PASSEIO PELAS LUZES DO SABER: REFERENCIAL TEÓRICO.....19

1.1 Leitura: um caminho libertador 19
1.2 Texto teatral: a leitura que encanta 22
1.2.1 Gêneros literários e a dinamicidade do texto teatral por meio dos jogos dramáticos 24
1.3 Outros olhares sobre o texto teatral na formação de leitores literários 27

2 CAMINHOS TRILHADOS RUMO AO CONHECIMENTO: METODOLOGIA 30

2.1 Escola e sujeitos de estudo 30
2.2 Em cena o autor e sua obra 32
2.3 E faça-se a luz: construção do caminho metodológico 36
2.4 Sala de aula: o palco que solicita o texto teatral escrito 38
2.5 Sequência das cenas 40
2.5.1 Objetivos 41
2.5.2 Objetos de conhecimento 41
2.5.3 Cena I 42
2.5.4 Cena II 43
2.5.5 Cena III.....44
2.5.6 Cena IV 46
2.5.7 Cena V 47

3 IMPACTO DA PADEMIA SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS 48

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....51

REFERÊNCIAS.....53

APÊNDICE.....56

Apêndice 1 teste diagnóstico 56

Apêndice 2 Caderno Pedagógico 60

ANEXO 146

Anexo 1 Resolução nº 003/2020 146

Anexo 2 Texto teatral *Coeteris Paribus* 148

INTRODUÇÃO

Ser professora sempre foi um sonho que acalentou minha alma desde o momento que meus olhos se encontraram com as primeiras letras do alfabeto, e descobrir que elas podiam criar palavras era encantador. Apreendê-las era mergulhar no universo dos livros, descobrir mundos até então inimagináveis e, a partir do momento que me fiz conhecedora desse poder das palavras, despertou em mim a vontade de querer fazer com que outras pessoas também as descobrissem. Encantada com o fazer educacional dos meus mestres que faziam descortinar o conhecimento em sala de aula, decidi ser professora para poder contribuir na descoberta do conhecimento por meio das palavras e, além delas, oferecer possibilidades melhores para aqueles que se deixarem conduzir pelas mãos invisíveis do saber que se tornam visíveis quando nos deixamos ser conduzidos por elas.

Ao me tornar professora, deparei-me com uma realidade em que a leitura parecia um bicho papão invocado à noite para fazer crianças dormirem. Realidade que perdura até hoje. O ato de ler é desafiador em um país que não tem como prioridade a formação de leitores, que não valoriza a riqueza da sua língua, sendo difícil levar esse conhecimento à maioria de alunos que veem o estudo como obrigação, como algo desnecessário, principalmente no que se refere aos textos literários que, segundo os próprios estudantes em muitas situações em sala de aula dizem ser “bobagem”.

Nesse contexto em que estou inserida, vendo jovens descrentes de suas próprias potencialidades, faz-se urgente mostrar a importância do ato de ler, da força interativa que as palavras têm e do seu poder, no ato da fala, ao revelar quem é o seu falante.

Na prática docente em sala de aula, busco demonstrar para os discentes o meu amor/a minha paixão pela leitura e pela literatura. Antes da leitura de um texto, encanto-os com as histórias das personagens ou com o lirismo dos poemas. Faço com eles o que meu pai fizera comigo, quando à noite, na frente da casa, eu e crianças vizinhas sentávamos para ouvir as histórias de trancoso e que pareciam tão reais que tínhamos medo de encontrar uma alma penada em busca de uma botija, um lobisomem em noite de lua cheia, uma mula sem cabeça nas beatas da igreja, a mulher de branco na porta do cemitério, ou um curupira quando carregávamos frutas dos sítios dos vizinhos. Nas suas histórias não existiam fadas, deuses, heróis ou príncipes, mas tinham o encanto e a verdade das palavras que nos faziam acreditar na existência desses seres, tão reais nos pareciam. Aquelas histórias contadas como entretenimento despertavam nos

ouvintes valores que os tornariam humanos melhores, pois eram cheias de sabedorias, valores e ensinamentos. Histórias que despertaram em mim o amor pela leitura, fazendo-me adentrar no mundo da literatura e perceber sua força transformadora, como afirma Todorov:

> [...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. [...] Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo [...] permite que cada um responda melhor à vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, p. 24).

Envolvida no fazer pedagógico, em busca de caminhos que me levassem a derrubar o muro construído entre os alunos e a leitura, em 2018 fui aprovada no Profletras e como é proposta do curso uma atividade de intervenção com os estudantes, optei por trabalhar a leitura de texto teatral e contribuir para a prática leitora de forma lúdica, criativa, coletiva e prazerosa.

O texto teatral é a arte da escrita que envolve a oralidade, solicitando o corpo em movimento numa relação harmoniosa com outras linguagens intersemióticas e, apesar de apresentar estruturas narrativas, diferencia-se por ser escrito para a verbalização e dramatizacão, promovendo interação entre personagens e leitores/ouvintes, numa fusão de sentimentos, conhecimentos e prazer. Ler um texto teatral "equivale a construir uma cena imaginária na qual o texto seria percebido da maneira mais satisfatória para o leitor. [...] Ele é completo enquanto texto, mas toda leitura revela as tensões que o encaminham a uma próxima cena. (RYNGAERT, 1998, p. 30). Tais afirmações só confirmam a importância do estudo do texto teatral e seus elementos composicionais, pois o leitor ao ler, identifica cenários, caracteriza personagens, adentra no espaço das cenas, visualiza as ações como se o drama se desenrolasse à frente dos seus olhos, desvendando-o de modo a se envolver prazerosamente.

Cada elemento textual exerce função primordial para que o texto tome vida, voz e corpo no imaginário do leitor. A rubrica ou didascália vai além da função de orientar. Ela é uma voz que se pronuncia por meio dos gestos, cenários, iluminação, figurino, adereços, deixando de ser algo estático, elemento periférico para se fazer presente nas ações e vozes das personagens, possibilitando no entendimento do enredo e montagem cênica, permitindo-nos compreender a peça escrita com seus elementos em movimento. E assim, as cenas, " [...] menor subdivisão de um ato, apresentando espaço e tempo contínuos e um conjunto fixo de personagens" (BETTI, 2002, p. 13), vão se desenvolvendo por meio das ações que dão vida às personagens que, na visão de Brait (2017, p.17) "[...] seres de ficção, esses edifícios de palavras que, por obra e graça da vida ficcional, espelham a vida e fingem tão completamente a ponto de conquistar a imortalidade", ou ainda nas palavras de Candido et. al. (2014, p. 84) "[...] as personagens constituem praticamente a totalidade da obra: nada existe a não ser através delas".

Os autores ainda afirmam que esse ser criado pelo e no universo das palavras "[...] representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos". (CANDIDO et al., 2014, p. 54).

Consideramos, nesse sentido, a importância do texto teatral no processo de ensino-aprendizagem e, por isso, ele precisa ser mais difundido no espaço escolar. Não só voltado para a montagem teatral. É inegável a magia do real e irreal que se entrelaçam no espaço mágico do palco, onde cenário, figurino, sonoplastia, iluminação se somam para dar vida às personagens, tirando-as do universo do texto, levando-as para uma realidade temporária do espetáculo. O teatro valoriza a inteligência e é um caminho para uma aprendizagem mais duradoura na vida dos alunos por se realizar de forma criativa, multimodal, dinâmica, interativa, dando espaço para os educandos desenvolverem habilidades no processo de ensino-aprendizagem e um "[...] instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo, vetor de uma formação crítica conduzindo a uma educação para a liberdade e para a autonomia." (PUPO, 2010, p. 03).

O texto teatral deve ser visto também como um valioso suporte para a formação de leitores agentes que, ao entrarem em contato com os elementos rubrica, personagem, ações, cena, tempo e espaço, encontram um caminho para o desenvolvimento de habilidades leitoras.

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa quando tratam da especificidade do texto literário afirmam ser

> [...] um modo particular de dar forma às experiências humanas –, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatual (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis. (BRASIL, 1998, p. 26)

Com isso, vale reafirmar a importância do estudo do texto teatral em sala de aula por entender que, como obra literária, possibilita ao leitor, no ato da leitura, recriá-la com nuances diferentes, desenvolvendo habilidades que vão além do entender os elementos do texto. O leitor atribuirá novos significados aos sentidos já existentes no texto, criando novas realidades, exercitando sua subjetividade, liberdade e criatividade.

Em sala de aula ou fora dela, por meio do texto teatral, o aluno será levado a entender que ler não é simplesmente identificar vocábulos, mas ler o mundo em que está inserido por

meio das palavras postas no texto que tomam sentido de existir ao serem desvendadas pelo leitor, como afirma Marcuschi (2008, p. 94) “Um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte”.

O texto teatral escrito mantém estreita e intrínseca relação com o ato da dramatização, perceptível não só no teatro, mas até em fase anterior, isto é, também nas leituras expressivas de uma peça. A voz do leitor oscila nas entonações, as expressões faciais emanam emoções das personagens, pois “[...] a leitura de um texto literário causa necessariamente uma reação física no leitor, vinculada ao prazer”. (VIDOR, 2016, p. 94). Prazer esse vivenciado pelos alunos ao realizarem leituras com a obra proposta, *Coeteris Paribus*, do dramaturgo sergipano Cícero Alberto Bento dos Santos, conhecido artisticamente como Cícero Alberto, em diálogo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Jornalista Paulo Costa, atendendo o que solicita a *Base Nacional Comum Curricular* no eixo da leitura.

> Compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2018, p. 72).

A partir do exposto acima, compreendemos que o estudo do texto teatral promove a interação entre leitor/ouvinte, quando leituras oralizadas são realizadas de forma compartilhada, dinâmica, dialogada, gestual, em que fala, escrita e gestos interagem um com o outro; ampliando, assim, o conhecimento do aluno-leitor e do aluno-ouvinte de forma prazerosa. Nosso trabalho também se comunica com o campo artístico-literário que visa

> [...] garantir a formação de um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p. 139)

Solicita-se, dessa forma, à escola, o encontro dos alunos com a literatura por esta ter o poder de alargar o horizonte do leitor, tornando-o capaz para entender o texto em seu contexto e cotexto, encontrando significados implícitos que uma obra literária oferece. Conversa também com o *Referencial Curricular de Sergipe*, em sua nona competência específica.

> Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o envolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento,

> reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.” (BRASIL, 2018, p. 269).

Nesse sentido, a escola deve promover a prática de leitura literária por ser também um acesso a conhecimentos culturais de um povo. O texto literário, utilizando-se do lúdico, do fazer artístico, conduz o leitor a mundos imaginários, causando prazer e auxiliando no processo de transformação do ser como cidadão. Por sua natureza literária, faz com que o leitor reflita, compreenda a si mesmo e as diversas atividades inseridas no contexto social, tornando-o melhor como ser humano e como leitor; entretanto, ainda é uma categoria de texto pouco trabalhada na escola. *A Base Nacional Comum Curricular* sugere o estudo de textos literários na formação de leitores autônomos como verificamos nas habilidades abaixo:

> (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões e mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2018, p. 158).
>
> (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, [...] (BRASIL. 2018, p. 158).
>
> (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (BRASIL, 2018, p. 160).
>
> (EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação, valorizando apresentações da cultura local. (BRASIL, 2018, p. 161).

Tais citações nos confirmam que o estudo do texto teatral se alinha ao que é proposto pela *Base Nacional Comum Curricular*, por isso, ele precisa estar presente nas aulas de Língua Portuguesa. É um texto que possui uma linguagem expressiva, dinâmica, dialogada que, por meio das falas das personagens, propicia ao discente contato com outras realidades culturais, outros valores, envolvendo-o prazerosamente. A voz se comunica com o corpo que responde com as expressões faciais, nas movimentações das mãos, braços e os estudantes vão descobrindo o universo cênico que o texto teatral oferece. A escrita possibilita uma aprendizagem efetiva.

Por sua vez, o *Referencial Curricular do Estado de Sergipe* (2018), reconhecendo a importância do texto teatral na efetividade da aprendizagem, requisita também o uso dessas habilidades acima citadas, acrescentando o uso de obras de autores locais. Observamos que, apesar de o texto teatral corresponder satisfatoriamente ao solicitado pelos documentos norteadores da educação, seu uso não é concreto e efetivo. Os textos literários que são mais apresentados em sala de aula são os narrativos, de forma fragmentada, e o lírico.

Diante dessa realidade, faz-se urgente que no curso de Letras, o estudo do gênero dramático, no qual se faz presente o texto teatral com seus elementos em sua dinamicidade, seja mais efetivo. Trata-se de um gênero que traz em si o poder de união das artes e ferramenta valiosa que o futuro professor de Língua Portuguesa terá na sua prática em sala de aula, ressignificando seu fazer pedagógico, vivenciando o texto a partir da escrita à ação, tornando a sala de aula um espaço dinâmico, propiciando maior interação entre aluno, professor e estudo.

É indiscutível a presença do fazer teatral na escola, por ser um recurso didático muito eficaz seja para brincar, socializar, aprender ou ensinar. Muitas vezes, em nossa prática diária na sala de aula, tornamo-nos diretores, atores, atrizes para deixar nossas aulas mais dinâmicas, chamando a atenção dos alunos para o assunto que está sendo explicado, obtendo maior compreensão dos conteúdos. Nas datas comemorativas sempre há uma encenação teatral feita pelos alunos, logo é inconcebível que o texto teatral não assuma o seu papel de direito dentro da escola, da sala de aula, tendo seus elementos composicionais recebendo a mesma atenção que recebem os elementos de um romance, conto, crônica e poesia; não sendo utilizado apenas para representações comemorativas, sem que seja conhecida a importância que cada elemento: rubrica, personagem, tempo, espaço, cena e ação exerce na assimilação de saberes.

Por meio desses elementos composicionais do texto teatral, o aluno desenvolve habilidades leitoras, artísticas e comportamentos mais humanizados, pois é um tipo de texto que convida o estudante a se colocar no lugar do outro, a ser criativo, a sair do comodismo e agir.

Este trabalho está estruturado em três partes. A primeira contempla os pensamentos teóricos acerca da literatura, da leitura, dos gêneros literários e dos jogos dramáticos e da importância do estudo do texto teatral no processo de ensino aprendizagem. Aborda também a importância de envolver o alunado no mundo da literatura por meio do texto teatral e apresenta o estado da arte com trabalhos já existentes sobre o estudo desse gênero na escola, como prática pedagógica, na formação de leitores autônomos. A segunda é dedicada à metodologia e à

apresentação do texto teatral *Coeteris Paribus,* do dramaturgo sergipano Cícero Alberto que contribuiu para a elaboração da sequência didática, apresentando propostas teatrais para trabalhar de forma dinâmica o estudo do texto teatral alinhado às práticas do teatro. Por fim, a parte três traz uma reflexão sobre a impossibilidade de aplicação do produto em sala de aula em virtude do distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19.

1 UM PASSEIO PELAS LUZES DO SABER: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Leitura: um caminho libertador

A leitura nem sempre é um procedimento fácil, isso porque o seu desenvolvimento depende de diversos agentes e segmentos sociais. Todo ser humano que lê se preenche de ideias, tornando-se sabedor de que o ato de ler tem o poder de salvar, divertir, sonhar, direcionar e, sobretudo, é um passaporte para acesso a informações e conhecimentos que permitem compreender criticamente as realidades sociais e nelas agir.

Conforme uma das definições do *Novo Dicionário Aurélio* a leitura "é o habito de ler, de decifrar e fixar um texto de autor, segundo determinado critério" (FERREIRA, 1975, p. 828). Tomar essa definição denotativamente seria incoerente, visto que a leitura vai além desse conceito. Ela não é uma simples decodificação de palavras. É tudo que vem ao encontro do ser humano, dando vida ao inanimado e ultrapassando os limites de uma leitura restrita aos textos apresentados nos livros didáticos, compreendendo o mundo que está a sua volta. Porém, o estudioso traz outras acepções para o termo no mesmo verbete:

> **1.** Ato ou efeito de ler. **2**. Arte de ler. 3. Hábito de ler. **4**. Aquilo que se lê. **5**. Que se lê, considerado em conjunto. [...] **7**. *Fís*. Observação da indicação dum instrumento de medida. **8**. *Fís*. O resultado de uma medida realizada com um instrumento. **9**. *Proc. Dados*. A aquisição da informação com base em alguma forma de armazenamento. **Leitura da fala**. Apreensão por parte dos surdos, daquilo que lhes dizem, mediante a observação dos movimentos orofaciais. **Leitura de mesa**. *Teat*. Ensaio de leitura. **Leitura dinâmica**. Método recente de leitura, que permite a apreensão sintética e instantânea de um juízo ou raciocínio completo, e não uma sequência linear de ideias, como nos dá a leitura comum; leitura rápida, leitura acelerada, leitura fotográfica. **Leitura dramática.** *Teat*. Leitura interpretada de uma peça, seja pelos atores, pelo diretor ou por apenas um ator diante do público. (FERREIRA, 1975, p. 828)

Logo, a leitura com suas múltiplas definições, quando realizada, contribui para a assimilação do conhecimento e desenvolvimento de ideias coerentes. O leitor é convidado a entrar no mundo das palavras, dando-lhes significados que as tornam reais no mundo linguístico do falante, desfazendo o mito que o estudante criou de que a leitura é algo difícil e desnecessário. Isso é perceptível nas aulas de língua portuguesa, quando o momento de leitura é precedido por um grande silêncio como resposta para não ler. Silêncio que preenche toda a sala quando é solicitado aos aprendizes que expressem suas possíveis interpretações dos textos lidos. É visível a barreira existente entre alunos e leitura.

Vivenciar essa realidade no dia a dia em sala de aula, fez perceber a urgência de levar para as aulas textos convidativos ao ponto de haver um enamoramento entre o estudante e a escrita. Para isso, o texto teatral deve entrar em cena com toda sua carga de conhecimentos e emoções, capaz de tirar os alunos da comodidade das cadeiras escolares e adentrarem no mundo das personagens com seus conflitos e alegrias, formas, cores e sons que solicitam a voz e o corpo do leitor.

Ryngaert (1998, p. 32) afirma que "o texto teatral não fala sozinho, mas pode-se imaginar que "responde" às proposições do leitor que constrói seu sistema de hipóteses". Leitor, leitura e o fazer dialogam entre si para ressignificarem o ensinar e o aprender. Para que o leitor seja protagonista, o texto teatral, com todas as suas nuances e possibilidades de experiências no processo de ensino-aprendizagem, precisa sair do papel de espectador que assiste passivamente o espetáculo da leitura, caminhar junto com as práticas teatrais e ir para o proscênio da sala de aula. E, assim, proporcionar ao aluno-leitor o encontro com uma leitura agradável e com a arte do respeitar, do aceitar, do incluir, do saber ouvir e do poder falar, que é o teatro. A arte que abraça outras artes e que se realiza no fazer do outro.

O suporte teórico utilizado explicita as ideias de alguns estudiosos que defendem a importância da leitura, da literatura e do texto teatral na formação de leitores proficientes no processo de ensino-aprendizagem. Debruçamo-nos no manancial de conhecimentos de Lajolo.

> Ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretenda e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 2009, p. 101).

Assim, podemos entender que o ato de ler vai além da decodificação de palavras. O leitor precisa reconhecer as pistas que o texto oferece para compreendê-lo. Não só pelos elementos linguísticos, mas porque desvendou estas pistas a ponto de se sentir confortável para opinar, sem receio de dizer do que gostou ou não; dar sugestões, interagir com o texto, tornando-se capaz de construir significados e se perceber como ser integrante da história e do mundo. Para Koch e Elias (2016, p. 32) "[...] o texto é uma realização que envolve sujeitos, seus objetos de conhecimentos com propósito interacional." Logo, leitura é interação e o texto teatral acontece na interação texto/leitor/ ator, de forma a haver uma conexão entre texto, sujeito leitor, aprendizagem e criatividade em um processo interacionista.

Ao vivenciarmos a leitura do texto teatral, estamos colocando em prática o que afirmam Ferrarazi Jr. e Carvalho (2017, p. 23):

> Ler não é ser capaz de decifrar as letrinhas de um alfabeto qualquer; é, principalmente, ser capaz de compreender o que um texto traz, interagir com ele de forma inteligente, retirar dele o que interessa para nossa vida cotidiana, ser capaz de inferir criticamente nele e na realidade a partir dele, enfim, fazer uso pleno do texto como parte da vida social de uma sociedade letrada.

Desse modo, enfocando a leitura como um ato interacional, o estudo do texto teatral irá contribuir de forma significativa para que o aluno adquira habilidades para ler e interagir de forma a encontrar no texto elementos reais do seu mundo, desenvolvendo a competência leitora exigida em uma sociedade que preza pelo letramento, como afirmam os autores. O discente se sentirá à vontade para se posicionar como criador de novos sentidos no texto, assimilando saberes, no processo descendente e ascendente, em que são trazidos do inconsciente para o consciente os conhecimentos que a memória vai guardando em seus "chips". O educando vai interagir de forma dinâmica e contínua, compreendendo o texto teatral com seus elementos composicionais.

O estudante, ao desenvolver o gosto pela leitura, não a vendo como algo obrigatório, sentindo-se coautor ao fazer inferências de forma coerente, sem receio de expor seus pensamentos, vivenciando a obra, sentindo-se à vontade para opinar e interagir com o texto, terá um olhar diferenciador para os estudos da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica nas aulas de Língua Portuguesa. O texto não será pretexto para o estudo da gramática, mas um suporte para estudar a importância de ter conhecimentos linguísticos cobrados nos currículos escolares. Ele vai entender também que o texto é uma "[...] unidade básica da comunicação e interação humana. [...] resultado de uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas até chegarem à compreensão de texto como 'entidade multifacetada" (KOCH; ELIAS, 2016, p. 31) e "Fruto de um processo extremamente complexo de interação social e de construção social de sujeitos, conhecimento e linguagem" (KOCH; ELIAS apud KOCH, 2014, p. 175). Por fim, entenderá que, no ato da leitura, no encontro com a palavra posta no texto, ao se apropriar dos sentidos oferecidos, estará apto a se relacionar com o mundo de forma equilibrada, indo ao encontro da construção de saberes, fazendo relação com sua vida, seus objetivos e sonhos.

Ademais, no âmbito ainda da leitura, difundindo a força interativa que envolve leitor inserido em seu contexto social/texto/aprendizagem, no qual o texto assume papel de protagonista juntamente com o leitor, Marcuschi (2008, p. 80) afirma ser o texto "um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo de

coprodução.” ou ainda, quando reforça a ideia de que “Compreender um texto é realizar inferências a partir das informações dadas no texto e situadas em contextos mais amplos.” (MARCUSCHI, 2008, p. 239).

Dessa forma, neste trabalho, buscou-se fazer uma abordagem da relevância da leitura em textos literários, visto que a literatura é um poderoso instrumento de formação de seres questionadores, meditativos, inventivos e independentes. Para entendermos o papel que a leitura de textos literários tem na formação de seres letrados, voltamos o olhar para teóricos como Compagnon (2009, p.52), que afirma ser a literatura “[...] um exercício de pensamento; a leitura, uma experiência dos possíveis.” e vai ainda nos dizer que “A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui [...]” (COMPAGNON, 2009, p. 51).

Antonio Candido, por sua vez, considera a literatura como essencial ao ser humano, relacionando-a aos direitos humanos.

> [...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. (CANDIDO, 2004, p. 186).

Considerando a importância do texto literário na formação do cidadão leitor e como a leitura do texto teatral pode ser um fator libertário e transformador, contribuindo para a assimilação de saberes sociais, culturais, valores e experiências com o mundo e com os outros, buscamos pensamentos que reforcem a importância da leitura do texto teatral na formação de leitores de forma prazerosa. Pensamentos como o de Vidor:

> [...] o ato de ler textos em práticas coletivas, com a presença da voz e a partilha de impressões, é um ato com sentido em si mesmo, não apenas uma etapa para a encenação. A leitura dentro do projeto teatral pode ter diversas abordagens que repercutem na cena, na atuação e na formação de leitores. (VIDOR, 2016, p. 42).

Nesse sentido, podemos afirmar que o texto teatral abre espaço para leituras compartilhadas que, por meio da oralidade expressiva, oferece um manancial de possíveis interpretações textuais que favorecem a formação de leitores proficientes.

1.2 Texto teatral: a leitura que encanta

Para a formação do leitor é essencial que seu contato com a leitura, suas primeiras impressões sejam de encantamento, prazer e não de obrigatoriedade, como defende Vidor

(2016, p. 60) “[...] o elemento do prazer é que estabelece as ações de ler e ouvir, reforçando o aspecto da afetividade implicado nessas situações de leitura.”. Logo, o texto deve encantar a cada momento que suas páginas são abertas e seus significados desvendados pelo leitor e o texto teatral alinhado às práticas do teatro promove esse encantamento. O aprendiz precisa apropriar-se do texto como se apropria do próprio nome. Para isso, faz-se necessário um trabalho de conscientização, por parte do professor, para que o estudante veja o texto literário com suas múltiplas possibilidades de imagens, cenas, lugares, falas e como conquista de saberes.

Envolver o alunado no mundo da literatura é fazê-lo viver a experiência de ser transportado para o imaginário e encontrar o verossímil. É levá-lo a refletir sobre a complexidade do ser humano, o seu mundo e as suas relações existenciais. Sendo assim, é uma necessidade vital para o aprendiz a leitura literária, pois estimula a criatividade, ensina-o a lidar com seus medos, anseios, sonhos e frustações de forma a enriquecer sua própria experiência de vida. Antonio Candido (2004), em “O direito à literatura”, da obra *Vários Escritos* preconiza a importância da literatura, ao afirmar ser um bem inalienável, pertencente a todos os níveis da sociedade e como arte despertadora de mentes críticas e questionadoras, descrevendo-a como

> [...] um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações de ficção, da poesia e da ação dramática. (CANDIDO, 2004, p. 175).

Ciente dessa importância do estudo da literatura, este trabalho desenvolveu um estudo com a leitura do texto teatral que, na concepção de Vidor (2016. p. 60), é uma escrita em que

> [...] há construção de sentidos nas ações de ler e ouvir, há partilha, há deleite, há uma situação pautada pela intimidade, pela informalidade e que fortalece laços afetivos. A presença do outro não é encarada como um olhar externo que está apreciando ou julgando a ação.

Assim, quando a leitura oralizada de um texto teatral é realizada na sala de aula, prevalece o ato de socialização, companheirismo, em que um aluno aceita o outro de forma afetiva, respeitando-o, prevalecendo o ato prazeroso da leitura em que todos se unem em torno do texto que pede união e colaboração no desvendar de suas páginas, de forma que o conhecimento adquirido faça sentido na vida de quem o lê. O texto traz o seu mundo e o leitor, o dele, e o encontro desses dois mundos precisa ser agradável. Nesse contexto, é de suma importância a presença do professor como mediador da leitura, da reflexão e do debate em sala de aula, dando voz aos discentes, resgatando nesses adolescentes o poder da palavra, respeitando-os e valorizando-os enquanto seres críticos e formadores de ideias próprias;

instigando-os a fazerem inferências, interagindo com o texto e estabelecendo algum tipo de diálogo com ele, principalmente no texto teatral que, ao ser lido, tem a força da dramaticidade que lhe dá vida, beleza, sentido. Ler um texto teatral é dar-lhe vida por meio do diálogo expressivo, sensibilizando o estudante para o gosto à leitura literária de forma a envolvê-lo em cada linha da obra lida.

Ryngaert (1996, p.50) nos diz que é necessário que "Escapemos à leitura cinzenta, triste e convencional [...] já que o único projeto é "embocar" o texto e fazer com que seja ouvido". Logo, a escolha de levar o texto teatral para a sala de aula e realizar leituras oralizadas é uma forma poderosa de envolver o aluno tanto como leitor e como ouvinte, indo de encontro às convenções de aulas tradicionais, em que o estudante sonoriza as palavras escritas no texto sem dar-lhe o sentido e o som que elas merecem.

Reconhecendo a força da leitura expressiva de textos teatrais em uma narrativa costurada por meio de diálogos, em que nenhuma palavra é posta aletoriamente, mas sim, carregada de forte carga semântica, Betti (2002, p. 6) nos alega ser o texto teatral "[...] o registro escrito de tudo aquilo que as personagens de uma peça dizem em cena, ou seja, do conjunto de elocuções que elas desenvolvem, dando origem à ação." Ações que estarão presentes dentro do texto e fora dele, num enlace texto/leitor em um jogo dramatizado por meio da leitura expressiva.

Com isso, podemos perceber a força que o texto teatral possui e como, no âmbito escolar, pode ser o caminho para uma aprendizagem mais significativa na vida dos alunos, por ser passível de se realizar de forma criativa, lúdica, multimodal e interativa. É um texto tradicionalmente escrito para se realizar na presença do ator, mas que nas aulas de Língua Portuguesa tem sua ação teatral por meio dos alunos-leitores que dão vida às personagens por meio da leitura. Há uma comunicação direta com os elementos composicionais e suas funções, possibilitando ao estudante entender a natureza do gênero a que pertence o texto teatral, capaz de diferenciá-lo dos gêneros literários lírico e épico.

1.2.1 Gêneros literários e a dinamicidade do texto teatral por meio dos jogos dramáticos

Características distintas dos gêneros lírico, épico e dramático são apresentadas por Anatol Rosenfeld (2004) que nos possibilitam um estudo mais direcionado para apreendê-los de forma mais confortável. No gênero lírico "[...] uma voz central sente um estado de alma e o

traduz por meio de um discurso mais ou menos rítmico." (ROSENFELD, 2004, p. 17), visíveis em seus versos. Uma voz subjetiva, um eu-lírico expressa seus sentimentos em relação ao mundo e às coisas. É o "Eu" com seus encontros e desencontros, encantos e desencantos no qual "Prevalecerá a fusão da alma que canta com o mundo, não havendo distância entre sujeito e objeto" (ROSENFELD, 2004, p. 23). O gênero épico, para o autor, caracteriza-se por ser mais objetivo e por apresentar um narrador que

> [...] não exprime os próprios estados de alma, mas narra os de outros seres. Participa, contudo, em maior ou menor grau, dos seus destinos e está sempre presente através do ato de narrar. Mesmo quando os próprios personagens começam a dialogar em voz direta é ainda o narrador que lhes dá a palavra, lhes descreve as reações e indica quem fala[...]. (ROSENFELD, 2004, p. 24).

Por sua vez, o gênero dramático "[...] se apresenta como se estivesse autônomo, absoluto (não relativizado a um sujeito), emancipado do narrador e de inferência de qualquer sujeito, quer épico, quer lírico." (ROSENFELD, 2004, p. 27).

Depreende-se dessas afirmações que nos gêneros lírico e épico não há uma busca do outro, interação com o mundo do outro, como é o caso do texto teatral. Pertencente ao gênero dramático, apresenta características de textos épicos e líricos sem necessariamente se fundir a eles. Um texto que, por possuir uma linguagem expressiva, dinâmica, dialogada, corporal e gestual, ajuda na performance da fala dos alunos, na transmissão de atos de fala coletiva, desperta e estimula a busca por conhecimentos não só linguísticos, mas o estudo da arte cênica, da literatura, proporcionando crescimento cultural. É uma escrita que envolve a assimilação de diversos saberes divertindo, humanizando, conscientizando, conduzindo o aprendiz a refletir sobre os contextos em que está inserido.

Trabalhar o texto teatral em sala de aula é explorar uma linguagem passível de mais de uma interpretação, em que a verossimilhança e a mímese se realizam por meio das falas e ações das personagens, ativando a mente do leitor ao dar vida a esses seres fictícios, situando-os no tempo e espaço. É uma escrita estruturada em diálogos, característica do gênero dramático que, segundo Rosenfeld (3004, p. 18) "[...] se o texto se constituir principalmente de diálogos e se destinar a ser levado à cena por pessoas disfarçadas que atuam por meio de gestos e discursos no palco, saberemos que estamos diante de uma obra dramática."

Nesse sentido, podemos afirmar que o texto teatral pertence ao gênero dramático, visto que os fatos são apresentados pelas próprias personagens que os vivenciam e os sentem, oferecendo maior carga emotiva e verossímil. O texto constrói "[...] suas cenas enunciativas

através de um jogo de relações internas ao próprio texto" (MAINGUENEAU, 1996, p. 16), cujos diálogos são um leque de possibilidades para o estudo de Língua Portuguesa, contribuindo para que o aluno adquira conhecimentos "linguístico, enciclopédico ou conhecimento de mundo, sociointeracional" (KOCH, 2015, p. 58), assim como é uma escrita capaz de fazer os alunos se enxergarem como agentes da sua própria aprendizagem. Que não sejam, como afirma Paulo Freire (2011) "pacientes acomodados" a receberem passivamente as palavras do professor como detentoras do saber, mas que sejam também os fazedores do conhecimento. O texto teatral, como literatura que é em sua essência, "[...] nos torna mais inteligentes, ou diferentemente inteligentes." (COMPAGNON, 2009, p. 39), dialogando com o leitor e suas habilidades discursivas, fazendo-o usufruir dos conhecimentos obtidos a partir da leitura.

No entanto, para que a leitura em sala de aula do texto teatral consiga obter resultados positivos, necessária se faz uma prática, por parte do professor, que seja convidativa, atrativa e dinâmica. Uma técnica que contém esses requisitos são os jogos dramáticos de Viola Spolin (2010), por proporcionar desenvoltura do corpo, da voz, da confiança e trabalho em grupo. Com um trabalho que prioriza a improvisação, essa autora e diretora de teatro desenvolveu jogos teatrais como facilitadores para a integração social e para o desenvolvimento do trabalho em grupo. São jogos de estruturas simples e que buscam solucionar problemas, ajudando os participantes do jogo a desenvolverem autonomia e superar desafios, por meio de estímulos corporais e intelectuais. A autora valoriza o brincar por desenvolver habilidades necessárias ao jogo teatral, permitindo interação social, desenvolvimento do autoconhecimento, criatividade e espontaneidade; jogo que, em sua concepção

> [...] é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos envolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer. (SPOLIN, 2010, p.4).

Por fim, unimos teoria e prática, por meio de jogos dramáticos, com a intenção de dar espaço ao aluno, figura central deste trabalho, na sua formação de leitor hábil, capaz de fazer inferências, buscando caminhos para se aprimorar cada vez mais como leitor, correspondendo satisfatoriamente às condições para adentrar no mundo do letramento literário.

1.3 Outros olhares sobre o texto teatral na formação de leitores literários

O texto teatral é um importante recurso para a formação de leitores, como foi possível conferir, ao fazer um levantamento do estado da arte, em pesquisa nos repositórios do Profletras e no repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram encontrados alguns trabalhos que abordam a leitura do texto teatral para a formação de leitores proficientes, como a dissertação de mestrado de Daniele Santana da Silva (2018), da Universidade Estadual de Feira de Santana, intitulada *Corpo a corpo com o texto literário: um espetáculo em muitos atos nas aulas de Língua Portuguesa*, em que a autora se volta para a importância da corporeidade e da escrita. Por meio do texto teatral *Baile do Menino Deus*, um auto de natal escrito por Ronald Correia de Brito e Francisco Assis de Lima; utilizando as estratégias de leitura de Rildo Cosson e estratégias de jogos teatrais, a autora trabalha os elementos que compõem o teatro: palco, cenário, público, atores, sons, corpo e voz, com o objetivo de despertar nos alunos o gosto pela leitura literária e pelo fazer teatral.

A dissertação de mestrado de Jose Hilton Silva Dantas (2018), da Universidade Estadual da Paraíba, denominada *A magia da palavra: o texto teatral para a formação de leitores*, o autor também apresenta as contribuições que o texto teatral oferece na formação de leitores literários. A obra escolhida para desenvolver as atividades foi *Novas Aventuras de João Grilo*, de Lourdes de Ramalho, escrita em estilo de cordel. Orientou-se pela sequência básica de Rildo Cosson e, por meio da pesquisa-ação, desenvolveu oficinas de teatro com atividades que contribuíram para que os alunos identificassem a estrutura composicional do texto literário, temas e dados do autor, proporcionando o conhecimento do gênero teatro, o qual foi estudado e executado no final da pesquisa com produção textual e encenação teatral, sob uma visão social e pedagógica.

Benedito Olinto da Silva (2018), da Universidade Estadual da Paraíba, na sua dissertação de mestrado *Encontro com a leitura literária – o texto dramático e a formação de leitores no ensino fundamental*, por meio do estudo da obra *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, discorreu sobre a importância do estudo de textos dramáticos na formação de leitores literários críticos, destacando os elementos da cultura popular nordestina, propondo alternativas para a leitura e produção textual. Adotou a pesquisa qualitativa, de cunho documental e pesquisa-ação e o modelo metodológico da sequência expandida para o letramento de Rildo Cosson. Sob o viés das propostas do livro didático de Língua Portuguesa adotado pela escola e

da *Revista Nova escola*, propõe alternativas para o uso do gênero dramático de forma produtiva para a leitura e produção textual, aproximando o aluno dos textos literários.

Andrea Cavalcanti Monteiro Alves (2019), também da Universidade Estadual da Paraíba, argumenta na sua dissertação de mestrado *Práticas de letramento literário no ensino fundamental: leitura e interpretação de O Santo e a Porca, de Ariano Suassuna*; sobre a importância das práticas teatrais na escola, em especial no ensino fundamental, por apresentar diferentes linguagens que estimulam habilidades e competências necessárias ao alunado. Defende a importância do texto peça teatral para ampliar o conhecimento literário e o desenvolvimento da oralidade. Por meio da pesquisa-ação, com olhar bibliográfico e análise qualitativa dos dados, da sequência didática de Rildo Cosson, desenvolveu habilidades leitoras propostas pela *Base Nacional Comum Curricular*, culminando sua pesquisa na produção de resenhas críticas acerca da obra, por parte dos alunos.

Eduardo Dias da Silva (2014), da Universidade Federal de Brasília, professor de Francês, ao observar as mudanças de postura corporal dos alunos na expressão oral, desenvolveu sua pesquisa buscando analisar essa relação entre voz e corpo. Para isso escolheu o texto teatral como suporte, por apresentar diversas vozes com suas entonações, nas figuras das personagens. Sua dissertação de mestrado denominada *A-tua-ação: o texto teatral, o corpo e a voz como mediadores na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira (Francês)*, está alicerçada na metapesquisa qualitativa na modalidade de análise documental, na perspectiva hermenêutica-fenomenológica. Observou o fazer pedagógico de professores que utilizavam o teatro e sua relação com o corpo e voz, chegando à conclusão de que o texto teatral facilita o estudo de língua estrangeira no Brasil e de que o teatro é um facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

Eliana Ferreira dos Santos (2016), da Universidade Federal de Campina Grande, por sua vez, na sua dissertação de mestrado *Atividades de letramento: a retextualização do gênero textual peça teatral no 8º ano do ensino fundamental*, versou sobre as contribuições do uso do texto peça teatral para o ensino, a retextualização do gênero e o letramento na oralidade e na escrita, com o objetivo de contribuir no desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos. Utilizou a metodologia de natureza descritiva, qualitativa e de base etnográfica e fundamentou sua pesquisa na Linguística Enunciativa e Textual, sob a perspectiva sociointeracionista, com o objetivo de minimizar a resistência às atividades com a oralidade e a escrita encontrada nas práticas em sala de aula

Por fim, temos a dissertação de mestrado de Ana Lúcia da Silva Cabral de Mendonça (2019), da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como título *A representação da oralidade no texto teatral: entre a escrita e a encenação.* O texto teatral é abordado por meio da Análise da Conversação nas séries iniciais da Educação Básica, destacando a aquisição da escrita e formação de leitores; como ocorre o processo da oralidade nesse gênero textual escrito e verifica os fenômenos ligados à oralidade e à representação cênica, objetivando habilitar os alunos para os multiletramentos.

Nosso trabalho foi voltado também para o estudo do texto teatral e por entendermos ser a leitura um dos grandes problemas para o baixo desempenho escolar, focamos na leitura expressiva para que os alunos possam desenvolver habilidades leitoras, atendendo satisfatoriamente a habilidade do *Referencial Curricular do Estado de Sergipe*.

> (EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc. (SERGIPE, 2018, p. 386).

Assim, a sala de aula será o palco de saberes a cada atividade desenvolvida de forma que o aprendiz possa diferenciar os elementos composicionais do texto teatral e entender a importância de cada um na construção do texto.

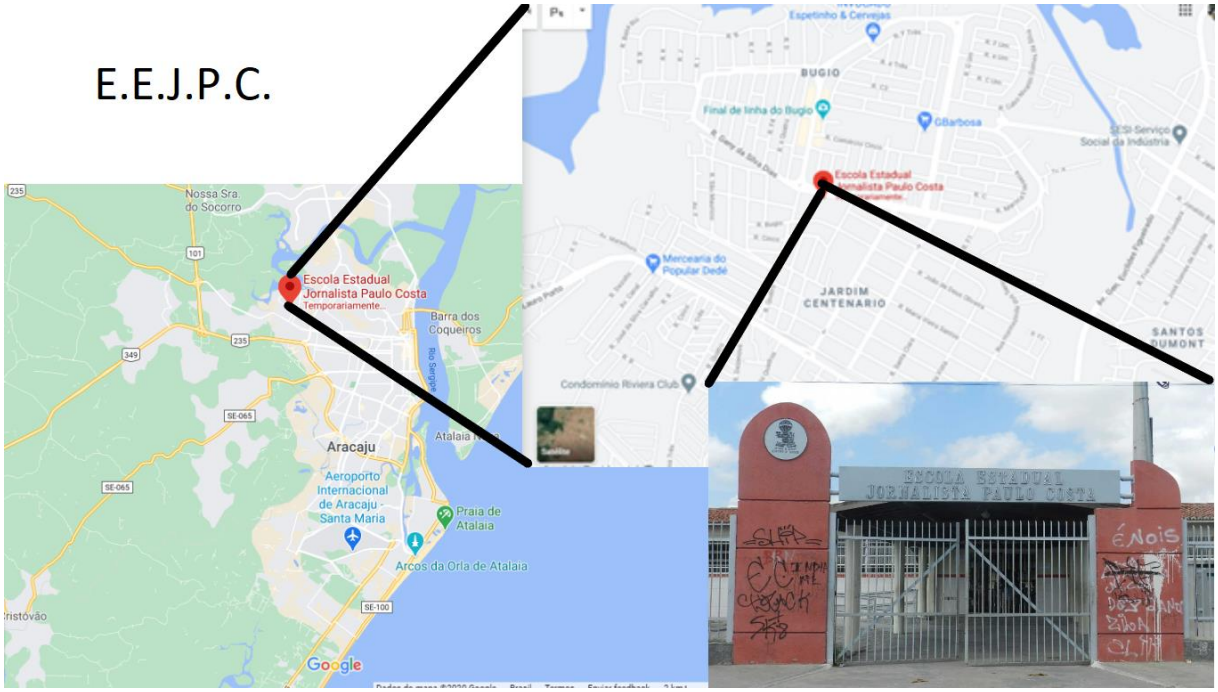
Após fazer uma pesquisa do estado da arte e perceber como o texto teatral desperta interesse para ser trabalhado em sala de aula, seja para produção cênica, para produção textual ou letramento na oralidade, nosso trabalho tem como diferencial estudar a importância do papel que cada elemento composicional exerce na construção do texto teatral que, alinhando teoria à prática por meio de jogos dramáticos, oferece aos alunos do nono ano das séries finais do ensino fundamental o contato com a literatura de forma prazerosa e, assim, possam perceber a importância dos estudos literários na aquisição de conhecimentos, favorecendo, inclusive, uma aprendizagem mais efetiva nas outras disciplinas..

Para isso, o texto escolhido foi *Coeteris Paribus,* do autor sergipano Cícero Alberto, valorizando a cultura regional e contribuir, dessa forma, para a difusão da cultura e da literatura sergipana. É um texto de cunho social e político que, por meio de suas personagens, revela uma sociedade de opressores e oprimidos. Temática que contribui para despertar no aluno a consciência política e torná-lo sabedor de como o conhecimento pode, favoravelmente, interferir e mudar o curso da sua história.

2 CAMINHOS TRILHADOS RUMO AO CONHECIMENTO: METODOLOGIA

2.1 Escola e sujeitos de estudo

A leitura do texto teatral e os estudos dos seus elementos composicionais são grandes aliados na formação de leitores literários proficientes e uma ferramenta de grande valia no fazer pedagógico, por facilitar não só o conhecimento de conteúdos e de mundo, mas o conhecimento do homem como ser social e individual, por isso, foi proposto o desenvolvimento deste trabalho na Escola Estadual Jornalista Paulo Costa, localizada no conjunto habitacional Assis Chateaubriand, bairro Matadouro, situada na Avenida Centenário s/n, zona Noroeste do município de Aracaju – Sergipe (ver mapa 1).



Mapa 1 – Localização da E.E.J.P.C. (Fonte: Google Maps 2020)

Escola que oferece nos turnos matutino, vespertino e noturno o ensino fundamental do 6º ao 9º ano, ensino médio, EJA e EJAEM, contabilizando um total de 988 alunos e demonstrou um rendimento insatisfatório no nível de aprendizagem, de acordo com o IDEB, como mostra o gráfico a seguir:

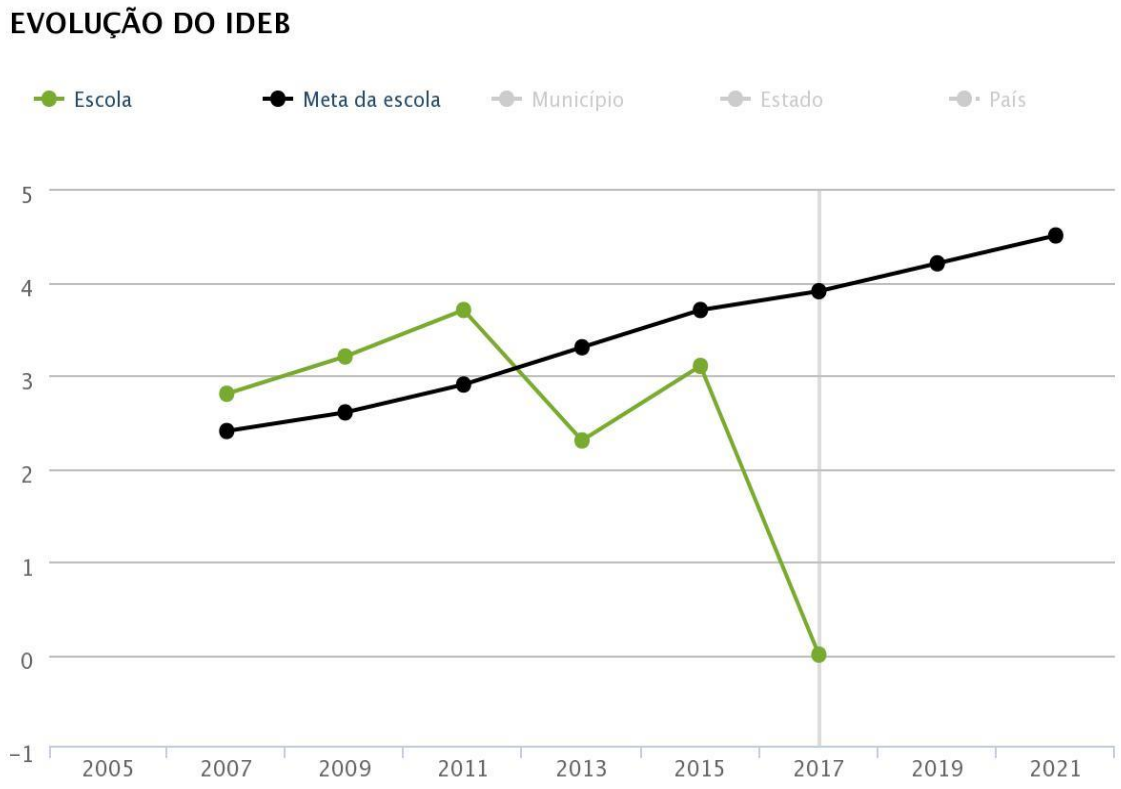


Gráfico 1. IDEB da Escola Estadual Jornalista Paulo Costa.

Conforme o gráfico 1, a partir de 2013 a escola vem demonstrando uma queda significativa no nível de leitura e interpretação e no nível de proficiência. Em 2015, dos nonos anos apenas 4% dos alunos avaliados foram além da expectativa, 16% obtiveram um aprendizado esperado, 59% demonstraram pouco aprendizado e 21% quase nenhum aprendizado. Em 2018, a taxa de rendimento nos nonos anos teve como resultado 167 reprovações, 23 abandonos e 305 aprovações. Diante dos resultados apresentados e pelos resultados no nível de leitura e interpretação na série final do ensino fundamental é que este trabalho teve, inicialmente, como sujeitos de pesquisa, alunos do nono ano. Uma turma com 25 alunos, sendo 14 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. O processo de leitura tem como foco o texto teatral *Coeteris paribus* que significa em Latim "todos juntos ou todos iguais" com seus elementos composicionais, tais como: rubrica, personagem, ações, cena, espaço e tempo. Obra escrita pelo dramaturgo sergipano Cícero Alberto (1983).

2.2 Em cena o autor e sua obra

Natural de Batalha, estado de Alagoas, mas sergipano de coração ao se fixar com sua família em Aracaju aos 9 anos de idade. Formado em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal de Sergipe e professor das redes municipal e estadual de ensino, começou sua carreira no teatro em 1975 quando, juntamente com um amigo de escola, fundou o Grupo Delta de Teatro, o qual era vinculado à paróquia São Judas Tadeu, na comunidade do Bairro América, em Aracaju.

Em 1997 começou a participar do movimento teatral sergipano e tornou-se um dos fundadores do Grupo Aspectus, que meses depois se transformaria no Grupo Teatral Imbuaça, no qual ficou até 1980. Apesar da grande paixão pelo teatro de rua, Cícero Alberto quis experimentar o teatro de palco e passou a integrar o Grupo Check-Up de Espetáculo, o qual era vinculado ao Serviço Nacional de Comércio (SESC), sob a direção de Bosco Scaffs, com o qual afirma ter aprendido muito sobre a preparação de atores e a produção de espetáculo.

Em 1983 escreveu o texto *Coeteris Paribus*, dirigiu e atuou como ator juntamente com seus alunos. Segundo o autor, foi a experiência teatral mais rica de sua carreira.

> Foi uma experiência fantástica da qual nunca me esquecerei. O cenário e o figurino foram concebidos e executados pelos próprios estudantes. Eles confeccionaram e pintaram o cenário, confeccionaram os adereços de cena, além do figurino. Claro que tudo muito discutido e coerente com a proposta do nosso trabalho. (ALBERTO, 2020)

A partir dessa afirmação, pode-se dizer que o texto teatral permite com que o aluno se sinta incluído no processo de construção ao encontrar espaço para ouvir e ser ouvido e sua criatividade aceita e valorizada, contribuindo na sua formação como cidadão emissor e receptor de conhecimentos.

Em 1984 fundou o Grupo Imagem ao qual pertence até a atualidade e no qual tem atuado como ator, diretor, dramaturgo, sonoplasta, cenógrafo e figurinista. Grupo que se consolidou no cenário sergipano como aquele que prepara o seu ator e atriz com conhecimentos das técnicas inerentes à arte do ator, como também a história do teatro e os elementos essenciais de uma montagem teatral. Como dramaturgo escreveu: *Coeteris Paribus* (1983); *Bip...Bip...Aracaju* (1986) (teatro de rua); *Por que os tigres quando pulam em cima da gente gritam olá?* (1987); *Futilidades Públicas* (1989); *Marly Megalô* (1990); *Nos Labirintos da Escuridão* (1994); *Salve-se Quem Puder* (1994); *A música Que Vem do Sótão* (1997); *O Sonho de João Bebe Água* (1998); *Belo Belo: Manuel Bandeira, Retrato de Uma Vida Inteira* (1999),

em parceria com Rogério Feolli; *Espelhos* (2013), entre outros. Participou também de vários projetos de leituras dramáticas, ministrou oficinas de expressão corporal, história do teatro, interpretação, teatro infantil, entre outros.

No que concerne ao estilo, o autor, em um diálogo exploratório, diz não ter um definido, por não gostar de se sentir preso. Ele foi se adequando aos estilos que foram forjados ao longo dos séculos pela literatura, mas afirma:

> Tenho uma queda por algumas linhas de encenação que passam pela comédia, pelo drama, pelo absurdo, pelo Surrealismo etc. Em nível de Brasil, gosto do trabalho de Augusto Boal, já que teatro político é uma praia pela qual adoro transitar. (ALBERTO, 2020).

As obras de Cícero Alberto apresentam teor político, questionador, crítico e social. Mesmo em suas comédias, acende uma luz questionadora nos leitores e espectadores, levando-os a se perguntarem qual o papel que encenam nesta vida: o de opressor ou de oprimido. O que justifica seu gosto pelo método do teatrólogo brasileiro Augusto Boal, criador do (TO) Teatro do Oprimido. Método que

> [...] é um conjunto de técnicas e jogos destinados ao exercício teatral, com o propósito de fortalecer a formação política e estética de sujeitos oprimidos, visando à humanização e à busca pela superação das opressões, seja de ordem social, psicológica ou simbólica. [...] O TO surge como um campo de expressões humanas, produção de sentidos, de vivências coletivas e formação política apoiando-se no tripé palavra-som-imagem. (NETO; OLIVEIRA, 2019, p. 72)

É um método que possui estratégias que, quando colocadas em prática, se transformam em valiosas ferramentas para que o oprimido se sinta fortalecido para se libertar das amarras do opressor ao tomar conhecimento das suas potencialidades, em especial nesse momento de opressão social, política, econômica e de expressão de ideias que vive o cidadão brasileiro.

Levar para a sala de aula, como prática pedagógica, o estudo do texto teatral *Coeteris Paribus* de Cícero Alberto é oferecer aos jovens estudantes a oportunidade de reflexões acerca da realidade vigente em seu país e torná-los mais conscientes da importância do estudo como transformador de realidades opressoras e oprimidas.

Esse dramaturgo sergipano nos presenteou com um texto escrito em 1983, que comprova a atemporalidade da literatura. Uma obra escrita para ser encenada por uma turma de alunos do Colégio Veja, escola da rede privada de Aracaju, com uma temática que não deixa de ser atual que é a situação de vulnerabilidade do ser humano perante um grupo social que o explora e de como a união de um povo pode transformar uma sociedade opressora.

O texto retrata os conflitos entre os habitantes de uma sociedade tribal e o chefe que explora o seu povo. Enfatiza a situação de miséria, maus tratos, trabalho escravo e as consequências sofridas por aqueles que lutam por condições melhores. As personagens são caracterizadas apenas por suas ações e comportamentos, sem haver descrição física. Na obra apenas três recebem nomes próprios e as demais são chamadas de persona, homem, mulher, sacerdote, chefe e feiticeiro, como se todos fossem iguais no sofrimento; assim como são iguais, em atitudes de dominação, os que estão no poder. Somente Titus é identificado em todo o texto pelo nome próprio. Em uma cena, a mulher 2 e o homem 2, em um momento de emoção, se chamam pelo nome próprio, como se se individualizassem ao ocorrer um pouco de felicidade, voltando a serem chamados de homem e mulher em todo o texto. As personagens persona, homem e mulher representam o povo trabalhador que é explorado. São ludibriados facilmente, capazes de entregar o líder à morte. O chefe e o sacerdote configuram o poder. Titus representa a figura do líder, o que tenta conscientizar os demais sobre as injustiças sofridas, personagem que personifica paz, liberdade, bondade, justiça, perdão e união.

O texto está escrito em um ato, pois não apresenta mudança de cenário e suas orientações para encenação possibilitam reconhecer e delimitar as 21 cenas. Alguns acontecimentos se destacam como o quadro de miséria, escravidão e violência que vivem os trabalhadores; a cena de traição quando Titus é levado ao palácio pelo seu povo como sacrifício para aplacar a fúria do deus Sol; o terceiro terremoto que vai mostrar que todos são iguais perante as forças da natureza. É a partir desse fenômeno que o chefe muda seu comportamento ao ser socorrido por aquele que seria morto injustamente.

> CHEFE – Eu prometo que vou mudar e fazer desta tribo uma comunidade de irmãos. Eu estou me sentindo livre porque consegui me livrar do medo de perder o poder. Perdi o desejo ambicioso de dominar tudo e a todos. Sinto-me agora um de vocês. Devo agradecer isso a um homem que é verdadeiramente um homem: Titus! Se não fosse ele não sei o que seria de nós! (ALBERTO, 1983, p. 14).

É uma obra que tem seu ponto alto na proposta de que uma sociedade caótica só pode mudar se todos estiverem unidos, organizados em torno de um interesse comum. Uma sociedade em que o amor pelo poder e pelo dinheiro não seja maior que o respeito pelo direito que todos têm de viver dignamente sua liberdade.

A escolha do texto se deu por conter os elementos composicionais a serem trabalhados com uma linguagem expressiva, dinâmica, dialogada, corporal e gestual, e pela temática tão atual e próxima à realidade dos alunos. Temática que provoca discussões acerca dos problemas

atuais, dando voz aos discentes para se posicionarem de forma reflexiva e crítica sobre os temas sociais abordados na obra como: exploração do trabalhador, a fome, a miséria, trabalho escravo, o sofrimento de um povo, o medo de se rebelar, traição, a presença de um líder que resolve lutar pelo seu povo sem usar de violência, sem armas, atitude muito bem retratada na fala da personagem Titus: " –. Eles também são oprimidos porque não permitem a liberdade dos outros Não, nada de armas e muito menos de violência. Não podemos e não devemos vestir a mesma roupa dos nossos opressores" (ALBERTO, 1983, p. 5).

Com linguagem simples, poética, com pitadas de humor, inicia o texto fazendo alusões à criação do homem, da família e da sociedade.

> PERSONA III – E brotou da semente da criação de um artista louco o primeiro homem e a primeira mulher. Cresceram e reproduziram. Formaram a família e a sociedade. Começou o grande conflito da existência e uma história feita de altos e baixos, de desesperos e esperanças. (ALBERTO, 1983, p. 1)

Um texto que leva o aluno ao mundo das palavras literárias, cheias de lirismo.

> PERSONA VI – A poesia da vida brotou do silêncio que despertou o universo e coloriu as plantas de verde, e projetou das rimas a água para saciar a sede. A música nasceu de um parto sem dor para harmonizar os sons engravidados pela própria vida. (ALBERTO, 1983, p. 2).

O dramaturgo vai revelando os conflitos e sofrimentos das personagens no decorrer das cenas: "TITUS – Olha aí, gente, o que eles querem fazer conosco! Nos massacram neste trabalho miserável... (RECEBE UM TAPA DO FEITOR)" (ALBERTO, 1983, p. 3). De forma sutil, o autor faz uma crítica à influência da religiosidade, na figura do Sacerdote que, em conluio com o chefe da tribo, coloca o povo contra aquele que não aceita a situação de opressão e de exploração. Alegando que os dias sem a luz do sol que estavam passando, tremor de terras, acontecimentos catastróficos sem explicação, impossibilitando o trabalho da caça e da pesca, eram um castigo do deus Sol e que este só acalmaria sua fúria com um sacrifício humano, incita o povo a entregar o seu líder à morte.

Os conflitos e o caráter das personagens vão sendo revelados, prevalecendo no final a justiça e a vitória do bem. Em virtude de um terremoto, o líder consegue se salvar e embora tendo enfrentado a ingratidão do seu povo, instaura a paz e a união entre todos, deixando uma mensagem bastante significativa.

> PERSONA IV – A paz só será possível quando todos os individualismos forem banidos do coração dos homens. A paz só será alcançada quando percebermos que só podemos crescer em comunhão com o mundo e com todas as pessoas. (ALBERTO, 1983, p. 15).

Assim, por ser um texto com temática política e social, capaz de despertar nos alunos o senso crítico e questionador, contribuindo para que sejam protagonistas no aprender e no fazer de forma dinâmica e criativa, que essa peça teatral foi escolhida. Ela nos possibilita contribuir para o aprimoramento e o despertar da leitura literária em que todos os olhares estejam voltados para a realização de leituras proficientes, vendo o discente de forma integral, como propõe o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Estadual jornalista Paulo Costa:

> Para a educação integral é fundamental que a questão da multidimensionalidade dos sujeitos esteja contemplada em todos os aspectos do processo de ensino aprendizagem, garantindo interações e estratégias que garantam o desenvolvimento não apenas intelectual, mas também social, emocional e cultural. [...] na Educação integral os conteúdos acadêmicos se articulam aos saberes dos alunos e comunidades, dialogam com diferentes linguagens e compõem experiências formativas que envolvem e integram conhecimento do corpo, das emoções, das relações e códigos socioculturais. (EEJPC, 2020, p. 8).

Diante dessa afirmação, percebe-se que trabalhar com o texto teatral e a prática do teatro em sala de aula é fundamental por trazerem diferentes linguagens que pedem a interação da mente, corpo e voz, em que expandem as emoções de forma que o sujeito aprendiz se conheça melhor e, como ser social, se compreenda na interação com o outro.

2.3 E faça-se a luz: construção do caminho metodológico

O presente trabalho foi fundamentado na metodologia qualitativa, com viés bibliográfico que de acordo com Gil (2019, p. 176) "[...] baseia-se no pressuposto de que a realidade pode ser vista sob múltiplas perspectivas [...] o pesquisador qualitativo busca reduzir a distância entre ele e o que está sendo pesquisado". É um método que possui "[...] flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coletas de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação do que está sendo feito." (MARTINS, 2004, p. 292). A flexibilização se fez presente ao perpassarmos por pensamentos teóricos de estudiosos que se dedicaram e se dedicam ao estudo da leitura, do texto teatral, da literatura e do teatro e do diálogo exploratório com o autor do texto teatral escolhido para ser estudado e "Como essa metodologia trabalha sempre com unidades sociais, ela privilegia os estudos de caso – entendendo-se como caso, o indivíduo, a comunidade, o grupo, a instituição." (MARTINS, 2004, p. 293); foram focos deste trabalho o aluno e sua dificuldade leitora, a sala de aula como espaço de socialização e conhecimento e o grupo na prática coletiva do estudo dos elementos constitutivos do texto teatral, tendo, como mediador na possibilidade de concretização da pesquisa, o professor-pesquisador que faz da sala de aula o ambiente natural do seu trabalho e pesquisa.

O ambiente onde o pesquisador e o objeto de pesquisa estão inseridos assume grande relevância para maior compreensão do fenômeno a ser estudado e possibilita ao professor-pesquisador maior riqueza de análise dos dados por ser conhecedor do contexto em que o trabalho está sendo realizado coletivamente.

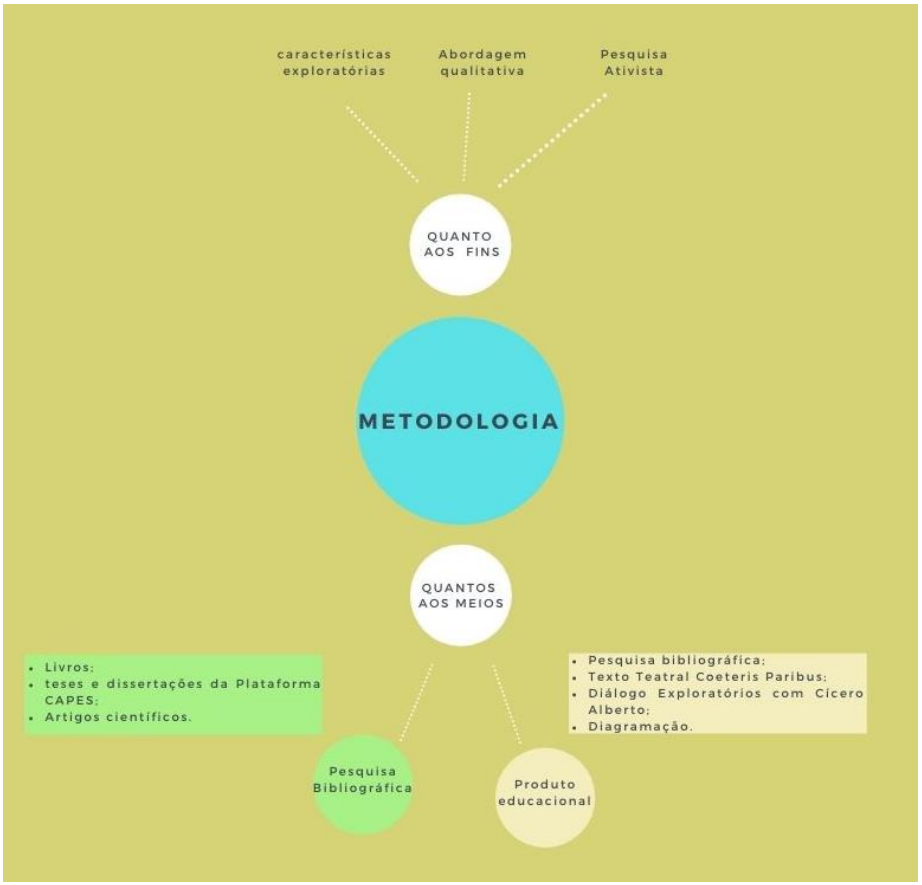
A teoria e a prática dialogam harmoniosamente neste trabalho seguindo a linha de pensamento da pesquisa ativista que:

> Seja de uma forma implícita ou explícita, toda a teoria implica uma prática, seja ela de que tipo for; inversamente, toda a prática é enformada por alguma teoria, seja ela explícita ou implícita. [...] deveremos ocupar-nos da correlação entre a teoria e a prática independentemente de essas teorias e essas práticas terem origem na universidade ou fora dela[...] (SANTOS; MENESES, 2010, p. 157-158)

Dessa forma, trilhamos caminhos da pesquisa ativista em que a teoria e a prática se alinham e caminham juntas, "[...] baseada em valores partilhados convergindo para objetivos comuns [...]" (SANTOS; MENESES, 2010, p. 158), considerando os caminhos percorridos e conhecimentos adquiridos, não só nas cadeiras da sala de aula, mas também nos ambientes sociais em que o aluno está inserido, convidando-o a agir na aquisição de conhecimentos, seja de si mesmo, do outro ou do meio social para que busque derrubar os muros das desigualdades e injustiças sociais por meio da força que o saber possui.

Para o professor-pesquisador, direcionar o seu trabalho com a pesquisa ativista é poder encaminhar o seu fazer pedagógico para despertar o senso crítico do aluno. É priorizar uma educação voltada para a liberdade de ideias, principalmente no contexto político, social, cultural e econômico que o Brasil vive atualmente, em que ideais e sonhos são oprimidos.

Faz-se necessário que o professor em sala de aula não se deixe amordaçar pela cultura dominante e possa, por meio desta arte de despertar consciências que é a educação, oferecer condições para o seu aluno entender que o estudo oferece conhecimentos que o ajudarão a mudar a realidade opressora de sonhos e de liberdade de expressão. É papel do professor ativista não deixar que o desejo de transformar uma realidade opressora morra nos corações desses jovens estudantes que trilham o caminho acadêmico em busca de uma realidade voltada para o social e para o bem da coletividade.



Mapa 2 – Mapa esquemático resumido da metodologia.

No mapa acima é apresentado um esquema resumido do percurso metodológico utilizado neste trabalho para construção do caderno pedagógico e demais elementos que constituem a pesquisa.

2.4 Sala de aula: o palco que solicita o texto teatral escrito

A sequência didática contida neste trabalho propõe a leitura e o estudo do texto teatral e seus elementos em 11 aulas, denominadas como cenas, apresentando proposta de como realizar a leitura em um processo interativo aluno/texto/professor. Em virtude da pandemia que estamos enfrentando com a COVID – 19, isolamento social e interrupção das aulas nas escolas, não foi possível a aplicação do teste diagnóstico.

Entretanto, antes da suspensão das aulas presenciais, foi realizado um diálogo exploratório com os alunos, pela professora, para saber se tinham o hábito de ler e se conheciam o texto teatral, seus elementos composicionais e suas funções. Os alunos foram questionados especificamente com relação ao texto teatral da seguinte maneira:

1. Após terem lido os exemplos de texto dramático, épico e lírico, conseguem diferenciar um do outro?
2. O que é um texto teatral?
3. O que é uma rubrica e para que ela serve em um texto teatral?
4. Há diferença entre personagens de um romance e personagens de um texto teatral?
5. O que é uma personagem protagonista e personagem antagonista?
6. O que é espaço e tempo cênico e dramático em um texto teatral?
7. Já fizeram alguma atividade de caracterização de personagem nas aulas de Língua Portuguesa?
8. Gostariam que atividades fossem feitas em sala de aula com a leitura do texto teatral?

Dessas perguntas, houve apenas unanimidade ao responderem que gostariam que o texto teatral fosse lido e estudado na sala de aula. Falaram que sabiam identificar as personagens, mas não classificá-las em protagonistas e antagonistas e que não sabiam o que são espaço e tempo cênico e dramático.

Mesmo considerando, neste momento, a hipótese da dificuldade de respostas por parte dos alunos, ficou visível a necessidade de se levar o texto teatral para a sala de aula.

Estudar os seus elementos composicionais por meio de leituras oralizadas com base nos pressupostos de Stanislavski, valorizando a emoção, a imaginação, a memória afetiva, a improvisação, o corpo e a voz, por serem materiais essenciais para a criação.

> [...] cada movimento que vocês fazem em cena, cada palavra que dizem, é resultado da vida certa das suas imaginações. Se pronunciarem alguma fala ou fizerem alguma coisa mecanicamente, sem compreender plenamente quem são, de onde vieram, por quê, o que querem, para onde vão e o que farão quando chegarem lá estarão representando sem imaginação. (STANISLAVSKI, 1964, p. 103-104).

Para o autor, a imaginação leva o ator a buscar em suas memórias a emoção necessária para ser convincente em sua arte. Magaldi (1994) afirma que:

> [...] o objetivo fundamental das pesquisas stanislavskianas é estabelecer a total intimidade entre o ator e a personagem, para que haja identificação de ambos. [...] Ninguém foi mais longe do que Stanislávski na pesquisa da verdade íntima, no trabalho de interiorização, nessa procura de um colóquio alucidamente sincero, cujo ideal é a entrega do ator à personagem. Pensa-se, com este procedimento, alcançar a fusão do intérprete com o papel, fornecendo ao espectador a ilusória possibilidade de escutar e ver agir a própria personagem e não quem a representa. (MAGALDI, 1994, p. 29-30).

Logo, o leitor-ator, em contato com as possíveis realidades que as personagens vivem na escrita, verá refletidas nelas as realidades que circulam o contexto em que está inserido e se sentirá à vontade para interagir com esses seres fictícios com seus conflitos, desejos e alegrias.

A emoção, a imaginação, a improvisação na realização das leituras oralizadas são para que os sentimentos e a verdade das personagens sejam passados para o ouvinte com toda a carga emotiva, por meio de uma linguagem expressiva, dinâmica, dialogada, corporal e gestual. Além disso, irá propiciar aos alunos a descoberta de novas potencialidades, conhecimentos, autoconhecimento e segurança para inferirem na construção de sentidos no texto e na própria vida.

Portanto, em seguida, serão apresentadas as sequências de aulas, que foram denominadas cenas, em virtude da temática abordada neste trabalho de intervenção.

2.5 SEQUÊNCIA DAS CENAS

O produto desenvolvido neste trabalho está composto por uma sequência didática de forma que cada passo da mesma foi denominado aqui de cenas. Os principais elementos que a compõem estão apresentados na Figura 1.

Figura 1. Texto teatral e seus elementos trabalhado no produto. (fonte: Autora)

2.5.1 Objetivos

- Realizar leituras do texto teatral *Coeteris Paribus,* de Cícero Alberto, proporcionando aos alunos condições para identificarem os elementos composicionais do texto teatral, suas características e funções;
- Associar teoria à prática para desenvolver as atividades propostas na sequência didática, motivando a improvisação, a oralidade, trabalho em grupo e a criatividade dos alunos, a fim de que eles consigam perceber os possíveis sentidos que o texto apresenta.

2.5.2 Objetos de conhecimento

- Leitura expressiva do texto teatral *Coeteris Paribus*, de Cícero Alberto Bento dos Santos;
- Caracterização dos gêneros épico, lírico e dramático;
- Rubricas de ação, interpretação e de espaço;
- Caracterização das personagens protagonistas e antagonistas;
- Estudo das cenas;
- Espaço cênico e espaço dramático;
- Tempo cênico e tempo dramático.

Habilidades da *Base Nacional Comum Curricular*

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2018, p. 158)

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slam*s, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blog*s e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como,

*vlog*s e *podcast*s culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs. (BRASIL, 2018, p. 158)

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (BRASIL, 2018, p. 160)

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação. (BRASIL, 2018, p. 161)

Tempo estimado de execução

- 11 aulas

Estratégias

2.5.3 Cena I (uma aula)

Neste primeiro momento, o objetivo é realizar uma conversa informal em que a professora apresentará a proposta para desenvolverem um projeto que terá como foco a leitura oralizada de um texto teatral, escrito por um autor sergipano, e que será associada teoria à prática nas atividades executadas, para facilitar a identificação e compreensão dos elementos composicionais do texto. Em seguida será proposto que, no final, seja feita uma mostra, na sala de aula, para os demais alunos, parentes dos alunos, equipe diretiva, funcionários e professores da escola, com os trabalhos executados durante a realização do projeto como: confecção de um painel com fotos tiradas durante a realização das tarefas e toda a criação de cenários e caracterização de personagens, montagem de cenas com o objetivo de incentivar os alunos à leitura e motivá-los a expressarem os conhecimentos artísticos.

2.5.4 Cena II (duas aulas)

A proposta desta aula é que seja iniciada com a entrega, por parte da professora, de exemplos impressos dos gêneros literários épico, lírico e dramático para serem lidos e visualizada a forma como estão estruturados, a fim de que os alunos possam perceber as características estruturais de cada texto. Nesse segundo momento, após leitura dos textos apresentados e comentários sobre as diferenças entre os gêneros lidos, a turma será dividida em três grupos. Os alunos do grupo 1 escolherão uma pessoa do seu convívio, ou da história local ou nacional que mereça ter sua vida retratada em uma obra épica e quais ações heroicas o torna um herói. O grupo 2 escolherá uma poesia ou letra de música que será levada pela professora, para dedicar a uma pessoa e explicar o porquê da escolha. O grupo 3 vai contar, de forma expressiva, uma cena da sua vida, ou de alguém conhecido. Para executar essa última atividade é interessante que os estudantes tenham um tempo para composição da cena e, de forma improvisada, apresentarem aos demais. A cada intervalo das atividades de um grupo para o outro, os discentes apontarão as características que conseguiram identificar por meio das dinâmicas que executaram, classificando os gêneros que trabalharam em épico, lírico ou dramático. Antes da execução dessa tarefa, haverá um momento de descontração com exercícios de relaxamento-esquentamento como: inspirar e expirar explorando mentalmente cada parte do seu corpo. Em seguida, todos de pé, farão movimentos livres, caminhando por todo o espaço da sala. A cada comando da professora, farão o que for solicitado: ficarem estáticos como estátuas; caminharem como bonecos duros, como bonecos moles e executarem movimentos de um animal de livre escolha. Esses exercícios possibilitarão melhor identificação do espaço, descontração, reconhecimento do corpo em suas possibilidades de movimentos, favorecendo, também, a imaginação, espontaneidade, criatividade; desenvolvendo nos aprendizes a autoexpressão. Como atividade para casa, a proposta é que entregue uma cópia do texto teatral *Coeteris Paribus* a cada um para que seja feita uma leitura e para que faça a caracterização de uma personagem com a qual mais se identificou e escolher uma ação que esta personagem fez que mais lhe chamou a atenção. Solicitar, também, que leve uma roupa confortável, bola de assopro para os exercícios, algumas peças de roupa, bijuterias, maquiagem para que seja trabalhada a caracterização de personagens no próximo encontro com o texto teatral.

2.5.5 Cena III (3 aulas)

Primeiro momento: Inicialmente a sugestão é que os alunos, sentados em posição de yoga, façam o exercício de respiração torácica e diafragmática para ajudar na dicção e relaxamento, tendo como fundo musical uma música harmoniosa. Depois efetuem a leitura de textos trava-língua e em seguida, com um lápis entre os dentes, leiam uma cena do texto. Logo após, encher a bola de assopro e em seguida fazerem a leitura da fala de uma personagem. A seguir, dizer com qual personagem se identificaram e qual ação lhes chamou mais a atenção. Propõe-se que seja feito um grande círculo e todos sentados de forma alternada: uns de frente para o círculo, outros de costas deem início à leitura do texto teatral *Coeteris Paribus*. Os estudantes que estiverem de frente para o círculo farão a leitura e os outros que estiverem de costas, com os olhos fechados, a um comando da professora, dirão a quem pertence a voz, exercitando a concentração por meio da percepção.

Segundo momento: Continuando a leitura do texto, recomenda-se que os educandos que estarão de costas para o círculo façam a leitura em blablação, imitando sons ao invés de palavras e os de frente para o círculo continuem lendo normalmente a cada comando da professora, prosseguindo de onde o colega parou. Esse exercício contribui para identificação do ritmo das palavras, das pausas, das entonações; estimulando a concentração.

Terceiro momento: Para esse momento a orientação é que cada discente use de imaginação para dizer tudo que for possível, que não está escrito no texto, sobre a personagem. Criar uma história que envolva o passado, presente e o futuro sobre esse ser fictício. Descrever as características físicas e psicológicas, o andar, o olhar, como se comporta, o que gosta, o que não gosta; colocando-se no lugar dele, buscando internamente experiências próprias, sentindo as emoções para assim dar-lhe uma identidade, uma existência. Ao estabelecer uma relação de intimidade, será efetuada uma leitura cheia de emoções, expressividade, em que o ato de se colocar no lugar do outro contribuirá para a formação de seres mais compreensivos, respeitosos e mais humanizados. Explicar também, a escolha da personagem,

identificando-a em protagonista ou antagonista e, em seguida, utilizando os materiais solicitados na aula anterior, caracterizar-se fisicamente como a personagem escolhida, sempre coerente com o texto e com as orientações das rubricas. Solicitar que escolha uma ação do texto que dê pista para caracterização psicológica. Para isso, pode acrescentar um adereço que tenha ligação com a caracterização psicológica. Essa tarefa proporciona trabalho em grupo, leitura atenta do texto e criatividade.

Quarto momento: Para essa aula, sugere-se que a professora leve para a sala de aula uma caixa de madeira, decorada externamente com figuras que representem a leitura, os elementos composicionais do texto teatral e o teatro. Dentro da caixa cartões impressos, com passagens do texto *Coeteris Paribus*, para que cada grupo sorteie um desses cartões e identifique se as rubricas escritas são de ação, interpretação ou de espaço. Se for de ação, de frente um para o outro, façam o exercício do espelho: um faz qualquer movimento e o outro imita. Se a rubrica for de interpretação, o grupo tem que fazer a leitura oralizada de uma cena do texto de acordo com o que for sorteado na caixinha mágica: ler como se estivesse contando um segredo, piscando os olhos, gaguejando, fazendo careta, sentindo dor de dente, crise de riso, cantando, caminhando rápido, em câmera lenta, ou dançando. Se a rubrica for de espaço, cada equipe deve lembrar cenas de um filme, ou um lugar conhecido que tenha ambiente igual ou semelhante ao cenário do texto *Coeteris Paribus* e apresentar por meio de mímica. Os colegas irão adivinhar qual é o filme ou o lugar e avaliarão se está coerente com a cena sorteada, de forma que o aprendiz perceba a presença de cenas na construção do texto teatral.

Quinto momento: Ao término das atividades, a recomendação é que seja solicitada aos educandos uma leitura de todo o texto teatral, colocando em prática a linguagem expressiva, dinâmica, dialogada, corporal e gestual trabalhada nos exercícios anteriores. A leitura oralizada se revelará diferente, com emoção necessária para que seja observada, pelo ouvinte, a verdade das personagens, porque estas foram individualizadas quando caracterizadas; inseridas em um espaço determinado de sua vida fictícia. O aluno-leitor, no ato da leitura, expressará os sentimentos desses seres fictícios, propiciando o encontro com o texto teatral de forma hábil e prazerosa. Concluindo esse

quinto momento, sugere-se que os alunos falem sobre o que acharam das dinâmicas e o que aprenderam dos elementos composicionais do texto teatral apresentados nessa cena. Para o próximo encontro, aconselha-se que os alunos levem lápis de cor, cartolina, papel madeira, papelão, cola, tesoura, fita adesiva, cestos, jornais, revistas, cabo de vassouras, pedaços de tecido, papéis coloridos, galhos e folhas de árvores e o que eles tiverem em casa que possam ser utilizados para criação de cenários.

2.5.6 Cena IV (3 aulas)

Primeiro momento: Nesse primeiro momento recomenda-se que haja uma conversa com Cicero Alberto, criador da obra estudada, a fim de promover um diálogo entre ele e os alunos. Sua visita se dará nesse momento por querer que nesse encontro haja participação mais efetiva dos alunos, de forma que seja possível observar a satisfação do escritor em ver as possíveis interpretações que sua obra desperta no leitor. Para que isso aconteça, necessário será que os discentes tenham conhecimento melhor do texto e suas personagens, se sintam aptos a fazerem inferências, sentindo-se coautores nos sentidos do texto. Sem esse conhecimento prévio pode não haver a interação desejada entre autor/texto/leitor.

Segundo momento: Sugere-se que cada grupo tire da caixa mágica uma cena do texto e, com os materiais solicitados, crie cenários de acordo com a criatividade de cada participante. No cenário deve conter algo que situe o tempo cênico ou dramático. É uma atividade livre para que os estudantes deem asas à criatividade. Podem fazer maquetes, desenhos em cartolina, papel madeira, ou utilizarem os espaços da sala de aula para criarem cenários reais, motivando as habilidades artísticas; com o objetivo de identificarem o tempo e o espaço das cenas, diferenciando tempo e espaço cênico do tempo e espaço dramático em um texto teatral. Após a finalização das tarefas, a proposta é que sejam solicitados para o próximo encontro lápis de cor, papéis coloridos, régua, tesoura, cola, cartolinas, papel madeira, fita adesiva, isopor, cola quente, barbante, as fotos que foram tiradas durante a realização do projeto, para confecção de um painel e materiais para se caracterizarem de personagens e construírem os cenários em sala

de aula, culminando na realização de uma mostra sobre os caminhos percorridos para uma leitura produtiva do texto teatral.

2.5.7 Cena V (2 aulas)

Primeiro momento: A orientação é que alunos e professora decorem as paredes da sala com cartazes contendo frases, colagens e desenhos de passagens do texto e construam um painel com as fotos tiradas durante as atividades executadas na realização do trabalho, em que cada foto será associada ao momento que foi estudado determinado elemento do texto teatral. O propósito é que os discentes criem cenários e se caracterizem de personagens do texto para a realização da mostra.

Segundo momento: É a hora de apresentar para os demais professores, alunos, equipe diretiva, servidores e familiares a mostra sobre os caminhos percorridos para a realização do estudo do texto teatral de forma prazerosa. A recomendação é que os alunos envolvidos na realização do projeto, caracterizados de personagens do texto, façam uma explanação sobre todas as etapas vivenciadas na leitura do texto teatral e estudo dos seus elementos composicionais, sendo os protagonistas no processo de aquisição de saberes como leitores literários proficientes. Com isso, fica evidente como o estudo do texto teatral nas aulas de Língua Portuguesa pode ser uma ferramenta de grande poder no processo de ensino-aprendizagem.

3 IMPACTO DA PANDEMIA SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Uma característica marcante e necessária nos mestrados profissionais está relacionada à materialização de um produto educacional, o qual contribui para o desenvolvimento dos processos pedagógicos nas instituições de ensino. Processos estes que decorrem de uma extensa pesquisa e reflexões das correlações entre as pesquisas acadêmicas e a práxis nas escolas públicas de ensino fundamental.

O Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) tem como princípio a apresentação de uma produção, por parte dos mestrandos, com os resultados das pesquisas realizadas nas escolas e a partir das reflexões e experiências vividas pelos desenvolvedores da pesquisa é que nasce o produto que caracteriza essa categoria de mestrado.

Após as reflexões e elaboração dos produtos, há a necessidade que sejam aplicados na sala de aula com o objetivo de aperfeiçoá-los, trazendo as críticas que surgirem a partir dessa aplicação, de maneira que nas produções finais estejam presentes as diferentes visões dos atores educacionais.

No entanto, apesar deste trabalho ter caráter propositivo, não foi possível sua aplicabilidade em sala de aula em 2020, tendo em vista a interrupção do calendário escolar em 17 de março, o qual só foi retomado em algumas instituições do estado de Sergipe, na forma remota, no mês de junho do corrente ano, em função da pandemia que nos acomete e nos traz consequências econômicas, sociais, emocionais entre outras dificuldades.

A covid-19, identificada inicialmente em Wuhan, província da China, disseminada para os outros países, é uma doença respiratória que teve o seu primeiro caso confirmado oficialmente no Brasil em 25 de fevereiro de 2020. A sua presença em Sergipe foi constatada em 14 de março de 2020 e o sistema educacional foi paralisado, inviabilizando o processo de realização das pesquisas em sala de aula, assim como não foi possível por meio das aulas remotas em virtude de alguns fatores relacionados à desigualdade social.

Famílias de um grande número de alunos não possuem internet, computador, notebook para disponibilizarem aos seus filhos. Pais que possuem mais de um filho na escola e têm apenas um celular que só podem dispor à noite quando chegam do trabalho. Alunos que, por estarem em casa no horário da aula, precisam cuidar da casa, de irmãos mais novos ou de familiares doentes. Estudantes que, diante das dificuldades financeiras, optaram por trabalhar para

ajudarem nas despesas domésticas. Do quantitativo de uma turma de 25 alunos, apenas dois ou três participam das aulas remotas e mesmo o calendário estando ativo, muitos continuam fora do processo de aprendizagem, de forma a aumentar exorbitantemente o impacto da desigualdade social no desenvolvimento do sujeito aprendiz.

O que se observou é que houve pouca iniciativa do Ministério da Educação para coordenar em nível nacional as ações para que os estudantes tivessem acesso à educação nesse contexto de pandemia. Não houve aporte de recursos, de tal forma que no estado de Sergipe há municípios que mesmo em novembro de 2020, oito meses após, não retornaram as atividades educacionais mesmo que no sistema remoto.

Dessa forma, o locus da aplicação do produto conforme planejamento inicial seria na Escola Estadual Jornalista Paulo Costa, com 25 alunos do nono ano, dos quais apenas três participam das atividades remotas. Mesmo que pensássemos em um processo de adaptação para ser aplicado no ensino remoto, esbarraríamos nas dificuldades do quantitativo de alunos que participariam ativamente, desviando do que se propõe o trabalho para o estudo do texto teatral associado às práticas do teatro ao ser realizado de forma coletiva, para o qual o toque, o olho no olho e a afetividade do trabalho em grupo são essenciais para o sucesso das atividades propostas nos jogos dramáticos.

Considerando o cenário descrito, nosso trabalho não foi aplicado em sala de aula, ainda assim apresentamos um produto. Um Caderno Pedagógico no qual constam detalhadamente todas as atividades que seriam realizadas presencialmente. Estruturado em cinco cenas, com proposta para ser desenvolvido em onze aulas, traz orientações e jogos dramáticos desde o primeiro encontro com os gêneros literários até a concretização em uma mostra realizada por alunos e professores.

É um Caderno Pedagógico que apresenta, também, as vivências em sala de aula e no teatro e que apresenta a proposta de sequência didática que foi sistematizada na metodologia. Por meio de uma pesquisa bibliográfica em que os pensamentos de estudiosos nas áreas de literatura, leitura, teatro e jogos dramáticos foram a bússola que guiou para a elaboração deste trabalho que, quando aplicado presencialmente em sala de aula, poderá ter como resultado alunos mais participativos, proficientes na leitura literária, criativos, confiantes em si, aceitando as diferenças.

Diante do momento educacional que estamos vivenciando, no qual fica evidente a inviabilidade da aplicação do produto seja de forma presencial ou remota, acatamos a Resolução nº 003/2020, do Conselho Gestor do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), de 02 de junho de 2020, que não exige a aplicação dos trabalhos de conclusão, sendo obrigatória apenas a apresentação de um produto contendo a proposta de uma sequência didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante concluir que este trabalho foi construído essencialmente para motivar a leitura do texto teatral e o estudo dos seus elementos composicionais, associando teoria às práticas do teatro nas aulas de língua portuguesa. Foi escolhido como corpus o texto *Coeteris Paribus,* do autor sergipano Cícero Alberto, com a intenção de trabalhar o imaginário, o trabalho coletivo, a oralidade, a empatia, a criatividade, contribuindo para a formação de leitores literários proficientes.

A proposta inicial era a aplicação da sequência didática, resultado de pesquisa bibliográfica e vivência na sala de aula e do palco de teatro, com os alunos da Escola Estadual Jornalista Paulo Costa, mas em virtude da COVID-19 não foi viável. Por isso, a sequência didática serviu como suporte para a realização de um Caderno Pedagógico que servirá como um exemplo para que os professores de língua portuguesa possam realizar um encontro efetivo e afetivo dos estudantes com o texto teatral e o teatro.

Este trabalho buscou como diferencial para o PROFLETRAS a leitura do texto teatral e sua valiosa importância para o desenvolvimento do intelecto e da imaginação, da criatividade, da comunicação, além de promover a aquisição de entendimentos. O contato com o texto teatral ajuda a habilitar o aluno na arte de ler e interpretar com habilidades suficientes para desenvolver-se com autonomia e eficácia no mundo letrado. Mas para que ele tenha essa força transformadora, deve, primeiramente, fazer sentido à vida do estudante, falar de coisas que o emocione e que faça referência ao mundo em que ele vive, fazendo-o perceber que a leitura do texto teatral é um suporte valioso para sua formação como leitor e como cidadão. É a chave para a apropriação de saberes.

O trabalho tem o desafio de apresentar o encontro da leitura do texto teatral e o estudo dos elementos constitutivos com as práticas do teatro por meio dos jogos dramáticos, em que teoria e prática caminharão juntas no processo de ensino-aprendizagem, promovendo dessa forma o empoderamento do aluno ao se apropriar do texto, dando-lhe formas por meio da sua voz.

Apresenta, também, reflexões sobre a importância de oferecer ao texto teatral o seu lugar de direito na escola, sendo lido e estudado pelos discentes, não só de forma superficial, mas adentrando em sua estrutura e conteúdo, os quais poderão usufruir do manancial de

possibilidades que essa escrita literária oferece, em especial quando associada às práticas teatrais, visto ser o teatro um veículo de instrução e interação. Ele "[...] narra por meio de doação". (RYNGAERT, 1996, p. 10). É um doador de valores que torna o ser humano melhor.

Por fim, vale afirmar que este trabalho apresenta uma sequência didática com sugestões e orientações para a difusão e motivação da leitura do texto teatral, abrindo um portal para o encontro entre teoria e prática por meio de técnicas teatrais, com o objetivo de tirar o aluno do anonimato da sala de aula, ajudá-lo a lidar com suas dificuldades e se tornar protagonista e senhor de suas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Cícero Bento dos Santos. **Coeteris Paribus**. Aracaju, 1983. No prelo.

_____. **Diálogo explanatório com Maria Normélia de Farias.** Aracaju. 25 de abril, 2020. Aracaju.

ALVES, A. C. M. **Práticas de letramento literário no ensino fundamental:** leitura e interpretação de O Santo e a Porca, de Ariano Suassuna. 2019. 145f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019. Disponível em: http://www.pos-graduacao.uepb.edu.br. Acesso em: 15 mar. 2020.

BETTI, Maria Silvia. **Da produção artesanal ao projeto cultural:** o texto teatral. São Paulo: Escolas Associadas, 2002

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília – DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 7 mar. 2020.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

_____. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CAPES. **Periódicos**. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br. Acesso em: 7 mar. 2020.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** In: **_____.** Trad. Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: FMG, 2009.

DANTAS, J. H. S. **A magia da palavra**: o texto teatral para a formação de leitores. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018. Disponível em: http://www.pos-graduacao.uepb.edu.br. Acesso em: 11 abr. 2020.

EEJPC. **Projeto Político Pedagógico**. Aracaju: EEJPC, 2020.

FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **O ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GREEN, John. **A culpa é das estrelas**. In: _____. Trad. Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo, 2015.

_____; ELIAS, Vanda Maria. "O texto na linguística textual". In BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.) **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina; RÕSING, Tania (Org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. São Paulo: Ática, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e pesquisa, São Paulo, v. 30, p. 289-300, maio/agosto, 2004.

MENDONÇA, A. L. S. **A representação da oralidade no texto teatral**: entre a escrita e a encenação. 2019. 121 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: http://www.ufpe.br. Acesso em: 15 mar. 2020.

NETTO, Carolina Angélica Ferreira; OLIVEIRA, Talita de. **Por uma educação antirracista**: Teatro do Oprimido, letramento étnico-racial e a transformação social de meninas negras. Travessias, Cascavel, v. 13, n.3, p. 72-89, set/dez. 2019.

Pena, Martins. **O noviço;** e mais, O juiz de paz na roça; O Judas em sábado de Aleluia; Os irmãos das almas**.** In: _____. 20. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

PORTAL QEDU. Disponível em: https://www.qedu.org.br. Acesso em: 11 abr. 2020.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o mediterrâneo e o atlântico, uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROSENFELD, Anatol. **A teoria dos gêneros**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o teatro contemporâneo.** Trad. Andréa Stahel M. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Introdução à análise do teatro**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RUPI, Kauar. **Outros Jeitos de usar a boca**. In: _____. Trad. Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017

SANTOS, E. F. **Atividades de letramento**: a retextualização do gênero textual peça teatral no 8º ano do ensino fundamental. 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) –

Universidade Federal de Campina Grande, Cazajeiras, 2016. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/profletras. Acesso em: 11 abr. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula. **As prisões do conhecimento**: pesquisa ativista e revolução na era da "globalização". Epistemologias do Sul, São Paulo, p. 145-171, 2010.

SEED (SECRETARIA DE ESTADO DA DUCAÇÃO/SE). Referencial Curricular: Rede estadual de Ensino de Sergipe. SEED: Aracaju, 2018

SILVA, E. D. **A-tua-ação:** o texto teatral, o corpo e a voz como mediadores na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira (Francês). 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br. Acesso em: 11 abr. 2020.

SILVA, B. O. **Encontro com a leitura literária** – o texto dramático e a formação de leitores no ensino fundamental. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018. Disponível em: http://www.pos-graduacao.uepb.edu.br. Acesso em: 15 mar. 2020.

SILVA, D. S. **Corpo a corpo com o texto literário**: um espetáculo em muitos atos nas aulas de Língua Portuguesa. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em: http://www.profletras.uefs.br. Acesso em: 02 abr. 2020.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Trad. e ver. Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Trad. Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e teatro:** aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec, 2016

APÊNDICE 1 : TESTE DIAGNÓSTICO

TESTE DIAGNÓSTICO

Escola Estadual Jornalista Paulo Costa

Professora: Maria Normélia de Farias

Aluno(a):_____Série: _____ Turma:_____

QUESTIONÁRIO

1 – Você gosta de ler?
( ) Sim ( ) Não
Se sua resposta foi sim, que tipo de leitura? _____

2 – Ler, para você, é importante?
( ) Sim ( ) Não
Por quê? _____

3 – Que tipo de texto você gosta de ler? (Pode marcar mais de uma alternativa).

( ) Histórias infantis
( ) Poemas
( ) Romances
( ) Revistas
( ) Texto teatral
( ) Jornais
( ) Histórias em quadrinhos
( ) Literatura de cordel
( ) Textos postados no whatsapp
( ) Textos postados no instagram
( ) Textos postados no facebook
( ) outros. Quais? _____

4 – Você costuma ir à biblioteca da sua escola?
( ) Sim ( ) Não
( ) A escola não tem biblioteca.

5 – Conhece alguma biblioteca em sua cidade?
( ) Sim ( ) Não
Se sua resposta foi sim, qual o nome da biblioteca? _____

6 – Você costuma pegar livros emprestados na biblioteca?
( ) Sim ( ) Não

7 – Já leu algum texto teatral?
( ) Sim ( ) Não
( ) Não sei o que é um texto teatral.
Se sua resposta foi sim, qual o nome do texto? _____

8 – Já assistiu a alguma peça teatral?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, onde? Na escola, na rua ou no teatro? _____

9 – Já participou de alguma peça teatral na escola?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, qual o nome? _____

10 – Você sabe dizer para que servem as rubricas em um texto teatral?
( ) Sim ( ) Não
( ) Não sei o que são rubricas
Se sua resposta foi sim, para que elas servem? _____

11 – Já fez alguma atividade em sala de aula de caracterização de personagens?
( ) Sim ( ) Não
( ) Não sei o que é caracterização de personagens.

12 – Tem vontade de ler e encenar um texto teatral?
( ) Sim ( ) Não

13 – Já leu algum texto teatral escrito por um autor sergipano?
( ) Sim ( ) Não
Se sim, qual autor? _____

14 – Conhece algum elemento que compõe um texto teatral?
( ) Sim ( ) Não
Se conhece, qual(is)? _____

15 – Assinale a letra que apresenta um exemplo de texto teatral

a) tenho tanta dificuldade
de entender
como alguém
pode derramar sua alma
sangue e energia
em alguém
sem pedir
nada em
troca

- tenho que esperar até ser mãe
(Rupi Kaur)

b) Entra Emília, vestida de preto, como quem querendo atravessar a sala.
Florência – Emília, vem cá.
Emília – Senhora?
Florência – Chega aqui, Ó menina, não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas?
Emília – Minha mãe, eu não estou triste. (Limpa os olhos com o lenço.)

c) O pai e a mãe dele o chamavam de Gus. Estavam preparando *enchiladas* na cozinha (escrita em letras gordinhas num vidro jateado perto da pia estava a frase *Família é para sempre*). A mãe colocava frango nas tortillas, que o pai enrolava e botava num pirex. Eles não pareceram muito surpresos com a minha chegada, o que fazia sentido: o fato de o Augustus me fazer sentir especial não queria necessariamente dizer que eu

era especial. Talvez ele levasse uma garota nova todas as noites para ver um filme e se aproveitar dela.
- Esta é Hazel Grace – ele disse, me apresentando formalmente.
- Só Hazel – falei.
- Como vai, Hazel? O pai perguntou. Ele era alto, quase tão alto quanto o Gus, e magro de um jeito que pais mais velhos normalmente não são.

16 – Justifique a resposta dada na questão anterior, dizendo por que você acha que o exemplo que você marcou é um texto teatral.

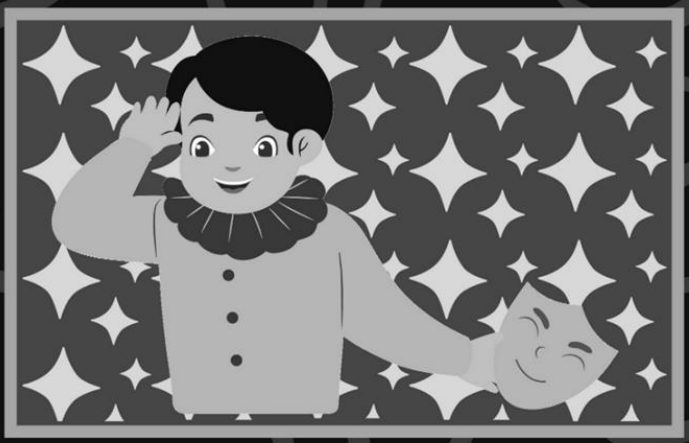
O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

CADERNO PEDAGÓGICO

AUTORA: Maria Normélia de Farias
ORIENTADOR: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

CADERNO PEDAGÓGICO



AUTORA: Maria Normélia de Farias
ORIENTADOR: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

O TEXTO TEATRAL EM SALA DE AULA: TEORIA E PRÁTICA

CADERNO PEDAGÓGICO

Apresentação

Caro colega professor(a),

Este caderno de atividades propõe a leitura do texto teatral, com intuito de levar o teatro como literatura à escola. É resultado de diversas reflexões e diálogos durante o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS) e é um convite para que você, professor(a) de Língua Portuguesa, leve a leitura e o fazer teatral à sala de aula por meio do texto teatral, envolvendo-se e encantando os estudantes nessa magia que torna o aprendizado mais convidativo, prazeroso e dinâmico.

Convido-o(a) a abrir as cortinas/páginas do texto teatral e ser guia a orientar seus alunos nas cenas teatrais, no palco diário da sala de aula e, nessa aventura literária do texto associado à dramaticidade, vivenciar seus pupilos tirando a máscara do anonimato, deixando de serem meros espectadores para se transformarem protagonistas no processo de ensino/aprendizagem.

Conhecedora da força transformadora que o fazer teatral tem na vida daqueles que adentram no universo das suas palavras e ações, proponho que vivencie essa experiência com seus alunos, contribuindo na formação/transformação de seres mais confiantes em si mesmos, criativos, colaborativos, emotivos e que respeitam as diferenças.

Em sala de aula, em nossa prática pedagógica, quantas vezes nos tornamos atrizes e atores a chamar a atenção dos estudantes no processo de ensino/aprendizagem? Quantas vezes nas festas comemorativas da escola nos tornamos diretores para "montar" uma peça teatral a ser apresentada pelos discentes? Façamos então, dessa prática esporádica e festiva, um exercício constante nos planejamentos de leitura, abraçando o texto teatral com seus elementos constitutivos, colocando-o no seu lugar de direito e vivenciará a arte do encontro, do doar-se, do receber, do compartilhar, do realizar-se que o teatro possibilita.

Neste Caderno, elaborado por mim, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno, apresento o texto de teatro ***Coeteris Paribus***, do dramaturgo sergipano Cícero Alberto. Um texto que envolverá o aluno nas questões sociais, incentivando-o a se questionar sobre seu papel como cidadão, com seus direitos e deveres. Estruturado em forma de uma sequência de cenas, distribuídas em 11 aulas, mas que podem ser executadas em mais

tempo, a depender da realidade pedagógica de cada um. Em que, você, professor(a), de forma lúdica e criativa, estará desenvolvendo atividades de leitura em sala de aula de modo que o aluno se sentirá motivado a se encantar com o texto literário, quebrando o mito de que a leitura é algo difícil, desagradável e tediosa. Irá motivá-lo a compreender que a leitura pode ser o fio de Ariadne que o conduzirá a vencer o Minotauro das dificuldades socioculturais, podendo alçar voos, sem que as asas de seus sonhos sejam derretidas ao sabor das adversidades; promovendo, assim, o encontro do aluno com o texto literário de forma apaixonante para que possa usufruir da força motivadora que o texto teatral, posto em prática, possui.

Para isso, apresento este material, em forma de Caderno, motivada pelas minhas experiências no teatro como atriz e da importância transformadora que o teatro teve na minha vida. É como poder abrir janelas a iluminar a "escuridão" da timidez, do medo, da insegurança, do preconceito, da incerteza de um futuro mais digno. Fruto, também, do meu viver em sala de aula como professora de Língua Portuguesa. Pois, trabalhar o texto teatral em sala de aula, por meio do teatro, é dar oportunidade aos alunos de se sentirem aceitos, incluídos, respeitados, capazes e valorizados. É dar-lhes voz respeitando a voz do outro. É tirá-los de detrás das coxias e trazê-los para o proscênio, centro do palco

de suas vidas como protagonistas, aprendendo a lidar com as diversidades em meio às adversidades.

Caro(a) colega, abrace o texto teatral em sala de aula. Apresente-o aos alunos, deixe as palavras tornarem-se ações por meio do teatro e descubra as maravilhas que eles oferecem no processo de ensino-aprendizagem.

Boa viagem nessa leitura fantástica ao encontro do saber, por meio do fazer teatral!

Maria Normélia de Farias

SUMÁRIO

1. Texto teatral e teatro: dialogando com as bases teóricas 10

2. Uma conversa inicial sobre o texto de teatro em sala de aula 18

3. O protagonismo do texto teatral Coeteris Paribus de Cícero Alberto 22

4. Cenas em ação 26

4.1 CENA I – Proposta de leitura com o texto teatral 27

4.2 CENA II – Os gêneros literários na prática 30

4.3 CENA III – Conhecer brincando o texto teatral 36

4.4 CENA IV – Viver na prática o texto teatral 46

4.5 CENA V – Alunos protagonistas do aprender fazendo 50

5. Palavras finais 53

Referências 55

Glossário 59

Anexos 60

Coeteris Paribus 61

Ilustração feita com elementos do canca.com

1.

TEXTO TEATRAL E TEATRO: DIALOGANDO COM AS BASES TEÓRICAS

1. TEXTO TEATRAL E TEATRO: DIALOGANDO COM AS BASES TEÓRICAS

Ao longo do tempo muitas têm sido as discussões a respeito das questões que norteiam o impacto que o alunado tem ao se deparar com a leitura do texto literário, com sua linguagem multifacetada. Uma leitura que exige do leitor maior atenção, envolvimento com o texto e uma relação de intimidade, entrega, descobrimento de si e de mundo, visto que a literatura se constitui em uma expressão artística que reflete toda a complexidade do ser humano, o seu mundo e as suas relações existenciais; por isso, ser relevante evidenciar a importância do estudo do texto literário nas séries finais do ensino fundamental. Segundo Todorov (2009, p. 76):

> A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajuda a viver [...] ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

Esse poder que emana da literatura pode ser vivenciado em sala de aula quando o texto teatral é estudado em seu contexto, apresentando-se, como todo texto literário, um objeto misterioso, enigmático, fascinante e, por que não dizer, essencial na formação do estudante/cidadão, que por meio do trabalho com a linguagem, do prazer estético, a criatividade será estimulada, o trabalho coletivo se fará presente, tirando o aluno do ostracismo social, da timidez mascarada pelo silêncio na sala de aula, contribuindo para a formação de novas mentalidades e, assim, serão percebidos os resultados positivos ao ser estabelecida uma relação harmoniosa entre alunos e leitura do texto literário.

Por constatar a animosidade, por parte dos alunos, com relação à leitura do texto literário, propomos, neste Caderno, um trabalho em sala de aula com o texto teatral e seus elementos constitutivos, por apresentar uma dinâmica que envolverá o estudante. Para Ryngaert (1996, p. 35) “Toda obra dramática pode ser apreendida, em primeiro lugar, na sua materialidade, no modo como a sua organização de superfície se apresenta sob forma de obra escrita”. Ao estudar os elementos constitutivos do texto: rubrica, personagem, ações, cena, espaço e tempo, o leitor sentirá necessidade de desvendar o que as palavras postas no texto estão querendo dizer e, assim, envolver-se na trama. Ao adentrar no universo das personagens, o aluno poderá se tornar suscetível às emoções que pululam no texto e conceitos estabelecidos serão questionados, assim, estarão propensos a aceitarem a diversidade e pluralidade que fazem parte das relações sociais.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 24) afirmam que "é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada" e de que:

> Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Embora percebamos a afirmativa de que o texto é a mola mestra para desenvolver a competência discursiva e leitores letrados, formando mentes críticas e reflexivas, o que se percebe no âmbito escolar é que o texto teatral não vem sendo privilegiado, mesmo correspondendo ao solicitado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* - PCN. Texto que vai além da competência discursiva por possibilitar participação significativa e crítica, interação, socialização, maior subjetividade, propiciando ao aluno interferir no processo de construção de sentidos.

No processo de leitura, é essencial que haja empatia entre aluno e texto. Escrita que faça o leitor sentir prazer ao ler e que se sinta motivado a questionar, expondo seu ponto de vista. Barthes (2015, p.20) afirma ser o

> Texto de prazer: aquele que contenta, enche de euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em

> estado de perda, aquele que desconforta [...], faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças [...]

Logo, podemos afirmar que a leitura do texto teatral, alinhada à prática do teatro na escola, promove prazer e fruição a partir do momento que o discente se envolve na escrita do texto, rompendo as barreiras de uma leitura mecânica, exercendo a leitura em voz alta, "uma abordagem do texto negligenciada [...] trata-se, no entanto de um exercício precioso". (RYNGAERT, 1996, p. 49). Que nossos alunos usufruam dessa prática não se limitando a uma leitura solitária, afinal, toda palavra espera ser pronunciada e todo texto busca ser lido e ouvido. Deixemos nossos pupilos tornarem-se cocriadores a partir das muitas possibilidades de interpretações e do agir teatral, dando vazão ao seu poder de criação, inferindo, de forma a revelarem o conhecimento adquirido, rumo à formação de leitores em potencial. Sejam eles "O leitor como agente que confere ao texto a textura no exato momento em que a leitura ocorre" (VIDOR, 2016, p. 87). E que preencham, por meio de suas leituras, os espaços supostamente em branco presentes no texto e, assim, interajam com as situações de aprendizagem que o texto teatral oferece e se posicionarem como seres agentes perante o mundo em que vivem.

Estudar os elementos constitutivos do texto teatral, dando-lhes forma por meio do teatro em sala de aula, é oferecer, aos estudantes, aulas mais dinâmicas, criativas, visto ser o teatro a arte das possibilidades como afirma Betti (2002, p. 04) "O teatro vive dessa

infinita variedade de possibilidades e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de sua reprodução mecânica". Por isso, ter como prática pedagógica o teatro em sala de aula é dar oportunidade aos aprendizes de assimilarem o conhecimento sem o mecanismo tríplice das aulas tradicionais: quadro/piloto/livro didático.

O aluno irá aprender fazendo e se sentirá mais seguro para expor suas opiniões e colocar em prática suas habilidades com olhar crítico, fruto do poder transformador que o teatro exerce naqueles que têm o privilégio de viajarem nesse universo que, nas palavras de Vidor (2016, p. 83) "[...] é a travessia de uma matéria textual no corpo do ator e que é perscrutada pelo espectador [...]". Deixemos, então, que nosso aluno leitor/ator atravesse esse mar de Ulisses e navegue nos encantos e surpresas que o texto teatral e o teatro oferecem e coloquemos em prática o que sugere a *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC (BRASIL, 2018, p. 159):

> (EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação.

Dessa forma, espera-se que a escola seja o palco por onde personagens, falas, corpos, sons, cores e formas saltem do texto ao encontro do aluno para juntos interagirem numa doação recíproca do ensinar e do aprender. De acordo com Antoine Vitez (apud RYNGAERT,1998, p. 196–197)

> O teatro é uma espécie de celacanto. Então, é preciso conservá-lo. [...] É verdade que uma das funções do teatro, e não a menor, é ter de falar do Passado, restabelecer a memória do Passado; ser o lugar de conservação, no sentido próprio. [...]

Por isso, não deixemos que essa arte que invoca ação, criatividade e alteridade se extingue das salas de aula. Conservá-la é não deixar que a nossa história escrita no passado se desfaça nas linhas do esquecimento. Faz-se necessário mantê-la viva no chão da escola a realizar-se em meio a alegria e a energia pulsantes dos alunos, ajudando-os a lidarem com seus medos, anseios, timidez, sonhos e frustrações, de forma a enriquecerem suas próprias experiências de vida, assim como é um dos fatores importantes no desenvolvimento cognitivo e formação cultural.

Este Caderno propõe o estudo do texto teatral ***Coeteris Paribus***, do dramaturgo sergipano Cícero Alberto, com propostas para trabalhar com alunos do nono ano, mas que pode se estender aos demais anos do ensino fundamental e médio. Estruturado em cinco cenas, os elementos constitutivos são estudados e vivenciados por meio de jogos teatrais, por concordar com Alberto Roiphe, quando afirma que no jogo “os

grupos permitem-se buscar o conhecimento com entusiasmo.” (ROIPHE, 2020, p. 12). É uma atividade que, como o teatro, é vivenciada coletivamente em que, de forma prazerosa o aprender vai se construindo, uma vez que o “Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo.”(SPOLIN, 2010, p. 3).

Dessa forma, com o intuito de contribuir na formação de leitores literários proficientes, propomos o estudo do texto teatral e seus elementos constitutivos de forma dinâmica, coletiva, prazerosa, criativa, por meio do teatro, de forma a incentivar o alunado a abrir as cortinas que envolvem o estudo, agindo na própria aprendizagem, para receber os aplausos no palco do conhecimento, como personagem principal.

Ilustração feita com elementos do canca.com

2.

UMA CONVERSA INICIAL SOBRE O TEXTO DE TEATRO EM SALA DE AULA

2. UMA CONVERSA INICIAL SOBRE O TEXTO DE TEATRO EM SALA DE AULA

Prezado(a) professor(a)!

Ser mediador em um processo de aprendizagem por meio do texto teatral e práticas teatrais, no qual o aluno é o protagonista da cena, é um prazer incalculável, pois estará contribuindo para que o estudante, no encontro com a arte contida no texto teatral, tenha a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer suas próprias experiências de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.

O acesso ao aprendizado, mesmo com todos os seus desafios, será prazeroso, em que teoria e prática se juntam para despertar nos estudantes o gosto pela leitura, transformando-os em leitores críticos e autônomos.

Trabalhar o texto teatral por meio de jogos teatrais é proporcionar contato com conhecimentos que vão além dos conteúdos didáticos. É uma prática pedagógica que amplia o leque de aprendizado do alunado, conhecendo a si e o outro, aceitando as diferenças.

Nossa proposta de atividades com o texto teatral está organizada em uma sequência de cenas alinhadas às competências

específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental 7, 8 e 9 da BNCC, assim como algumas habilidades que estarão descritas no decorrer das atividades. O objetivo é proporcionar aos discentes condições para identificarem os elementos que compõem o texto, suas características e funções, em que teoria e prática caminharão juntas na realização das atividades e, com isso, motivar a improvisação, a oralidade, trabalho em grupo e a criatividade dos alunos, a fim de que eles consigam perceber os possíveis sentidos que o texto apresenta:

- HABILIDADES ESPECÍFICAS:

Ilustração feita com elementos do canca.com

Por meio de uma leitura emancipadora, os estudantes conhecerão as características dos gêneros épico, lírico e dramático, assim como os elementos do texto teatral: rubricas ou didascálias de ação, interpretação e de espaço; cenas, espaço cênico e espaço dramático; tempo cênico e tempo dramático e as personagens protagonista e antagonistas, em que os discentes serão o foco das dinâmicas propostas, agindo como agentes do conhecimento adquirido de forma efetiva e afetiva.

O desenvolvimento das cenas segue proposta de práticas teatrais, visto ser a teatralidade inerente ao ser humano. Desde os primórdios que o teatro faz parte da história humana: no culto ao deus Dionísio, nos rituais de sacrifício aos deuses, nas festas das colheitas, para entretenimento nas cortes e nos primeiros ensinamentos jesuíticos nas terras brasileiras.

O teatro faz parte do ser humano-ator que veste as máscaras apropriadas para cada momento que exige comportamentos diferenciados. Somos atores no palco itinerante de nossas vidas a representar os vários papéis que nos são exigidos pelas entidades sociais e só nos despimos quando sozinhos, no camarim do nosso interior, em que não se fazem visíveis as plateias exigentes dos nossos atos e fala.

Por fim, esperamos que esta semente lançada em forma de Caderno Pedagógico encontre terras férteis e produza frutos maravilhosos nesta seara da aprendizagem.

3.

O PROTAGONISMO DO TEXTO TEATRAL *COETERIS PARIBUS* DE CÍCERO ALBERTO

3. O PROTAGONISMO DO TEXTO TEATRAL *COETERIS PARIBUS* DE CÍCERO ALBERTO

Coeteris Paribus é um texto que foi escrito em 1983 pelo dramaturgo sergipano Cícero Alberto, um dos artistas locais mais versátil na arte teatral. Professor de História, de teatro, diretor, ator, dramaturgo, sonoplasta, cenógrafo, figurinista e formador de diversos atores e atrizes em Sergipe, desenvolvendo concepções diversas de encenação no teatro sergipano. Afirma não ter um estilo definido por não querer se sentir preso, adequando-se aos estilos que foram surgindo ao logo do tempo, mas sempre esteve presente em suas obras, sejam comédias ou dramas, o teor político, questionador, com uma linguagem cheia de lirismo e encanto.

Um texto que teve o olhar da censura direcionado para ele, por apresentar na trama a rebelião contra a tirania do poder constituído e da desigualdade social combatida sob a liderança da personagem Titus. É uma escrita que traz a atemporalidade, característica de uma obra literária, ao mostrar no Brasil de 1983 os conflitos social, político e econômico semelhantes aos da atualidade.

Coeteris Paribus é a comprovação da veia política presente em suas obras. Escrita em 1983 para ser encenada por alunos de uma escola privada de Aracaju, aborda uma temática que ultrapassa o tempo e se torna atual como a situação de vulnerabilidade do ser humano perante um grupo social que o explora.

Aborda a importância da união de uma coletividade em prol de um bem maior, proposta que já vem explícita no título: ***Coeteris Paribus*** que em latim significa "todos juntos" ou "todos iguais". Uma analogia de que a união de um povo pode mudar a história de um país.

Utilizando uma linguagem simples, poética, cheia de lirismo, com pitadas de humor, leva o leitor ao mundo das palavras literárias, como nos revelam as falas das personagens PERSONA III e PERSONA VI ao fazerem alusões à criação do homem, família e sociedade.

> PERSONA III – E brotou da semente da criação de um artista louco o primeiro homem e a primeira mulher. Cresceram e reproduziram. Formaram a família e a sociedade. Começou o grande conflito da existência e uma história feita de altos e baixos, de desesperos e esperanças. (ALBERTO, 1983, p. 1)
> PERSONA VI – A poesia da vida brotou do silêncio que despertou o universo e coloriu as plantas de verde, e projetou das rimas a água para saciar a sede. A música nasceu de um parto sem dor para harmonizar os sons engravidados pela própria vida. (ALBERTO, 1983, p. 1-2)

No decorrer do texto, os conflitos, sofrimentos e caráter das personagens vão sendo revelados, prevalecendo no final a justiça, a paz

e a vitória do bem, instauradas pelo discernimento, senso de coletividade, amor ao próximo e desejo de vida digna, da personagem líder TITUS.

É uma obra que tem seu ponto alto na proposta de que uma sociedade caótica só pode mudar se todos estiverem unidos, organizados em torno de um interesse comum. Uma sociedade em que o amor pelo poder e pelo dinheiro não seja maior que o respeito pelo direito que todos têm de viver dignamente sua liberdade, deixando uma mensagem bastante significativa:

> PERSONA IV – A paz só será possível quando todos os individualismos forem banidos do coração dos homens. A paz só será alcançada quando percebermos que só podemos crescer em comunhão com o mundo e com todas as pessoas. (ALBERTO, 1983, P. 15)

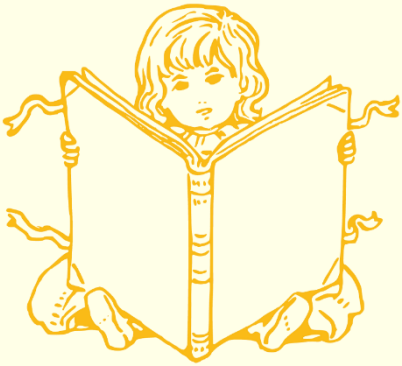


Ilustração feita com elementos do canca.com

4.

CENAS EM AÇÃO

4. CENAS EM AÇÃO

4.1 CENA I – PROPOSTA DE LEITURA COM O TEXTO TEATRAL

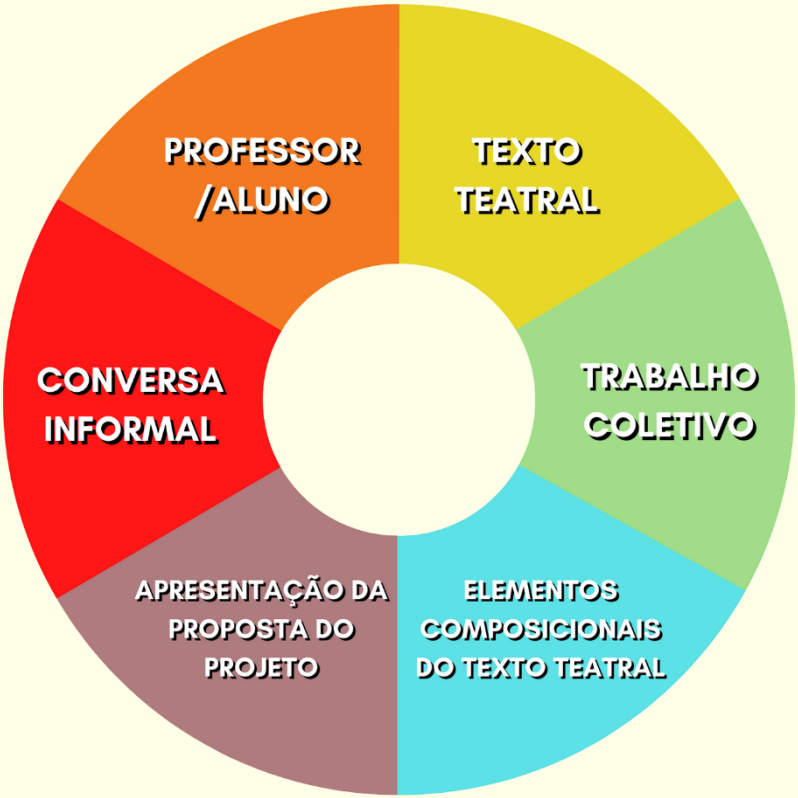


Ilustração feita com elementos do canca.com

Professor(a),

Neste primeiro momento, em uma conversa informal, apresente aos alunos a proposta de desenvolverem um projeto que terá como foco a leitura oralizada e o estudo dos elementos composicionais de um texto teatral escrito por um autor sergipano e que será associada teoria à prática nas atividades executadas, pois contribuirá para melhorar a capacidade leitora de cada um e que eles poderão colocar em prática suas habilidades artísticas.

É importante que, em seguida, haja um diálogo para discutirem sobre a possibilidade de apresentarem, por meio de uma mostra, o resultado do trabalho para os demais alunos, parentes, equipe diretiva, funcionários e professores; com confecção de painel com fotos tiradas durante a realização das tarefas, criação de cenários, caracterização de personagens e montagens de cenas. Deixe-os participar desse momento solicitando ideias para a realização do projeto. Isso irá incentivá-los à leitura e motivá-los a expressarem os conhecimentos artísticos, assim como irá melhorar a convivência afetiva ao trabalharem coletivamente em um ambiente alegre, dinâmico, despertando expectativas e interesse para a próxima cena.

HABILIDADE DA BNCC

> (EF89LP20) Comparar propostas políticas e de solução de problemas, identificando o que se pretende fazer/implementar, por que (motivações, justificativas), para que (objetivos, benefícios e consequências esperados), como (ações e passos), quando etc. e a forma de avaliar a eficácia da proposta/solução, contrastando dados e informações de diferentes fontes, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder compreender e posicionar-se criticamente sobre os dados e informações usados em fundamentação de propostas e analisar a coerência entre os elementos, de forma a tomar decisões fundamentadas. (BRASIL, 2018, p. 183)

Tempo proposto para execução: uma aula.

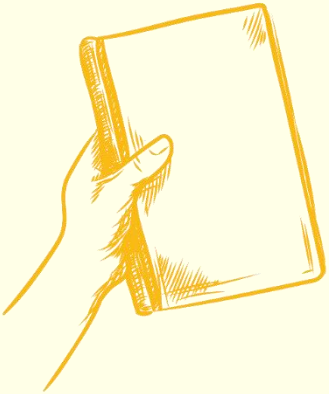


Ilustração feita com elementos do canca.com

4.2 CENA II – OS GÊNEROS LITERÁRIOS NA PRÁTICA

Ilustração feita com elementos do canca.com

Professor(a),

Para facilitar a execução das atividades que serão solicitadas, dividir a turma em três grupos é uma ótima solução. Levar exemplos impressos de gêneros épico, lírico e dramático para que sejam sorteados com os grupos, demonstrará o exercício da democracia com a participação de todos e, quando solicitar para que façam uma leitura e para que observem a forma como os textos são estruturados: prosa, verso e diálogo, os alunos não irão questionar favoritismo, visto que as atividades terão sido realizadas de forma democrática.

Após cada leitura, desafie os alunos a compararem a estrutura dos gêneros que serão trabalhados, apontando as especificidades de cada um e, ao iniciar as atividades, eles estarão mais integrados e mais participativos.

Os alunos do grupo um escolherão uma pessoa do seu convívio, ou da história local ou nacional que mereça ter sua vida retratada em uma obra épica e peça para que eles conversem entre si e digam quais ações tornam essa pessoa escolhida um herói.

O grupo dois escolherá uma poesia ou letra de uma música para ser dedicada a uma pessoa escolhida pelo grupo e deve explicar o porquê dessa pessoa merecer essa homenagem.

O grupo três vai contar, de forma expressiva, uma cena da vida de um aluno do grupo escolhido por eles, ou de alguém conhecido. Para executar essa tarefa, é fundamental que se dê um tempo para que o

grupo faça a composição da cena e possa, de forma improvisada, apresentar aos demais da sala.

Professor(a), antes dos alunos executarem as tarefas uma sugestão é que ocorra um momento de descontração com exercícios de relaxamento-esquentamento como:

a) Todos os alunos de olhos fechados e sentados de forma ereta e confortável inspirarem e expirarem calmamente explorando mentalmente cada parte do corpo, conhecendo-o e amando o que veem;

b) Todos de pé, farão movimentos livres caminhando por todo o espaço da sala. Deixe as cadeiras em círculo para ter mais espaço livre. Para que eles não percam a concentração, é interessante combinar antes um tipo de comando que será dado para que eles percebam que um outro exercício estará sendo solicitado;

c) Proposta de sequência de comandos: 1 – caminharem pela sala normalmente, 2 – ficarem estáticos como estátuas, 3 – caminharem como bonecos duros, como bonecos moles e, por último, que executem os movimentos de um animal de livre escolha.

Esses exercícios possibilitarão melhor identificação do espaço, descontração, reconhecimento do corpo em suas possibilidades de movimento, aceitação, favorecendo também a imaginação, espontaneidade, criatividade, desenvolvendo nos aprendizes a autoexpressão.

Como atividade para casa, entregar a cada aluno uma cópia do texto teatral ***Coeteris Paribus*** para ser feita uma leitura e que cada um escolha uma personagem com a qual mais se identificara e caracterize esse ser fictício. Solicite também que escolha uma ação dessa personagem que mais tenha lhe chamado a atenção. Para o próximo encontro com o texto teatral, é muito importante que os estudantes estejam vestidos de forma confortável. Pode ser a roupa de Educação Física ou outra que eles tenham em casa. Nesta aula será a vez de caracterizar as personagens e o ideal é que os discentes tenham em casa os materiais a serem trabalhados e que a escola também possa disponibilizar como bola de assopro para o exercício de dicção, algumas peças de roupa, bijuterias, maquiagem para que eles exerçam o poder de criação ao caracterizarem as personagens. Aproveite esse momento de descontração e criatividade para explicar o que são personagens protagonistas e antagonistas.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e

estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.(BRASIL, 2018, p. 187).

(EF89LP34) Analisar a organização de texto dramático apresentado em teatro, televisão, cinema, identificando e percebendo os sentidos decorrentes dos recursos linguísticos e semióticos que sustentam sua realização como peça teatral, novela, filme etc. (BRASIL, 2018, p. 187).

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e

pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão. (BRASIL, 2018, p. 161).

Sugestões de leituras:

1 – ÉPICO:

Odisseia, de Homero;

A Divina Comédia, de Dante Alighieri;

A Ilíada, de Homero.

2 – LÍRICO:

(poesia): *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Morais;

De Camões a Pessoa, org. Douglas Tufano;

(músicas): “Trem bala”, de Ana Vilela;

“Ouvi dizer”, “Peça felicidade”, “Relax”, dos irmãos Melim;

“Pais e filhos”, “Tempo perdido”, “Eduardo e Mônica”, “Que país é este”, “Faroeste caboclo”, “Monte Castelo", de Legião Urbana.

3 – DRAMÁTICO:

O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna;

O Santo e a porca, de Ariano Suassuna;

Pluft, O Fantasminha, de Maria Clara Machado;

Eles não usam Black-Tie, de Gianfrancesco Guarnieri.

Tempo proposto para execução: duas aulas.

4.3 CENA III – CONHECER O TEXTO TEATRAL BRINCANDO

Ilustração feita com elementos do canca.com

Professor(a),

É o momento de vivenciar o texto teatral por meio de exercícios inerentes ao teatro. Os alunos serão envolvidos e seduzidos pelas atividades da arte teatral apresentadas aqui como sugestões.

Essa cena está dividida em cinco momentos e tem a proposta de ser executada em três aulas, mas a depender da realidade pedagógica em que está inserido(a) pode desenvolvê-la em mais aulas.

PRIMEIRO MOMENTO:

Inicialmente é conveniente orientar seus alunos a se sentarem em posição de yoga e a fazerem o exercício de respiração torácica e diafragmática para ajudar na dicção e relaxamento no momento da leitura do texto. É interessante que esse exercício seja acompanhado por um fundo musical harmonioso.

Após o relaxamento, é a hora de lerem uma cena do texto com o lápis entre os dentes. Organizar os alunos em grupo facilitará a realização da leitura das cenas por cada equipe e, assim, todos terão a oportunidade de participarem da atividade.

Logo depois, cada aluno irá encher a bola de assopro e em seguida, soltando o ar, fazer a leitura das falas de uma personagem. Essa atividade poderá causar riso nos demais, por isso é importante orientá-los a se comportarem de forma a não prejudicarem a concentração de quem estará lendo.

A seguir, podem ficar organizados em um grande círculo, sentados de forma alternada: uns de frente para o círculo e outros de costas. Após estarem organizados, recomenda-se dar início à leitura do texto ***Coeteris Paribus***. Os estudantes que estarão de frente para o círculo farão a leitura e os outros que estarão de costas, com os olhos fechados, a um comando seu, dirão a quem pertence a voz, exercitando, dessa forma, a concentração por meio da percepção.

SEGUNDO MOMENTO:

Continuando ainda com a leitura do texto, é interessante que os estudantes que estarão de costas para o círculo façam a leitura em blablação, imitando sons ao invés de palavras e os que estarão de frente para o círculo deem continuidade à leitura normalmente de onde o colega parou, a cada comando seu, professor(a).

Esse exercício contribuirá para identificação do ritmo das palavras, das pausas, das entonações, estimulando a concentração.

TERCEIRO MOMENTO:

Agora é o momento de exercitar a imaginação e a criatividade dos alunos!

Professor(a), esse momento será dedicado ao estudo da personagem. Permita que seus alunos adentrem no mundo fictício

pedindo para eles, usando de imaginação e afetividade, criarem uma história que envolva o passado, o presente e o futuro da personagem com a qual mais se identificaram no texto e projetem essa identificação por meio de uma descrição física e psicológica.

ORIENTAR SEUS ALUNOS DANDO ALGUMAS DICAS, É MUITO IMPORTANTE!

a) Como é o andar da sua personagem? E o olhar?

b) Como se comporta? O que gosta? O que não gosta?

c) Coloque-se no lugar dela. Busque internamente experiências próprias.

d) Sinta as emoções da sua personagem e dê-lhe uma identidade, uma existência.

Após feita a descrição, é a vez deles explicarem porque escolheram determinada personagem e se ela é protagonista ou antagonista. Em seguida, utilizando os materiais solicitados na aula anterior, será a hora dos alunos se caracterizarem fisicamente com a personagem escolhida, sendo orientados de que a caracterização deve estar coerente com as orientações das didascálias presentes no texto. Assim, estará possibilitando aos alunos, perceberem a relação existente

entre o texto e as cenas e das possibilidades de interpretação do ator e de concepções de direção.

Para a caracterização psicológica, escolher uma ação da personagem que dê uma pista para que possam utilizar um adereço que simbolize um traço da personalidade desse ser fictício, é um recurso para que os alunos entendam, por meio da prática, o que são ações e características psicológicas.

Com isso, professor(a), será estabelecida uma relação de intimidade que resultará em uma leitura cheia de emoções, expressividade, em que o ato de se colocar no lugar do outro contribuirá para a formação de seres mais compreensivos, respeitosos e mais humanizados.

Ilustração feita com elementos do canca.com

QUARTO MOMENTO:

Elementos do Texto Teatral

- TEMPO
- ESPAÇO
- PERSONAGENS

Para a realização desse momento, sugere-se a criação de uma caixa de madeira decorada externamente com figuras que representem a leitura, os elementos composicionais do texto teatral e o teatro, que deverão ser levados para a sala de aula.

O objetivo da caixa de madeira nessa aula é conter cartões com passagens do texto ***Coeteris Paribus***, para serem sorteados pelos grupos. Nesses cartões estarão escritas as rubricas presentes no texto e os alunos irão identificar se elas são de ação, interpretação ou de espaço. Feitos os sorteios, agora é a hora de irem para a prática, direcionando seus pupilos nos seguintes exercícios:

a) Se a rubrica for de ação, os alunos do grupo devem ficar de frente um para o outro e farão o exercício do espelho: um fará movimentos e o outro imitará;

b) Se a didascália for de interpretação, o grupo fará a leitura oralizada de uma cena do texto obedecendo os seguintes passos:

1 – Ler como se estivesse contando um segredo;

2 – Piscando os olhos;

3 – Gaguejando;

4 – Fazendo careta;

5 – Sentindo dor de dente:

6 – Tendo crise de riso;

7 – Cantando;

8 – Caminhando rápido;

9 – Caminhando em câmera lenta;

10 – Dançando.

c) Se a rubrica for de espaço, uma proposta é solicitar à equipe para lembrar cenas de um filme ou um lugar conhecido que tenha ambiente igual ou semelhante ao cenário do texto ***Coeteris Paribus*** e apresente por meio de mímica. Os colegas irão adivinhar qual é o filme ou o lugar e avaliarão se está coerente com a cena sorteada.

Com essa atividade, os aprendizes irão perceber a presença de cenas na construção do texto teatral e irão assimilar esse conhecimento de forma prazerosa e criativa.

QUINTO MOMENTO:

Professor(a),

Ao término dos jogos teatrais, solicite aos educandos que façam uma leitura de todo o texto teatral, colocando em prática a linguagem expressiva, dinâmica, dialogada, corporal, gestual e emancipadora trabalhada nos exercícios anteriores.

Será gratificante perceber que a leitura oralizada se revelará diferente, com emoção necessária para que seja observada, pelos ouvintes, a verdade das personagens, porque estas foram individualizadas quando caracterizadas, inseridas em um espaço determinado de sua vida fictícia. O aluno-leitor, no ato da leitura,

expressará os sentimentos desses seres fictícios, propiciando o encontro com o texto teatral de forma hábil e prazerosa.

Dando continuidade a esse quinto momento, após a leitura do texto, de forma descontraída, promover um momento de socialização do conhecimento é incentivar os estudantes a falarem sobre o que acharam das dinâmicas e o que aprenderam dos elementos composicionais do texto apresentados nessa cena.

Para concluir, peça que levem para o próximo encontro com o texto e práticas teatrais lápis de cor, cartolina, papel madeira, papelão, cola, tesoura, fita adesiva, cestos, jornais, revistas, cabo de vassoura, pedaços de tecidos, linha, agulha, papéis coloridos, galhos e folhas de árvores e o que tiverem em casa que possam ser utilizados para a criação de cenários.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.(BRASIL, 2018, p. 146)

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.(BRASIL, 2018, p. 159)

(EF69LP52) Representar cenas ou textos dramáticos, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação. (BRASIL, 2018, p. 159)

(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.(BRASIL, 2018, p. 185

Tempo proposto para execução: três aulas

4.4 CENA IV: VIVER NA PRÁTICA O TEXTO TEATRAL

Professor(a),

Essa cena está dividida em dois momentos nos quais são propostos o encontro do autor da obra com os alunos e criação de cenários situados no tempo e espaço.

PRIMEIRO MOMENTO:

Esse primeiro momento será dedicado a um diálogo entre alunos e o autor do texto escolhido para trabalhar. No caso deste Caderno com propostas pedagógicas, o texto escolhido foi ***Coeteris Paribus***, do autor sergipano Cícero Alberto, por ter uma temática atual, próxima à realidade dos alunos e que instigará os estudantes a se posicionarem criticamente frente aos temas abordados.

A visita do autor se dará nesse momento para que haja participação mais efetiva dos alunos, de forma que seja possível observar a satisfação do escritor em ver as possíveis interpretações que sua obra desperta no leitor. Para que isso aconteça, será necessário que os discentes tenham conhecimento melhor do texto, suas personagens e se sintam aptos a fazerem inferências, sentindo-se coautores nos sentidos do texto. Sem esse conhecimento prévio, pode não haver a interação desejada entre leitor/texto/autor.

Antes desse encontro, será de grande valia que uma conversa com os alunos seja realizada para saber o que eles gostariam de perguntar e para direcioná-los na elaboração das perguntas sobre as personagens, o figurino, o cenário, a temática e sobre o processo de criação do autor. É interessante que os estudantes sejam orientados sobre o tempo de fala de cada um. Enquanto um falar, os outros escutarão e esperarão a sua vez, em uma alternância harmoniosa das falas.

Caro(a) colega, se não for possível haver o encontro entre alunos e autor do texto escolhido, é interessante chamar alguém que possa ter esse diálogo com os estudantes, pois é importante que eles tenham um outro olhar sobre o texto que não seja o do(a) professor(a) e dos colegas. Esse encontro motivará a se empenharem mais no estudo da obra escolhida.

SEGUNDO MOMENTO:

Antes da realização desse momento, professor(a), recomenda-se a seleção de cenas do texto para serem levadas à sala de aula dentro da caixa mágica. A mesma utilizada no quinto momento da cena 3 (três).

Cada grupo sorteará uma cena do texto que estará na caixa e, com os materiais solicitados no encontro anterior, os alunos criarão cenários de acordo com a criatividade de cada participante. Deixar claro para eles que nos cenários deve conter algo que situe o tempo cênico ou

dramático. Esse é um momento propício para falar sobre como o tempo se apresenta no texto escrito e no texto encenado. Será uma atividade livre para que os estudantes deem asas à imaginação.

Eles poderão fazer maquetes, desenhos em cartolina, papel madeira, ou utilizarem os espaços da sala de aula para criarem cenários reais e, assim, estará motivando as habilidades artísticas dos seus pupilos, que estarão identificando o tempo e o espaço das cenas, diferenciando o espaço cênico do espaço dramático.

Após a finalização das tarefas, solicite para o encontro final lápis de cor, papéis coloridos, régua, tesoura, cola, cola quente, pistola para cola quente, cartolinas, papel madeira, fita adesiva, isopor, barbante, fotos que foram tiradas durante a realização do projeto de leitura do texto teatral, roupas, sapatos, maquiagem, linha, agulha e o que eles tiverem em casa que possam ser utilizados no encontro final. Esses materiais serão usados para confecção de um painel, caracterização de personagens, construção de cenários, decoração da sala de aula, culminando com a realização de uma mostra sobre leitura.

DICAS:

1 – Registrar todas as práticas vivenciadas pelos alunos desde a primeira cena em fotos e vídeos, pois serão importantes para a etapa final de suas atividades;

2 –Organizar grupos de alunos e ensaiar com eles cenas do texto, no decorrer da realização dos estudos, para que apresentem pequenas enquetes;

3 – Sortear alunos para serem seus assistentes para auxiliá-lo(a) na organização das tarefas;

4 – Solicitar à escola materiais que precisem ser comprados, pois muitas vezes os alunos não têm condições financeiras e podem se sentir constrangidos para falar.

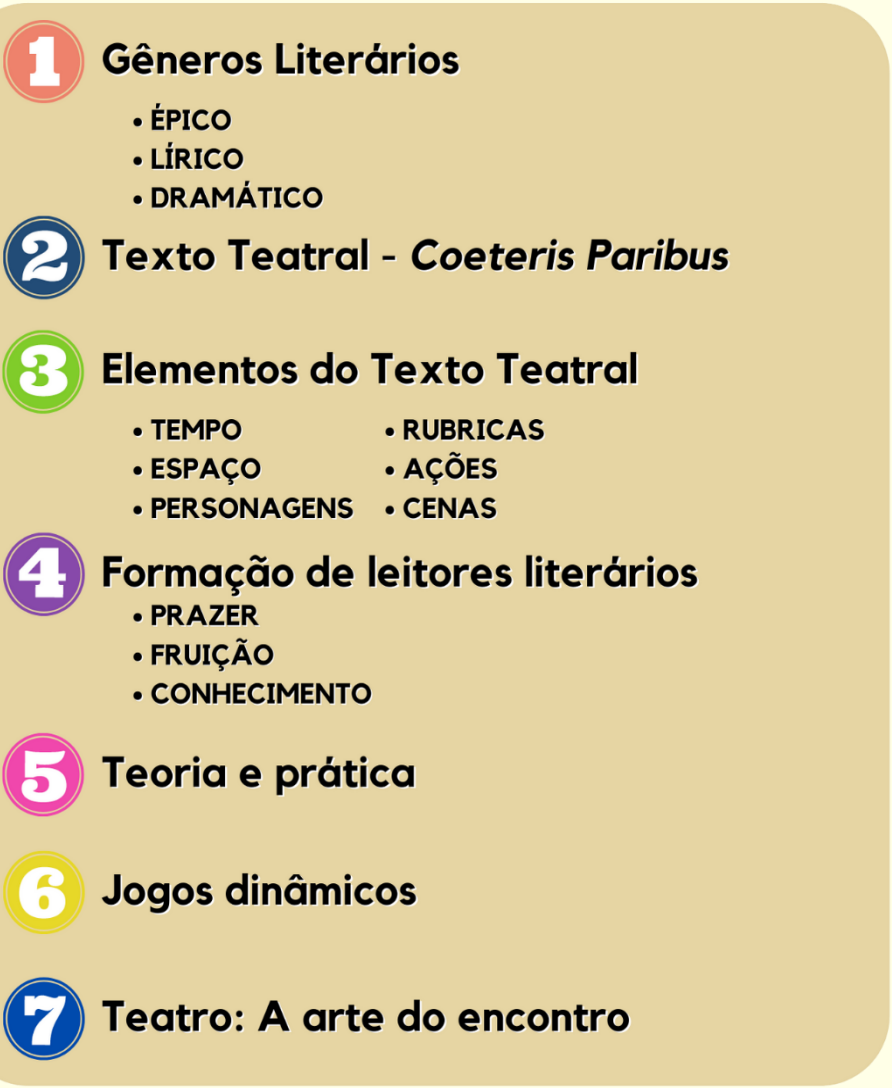
HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP39) Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas, de acordo com os objetivos estabelecidos. (BRASIL, 2018, p. 153)

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.(BRASIL, 2018, p. 157)

Tempo proposto para execução: três aulas

4.5 CENA V: ALUNOS PROTAGONISTAS DO APRENDER FAZENDO



Caro(a) colega, chegou o grande dia!

É o momento de apresentar para os demais professores, alunos, equipe diretiva, servidores e familiares o resultado do estudo do texto teatral alinhado às práticas do teatro, comprovando como é possível promover a leitura e o conhecimento de forma prazerosa, criativa e envolvente. Segue proposta de alguns passos que ajudarão na realização desse grande evento:

1 – Juntamente com seus alunos, decorem as paredes da sala de aula com cartazes contendo frases do texto, desenhos de passagens do texto criados pelos estudantes, assim como outras frases incentivando a leitura do texto teatral;

2 – Construção de um painel com as fotos tiradas durante a execução das atividades, associando cada foto ao momento que foi estudado determinado elemento do texto teatral;

3 – Exposição de cenários criados pelos estudantes;

4 – Os alunos, caracterizados de personagens do texto, explanarão sobre as etapas vivenciadas na leitura do texto teatral e estudo dos seus elementos composicionais por meio dos jogos teatrais;

5 – Escolha de um determinado momento na programação do evento para as apresentações das enquetes com base nas cenas do texto teatral vivenciado.

Com este trabalho, professor(a), estará evidenciando como o estudo do texto teatral nas aulas de Língua Portuguesa pode ser uma

ferramenta de grande poder no processo de ensino-aprendizagem e vivenciará uma experiência gratificante ao ver o envolvimento dos seus alunos, tirando-os das cadeiras para aprenderem fazendo, desfazendo os nós das mordaças que os silenciam e os tornam receptores de conteúdos para serem protagonistas do próprio conhecimento. Contribuirá não só na formação de leitores autônomos, mas na formação de seres mais confiantes em si mesmos, mais humanizados, mais fortalecidos para conviverem e superarem as adversidades da vida.

HABILIDADES DA BNCC:

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea. (BRASIL, 2018, p. 153)

(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, *vlogs* científicos, vídeos de diferentes tipos etc. (BRASIL, 2018, p. 184

Tempo proposto para execução: duas aulas

5.

PALAVRAS FINAIS

5. PALAVRAS FINAIS

Professor(a),

As práticas com jogos teatrais e as experiências com o texto teatral propostas neste Caderno Pedagógico, com metodologias mais atrativas, dinâmicas, com o intuito de promover uma aprendizagem mais efetiva e afetiva, despertarão o interesse dos seus alunos pela leitura literária e ressignificará o seu fazer pedagógico.

Somos sabedores do poder transformador que as práticas teatrais possuem e da importância do estudo do texto teatral na sala de aula, não só como recurso para auxiliar na formação leitora do aluno e assimilação de conteúdos de forma prazerosa, mas também por proporcionar o encontro consigo mesmo e com o outro, aceitando-o com suas diferenças, em que o preconceito não encontra espaço nas cenas que vivenciam, na história real de suas vidas.

Neste trabalho, que tem como propósito o estudo do texto teatral em sala de aula, alinhando teoria às práticas teatrais, são oferecidas sugestões para uma experiência metodológica mais dinâmica e participativa. São propostas que podem ser alteradas de acordo com o contexto em que serão utilizadas como, por exemplo, os sujeitos agentes das ações, a obra a ser trabalhada e a disponibilidade de tempo e espaço.

Que o prazer de ensinar e o prazer de aprender sejam fortalecidos neste encontro com o texto teatral e o teatro!

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Cícero Bento dos Santos. **Coeteris Paribus**. Aracaju, 1983. No prelo.

_____. **Diálogo explanatório com Maria Normélia de Farias**. Aracaju, 2020

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Clássicos para o jovem leitor. Texto em português de Marques Rebelo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

BETTI, Maria Silvia. **Da produção artesanal ao projeto cultural:** o texto teatral. São Paulo: Escolas Associadas, 2002.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular.** Brasília – DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 7 mar. 2020.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

_____. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CAMÕES, Luis de. et. al. De Camões a Pessoa: **antologia escolar da poesia portuguesa**. Org. Douglas Tufano. São Paulo: Moderna, 1993.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** In: **_____.** Trad. Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: FMG, 2009.

EEJPC. **Projeto Político Pedagógico**. Aracaju: EEJPC, 2020.

FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **O ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HOMERO. **A Ilíada**. Clássicos para o jovem leitor. Texto em português de Nestor de Holanda. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. **Odisseia**. Série reencontro. Adaptação em português de Roberto Lacerda. São Paulo: Scipione, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo, 2015.

_____. ELIAS, Vanda Maria. “O texto na linguística textual”. In BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.) **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LAJOLO, Marisa. **O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?** In: ZILBERMAN, Regina; RÕSING, Tania (Org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 99-112.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o texto literário**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, Vinícius de. **Soneto de fidelidade e outros poemas**. São Paulo: Ediouro, 2002.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o teatro contemporâneo.** Trad. Andréa Stahel M. Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Introdução à análise do teatro**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROIPHE, Alberto. Literatura em jogo: **proposições lúdicas para aulas de português**. Organizador: Alberto Roiphe. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020.

ROSENFELD, Anatol. **A teoria dos gêneros**. São Paulo: Perspectiva, 2004

PAVIS, Patricc. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Entre o mediterrâneo e o atlântico, uma aventura teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SEED (SECRETARIA DE ESTADO DA DUCAÇÃO/SE). **Referencial Curricular**: Rede estadual de Ensino de Sergipe. SEED: Aracaju, 2018

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Trad. e ver. Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Trad. Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIDOR, Heloise Baurich. **Leitura e teatro:** aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec, 2016.

GLOSSÁRIO

Coeteris Paribus: Expressão que vem do latim e significa “todos juntos” ou “todos iguais”.

Coxias: Corredores que contornam a cena no palco do teatro.

Didascália: Instruções dadas pelo autor a seus atores para interpretar o texto dramático. São indicações cênicas ou rubricas.

Proscênio: Frente do palco.

ANEXO

COETERIS PARIBUS

Texto de Cícero Alberto Bento dos Santos

Todos os atores estão deitados no palco em posição de feto. Um jato de luz é lançado em direção ao centro. Música. Todos começam a desenvolver o nascimento passando, em seguida, para os diversos estágios da aprendizagem do ser humano: arrastam-se, engatinham e, finalmente, aprendem a andar. Pesquisam o ambiente, curtindo os objetos do cenário. Depois descobrem os companheiros e fazem uma pesquisa de corpo (reconhecimento físico). Constroem a primeira forma do espetáculo. Ao terminar a música, começam a descobrir a voz: emitem as vogais acrescentando em seguida as consoantes. Falam as primeiras palavras (objetos que compõem o cenário). Após tudo isso, exteriorizam diversos sentimentos: frio, calor, interrogação, dúvida, admiração, etc. Formam a segunda forma para recitarem os primeiros textos do espetáculo.

PERSONA I — Não sabemos a origem dos homens. Pode ser que tenham vindo do mesmo ancestral dos macacos e também dos anfíbios e dos peixes. Tudo o que sabemos é que somos frutos de um número infinito de transformações dos organismos vivos, cuja a origem se perde nos arquivos empoeirados do tempo.

PERSONA II — Os conceitos e as teorias se projetam para a explicação de uma das maiores interrogativas já proposta pelos seres humanos, mas as respostas caem na incompleticidade que envolve a razão humana. No entanto a vida brotou sob a forma de vegetais, animais, seres inertes e seres humanos.

PERSONA III — E brotou da semente da criação de um artista louco o primeiro homem e a primeira mulher. Cresceram e reproduziram. Formaram a família e a sociedade. Começaram o grande conflito da existência e uma história feita de altos e baixos, de desesperos e esperanças!

PERSONA IV — Vida e morte se confundem no mesmo palco na forma de um ato único que é comum a todos, não importando a posição que se ocupe na grande pirâmide social da existência. Temos um marco que assinala o começo, porém, desconhecemos o limite que anuncia o fim. Presenciamos e vivenciamos as transformações e acompanhamos com os olhos do espanto a continuidade de uma coisa chamada vida!

PERSONA V — A simplicidade nasceu de um voo de amor que gestou a fraternidade e a união de todos. A natureza se materializou para dar sentido e razão de ser a vida. Os animais completariam o cenário da existência do planeta Terra. A comunhão do mesmo pedaço de amor era do interesse de todos.

PERSONA VI — A poesia da vida brotou do silêncio que despertou o universo e coloriu as plantas de verde, e projetou das rimas a água para saciar a sede. A música nasceu de um parto sem dor para harmonizar os sons engravidados pela própria vida.

PERSONA VII — Mas a tranquilidade dos primeiros momentos da Terra seria vista como monotonia e esta faria com que a vida fosse obrigada a optar por ações mais excitantes. O poeta louco que cantou o mundo em seus versos escritos com as tintas do amor, via, agora, a sua obra ser manchada por uma tinta nova e estranha que ficaria marcada para sempre na poesia da vida: a violência!

DESMANCHAM A FORMA E COMEÇAM A BRIGAR. FICAM ESTÁTICOS E CONTINUAM O TEXTO, AO TEMPO EM QUE ORGANIZAM A TERCEIRA FORMA.

PERSONA VIII — E nunca mais o equilíbrio seria uma realidade concreta na vida dos homens e das mulheres a quem o grande poeta louco confiara a obra de sua poesia. A força irá superar toda a fraternidade e opor-se-á a qualquer tentativa de união pacífica.

PERSONA IX — Os homens aprenderão a manipular uma arma invisível chamada poder e, com ela, causarão grandes injustiças e grandes genocídios. Pelo poder, esquecerão de suas mulheres e filhos e causarão à Terra toda a sorte de males.

PERSONA X — Aprenderão a fabricar armas para conquistar o poder e se farão respeitar pelo emprego da violência! Muitos serão os torturados da vida, os desaparecidos da noite que acalentaram o embrião da existência. Tornar-se-ão senhores do mundo e escravizarão outros homens.

QUARTA FORMA

PERSONA XI — Descobrirão a força de uma enfermidade chamada dinheiro e por ele farão coisas que a Terra gemerá no seu silêncio mudo.

PERSONA XII — Fabricarão ideologias para legitimar qualquer ato desumano que faça prevalecer a força de uma coisa chamada status quo. Aprenderão a dar com uma mão e roubar ou tomar com a outra.

TODOS ROLAM POR TERRA. ALGUNS SAEM CORRENDO PELA PLATEIA. MÚSICA. NO PALCO: UM GRUPO DE

PESSOAS ENTRA CHICOTEADO POR DUAS OU MAIS PESSOAS. COMEÇAM A TRABALHAR: UNS PLANTAM, OUTROS COLHEM, UNS CARREGAM PEDAÇOS DE TRONCOS DE MADEIRA, OUTROS, BLOCOS DE PEDRA. EXPRESSAM DOR, CANSAÇO E SOFRIMENTO. NA PLATEIA: UM ESCRAVO É CONDUZIDO POR UM FEITOR. UM GRUPO PEDE ESMOLAS AO PÚBLICO ENQUANTO UM HOMEM VAI AMASSANDO UM PEDAÇO DE PÃO. QUANDO VAI CONDUZI-LO À BOCA, O FEITOR DÁ UM TAPA NA MÃO DO HOMEM E O PEDAÇO DE PÃO CAI POR TERRA. UMA PESSOA CAMINHA COM O OLHAR PERDIDO NO INFINITO ENQUANTO OUTRA SE ARRASTA PELO CHÃO. AO CHEGAREM AO PALCO FAZEM O MESMO TRABALHO DOS PERSONAGENS QUE JÁ ESTÃO LÁ. TERMINA A MÚSICA. UM PREFIXO ANTECEDE A CHEGADA DO CHEFE DA TRIBO COM SUA ESPOSA. TODOS SE CURVAM E RECUAM PARA AS LATERAIS, FORMANDO UM GRANDE “V”.

CHEFE — Veja, minha esposa, a felicidade de um povo que trabalha para o engrandecimento da sua tribo!

ESPOSA — Eu soube que seus homens maltratam muito essa gente.

CHEFE — Calúnias! Calúnias! Isso só pode ter partido de algum porco preguiçoso e incapaz! Nosso povo é um povo trabalhador e feliz, mas, se ainda tem dúvidas, pode você mesma perguntar a eles se isso é mesmo verdade.

ESPOSA — Não é preciso. Sei que você não mentiria para mim assim de uma maneira tão vil. Vamos embora.

CHEFE — Até logo, queridos amigos. Continuem trabalhando para o engrandecimento e segurança da nossa tribo. (SAI)

TODOS VOLTAM AO MESMO ESQUEMA DE ANTES; UMA MULHER CAI E É IMEDIATAMENTE CHICOTEADA. UM HOMEM REAGE.

TITUS — Não está vendo, seu cão imundo, que esta mulher está morta de cansaço?

FEITOR — Volte para seu trabalho se não quiser levar umas duzentas chicotadas por indisciplina!

TITUS — Olha aí, gente, o que eles querem fazer conosco! Nos massacram neste trabalho miserável... (RECEBE UM TAPA DO FEITOR)

FEITOR — Cale essa maldita boca, imbecil! Volte para o seu lugar! (EMPURRA-O PARA O GRUPO QUE CORRE EM SEU SOCORRO) E vocês, seus tolos, voltem ao trabalho e nada de reclamações! Quanto a você, seu cretino, nunca mais ouse romper a ordem aqui. Entendeu bem? (SAI)

TODOS RETORNAM ÀS ATIVIDADES. BLACKOUT. LUZES NOTURNAS. O CHEFE ESTÁ SENTADO AO LADO DA ESPOSA. O RESTO DO ELENCO ESTÁ ESPALHADO PELO PALCO EM GRUPOS ISOLADOS. NA RIBALTA, TITUS E OUTRO HOMEM CONVERSAM EM PANTOMIMA. LUZES MAIS VIVAS. UMA BAILARINA ENTRA DANÇANDO ENQUANTO DUAS MULHERES SERVEM COMIDA E BEBIDA. APÓS A DANÇA, ENTRA O SACERDOTE TRIBAL.

CHEFE — Como vai, ilustre sacerdote?

SACERDOTE — Um pouco preocupado.

CHEFE — E o que tanto o preocupa?

SACERDOTE — O feiticeiro da tribo previu uma grande seca sobre a nossa tribo.

CHEFE — Ora, amigo, isso para nós não constituirá problema. Temos muito trigo estocado. Poderemos suportar a crise sem grandes problemas. Vejo aí uma boa oportunidade para conquistarmos aquelas tribos do sul. Eles nunca se preocupam em armazenar nada. Será fácil conquistá-las quando famintos.

SACERDOTE — Você está esquecendo de um detalhe importante.

CHEFE — Quem irá enfileirar o nosso exército?

SACERDOTE — Exatamente. Quem?

CHEFE — Ora, quem? O povo, é claro!

SACERDOTE — Convocar o povo na situação em que ele está é um desafio. Temos um bando de gente faminta que trabalha mais do que descansa. Como poderemos formar um exército com gente cansada e faminta e que ainda por cima poderá até se revoltar contra o seu próprio chefe!

CHEFE — Você tem razão. Não havia me apercebido desse detalhe. Mas deixemos esse problema de lado e vamos beber. A guerra fica para mais tarde. (BATE PALMAS) Meninas, dancem para nós e vocês tragam mais vinho.

AS BAILARINAS DANÇAM. APÓS ESTA CENA, O CHEFE, A ESPOSA E O SACERDOTE SE RETIRAM. AS BAILARINAS QUE HAVIAM SAÍDO ANTES SE JUNTAM AOS GRUPOS.

HOMEM 1 — Fale baixo... Ninguém pode ouvir isso que você está me dizendo! Se te pegam dizendo essas bobagens...

TITUS — Bobagens?! Desde quando a miséria da gente é bobagem? Precisamos fazer alguma coisa e rápido!

HOMEM 1 — Uma andorinha só não faz verão.

TITUS — Mas se organizarmos a tribo poderemos, juntos, reivindicar todos os nossos direitos.

HOMEM 1 — Acho difícil conseguir isso. Esse povo sofre que nem burro de carga, mas ninguém tem coragem de se arriscar para mudar as coisas.

TITUS — Não quero culpar o povo pois ele é conduzido para se comportar assim.

HOMEM 1 — Eu gostaria de poder ajudar, porém, tenho mulher e filhos... Uma reação contra o chefe pode terminar mal... Desculpe, mas para mim não dá!

TITUS — Pois eu não vou desistir. Antes a ameaça de morte do que a certeza de nunca poder mudar isso. Escutem aqui... (TODOS SE VOLTAM PARA ELE) Temos que dar um jeito de melhorar a nossa situação nessa tribo. Esse chefe nos explora até última gota de sangue. Seus feitores espancam nossos homens e nossas mulheres. Falta-nos tudo: roupas, comida, descanso. Não

podemos permitir que mais feridas sejam abertas em nossos corpos além das que já possuímos!

PERSONA I — Isso mesmo! Ninguém aguenta mais esta vida!

PERSONA II — Chega! Ninguém aguenta mais a miséria.

PERSONA III — E como faremos?

TITUS — Iremos todos ao palácio da tribo e reivindicaremos diretamente ao chefe todos os nossos direitos!

PERSONA I — Então vamos pegar nossas armas porque se reagirem contra nós com violência, quebraremos o pau nas costas deles!

TITUS — Não, nada de armas e muito menos violência. Não podemos e não devemos vestir a mesma roupa dos nossos opressores. Eles também são oprimidos porque não permitem a liberdade dos outros.

PERSONA I — Guardem as armas e vamos ao Palácio do Sol!

TODOS SAEM PELA PLATEIA CONDUZIDOS POR TITUS. APÓS A MÚSICA QUE SERVE DE FUNDO À ESTA CENA, O CHEFE ENTRA NO RECINTO COM ALGUMAS CRIADAS.

CHEFE — Ai, sua tirana, quer fazer churrasco dos meus belos dedos?

CRIADA — Desculpe-me, chefe!

CHEFE — Onde está a minha esposa?

CRIADA — Ainda dorme, senhor.

CHEFE — Mulheres... Todas dorminhocas! Acho que todas as mulheres deveriam trabalhar duro... AI! Assim já é demais! Se me machucar outra vez vou mandar o feitor lhe dar quinhentas chicotadas! Tirana!

DEPOIS QUE TERMINA A SUA HIGIENE, O CHEFE DISPENSA A CRIADAGEM E COMEÇA A DANÇAR COM GESTOS EFEMINADOS. AO FINAL DA MÚSICA, OUVE-SE O BARULHO DAS VOZES DO POVO. ENTRA O SACERDOTE.

SACERDOTE — Chefe! Chefe! Desculpe-me por interrompê-lo em pleno lazer, mas é que há uma rebelião!

CHEFE — Rebelião? Rebelião de quem?

SACERDOTE — Do povo! Está tentando invadir o palácio!

CHEFE — Oh, eu acho que vou desmaiar! Por favor, tragam os meus sais de cheiro! (A CRIADA APARECE COM UM PEQUENO VIDRO NA MÃO) Ligeiro, sua barata tonta! (DESTAMPA E CHEIRA) E o que vamos fazer, sacerdote?

SACERDOTE — Como estamos desguarnecidos aqui no palácio, vamos permitir que entrem!

CHEFE — Mas isso é uma loucura!

SACERDOTE — Não vejo outra saída, chefe!

CHEFE — Então o que está esperando? Mande o povo entrar mas, por favor, acalme-lhe os ânimos.

O SACERDOTE SAI E RETORNA SEGUIDO DO POVO

CHEFE — O que há, meus caros amigos?

TITUS — Estamos cansados dos maltratos que vivemos sofrendo com o trabalho forçado que somos obrigados a fazer, com a falta de comida em nossas casas, com a falta de agasalhos. Queremos a nossa liberdade! Nunca houve escravidão entre nossos ancestrais!

TODOS — Queremos pão e justiça social!

CHEFE — Calma! Calma! Podemos resolver tudo isso. Vocês têm razão. Sacerdote, por favor, escreva o que vou dizer: fica decretado que a partir de agora ficam suspensos todos os castigos de trabalho aplicados pelos feitores. Estes devem evitar todo e qualquer atrito com os trabalhadores. Toda a tribo deve ter acesso aos armazéns de comida e receber peles quando precisarem de roupas. Pronto. Deixe-me colocar o meu símbolo. Pronto. Agora voltem para as suas casas e tudo voltará ao normal.

TITUS — Espero que tudo seja cumprido.

O POVO SAI. EM CENA FICAM APENAS O CHEFE E O SACERDOTE.

CHEFE — Você viu que desrespeito a mim?

SACERDOTE — Não tinha outra alternativa, chefe.

CHEFE — Mas isso não vai ficar assim! Temos que encontrar um meio de mostrarmos a esses imbecis que eu ainda sou o chefe!

SACERDOTE — Isso não será difícil. Basta esperarmos o momento certo para poder agirmos.

CHEFE — Só espero que esse momento não demore muito senão daqui uns dias eles vão querer me tomar o poder.

SACERDOTE — Não chegarão a tanto. Conheço o nosso povo. O que foi concedido é o bastante. Acho que devemos convidar o povo para as festividades do deus Sol. Será uma boa maneira para você se mostrar um bom chefe.

CHEFE — Excelente ideia!

SACERDOTE — Amanhã mando a ordem pelo feitor.

BLACKOUT. AO VOLTAR A LUZ, O POVO ESTÁ NO PALCO TRABALHANDO.

HOMEM 1 — É... parece que eles cumpriram a palavra.

TITUS — Acho que o chefe vai aprontar alguma coisa. Ele não ia se dobrar assim, sem mais nem menos.

HOMEM 1 — Você já está exagerando com seu radicalismo exacerbado!

TITUS — Pode ser, mas não estou nada satisfeito. Sei lá... Ele nem sequer contestou nossas reivindicações e foi logo assinando aquela ordem...

HOMEM 1 — Vamos continuar o nosso trabalho. Pare de ficar inventando problemas. Como você viu, logo cedo, as nossas famílias foram buscar alimentos e foi distribuído o mesmo que mandam lá para o palácio. (APARECE O FEITOR)

FEITOR — O chefe da tribo manda convidar a todos para as festividades no templo do deus Sol. Todos participarão dos rituais e da grande festa.

TITUS — Agora é que eu não entendo mais nada! Primeiro aquilo tudo que nos concederam ontem, agora o convite para a festa do templo.

HOMEM 1 — Deixe de ser venenoso, Titus, agora está tudo bem.

TITUS — Sei não... Estou achando muita abelha para pouco mel!

HOMEM 1 — Acho que a sua desconfiança está indo longe demais!

BLACKOUT. O FEITICEIRO DA TRIBO ENTRA ACOMPANHANDO O CHEFE, A ESPOSA E O SACERDOTE. AS MULHERES CONDUZEM VASOS COM FLORES E OS HOMENS LANÇAS E TACAPES. APÓS O RITUAL ACONTECE A FESTA. À CENA, DEVE SER DADA UMA CONOTAÇÃO SEXUAL FEITA ATRAVÉS DE EXPRESSÃO. DEPOIS DA DANÇA TODOS RIEM EXTASIADOS E CONVERSAM PARALELAMENTE FAZENDO UM GRANDE BARULHO. OUVE-SE O RUÍDO DE UMA GRANDE EXPLOSÃO. TODOS PARAM ATÔNITOS. COISAS COMEÇAM A DESMORONAR. O PÂNICO TOMA CONTA DA CENA. COMEÇAM A CORRER DE UM LADO

PARA OUTRO PROCURANDO PROTEÇÃO CONTRA OS OBJETOS QUE CAEM DO ALTO. APÓS A PARTE INSTRUMENTAL DA MÚSICA, TITUS E O HOMEM 1 SOCORREM OS FERIDOS. POUCO A POUCO TODOS VÃO SE RECUPERANDO DA TRAGÉDIA. VÃO SAINDO LENTAMENTE, AJUDANDO UNS AOS OUTROS. O PALCO FICA VAZIO. BLACKOUT. AO VOLTAR A LUZ, O CHEFE DIALOGA COM O SACERDOTE.

CHEFE — Três dias sem a luz do sol! Três dias sem trabalho, sem caça, sem pesca... O mar está furioso e devora as embarcações ancoradas! O que está acontecendo? O que está acontecendo?

SACERDOTE — Sinceramente não tenho uma resposta para lhe dar. As coisas que provocaram a evasão da luz do sol me são completamente desconhecidas! Só pode ser um castigo!

CHEFE — Castigo? Como? Ora, fizemos os rituais para o deus Sol, não negligenciamos em nada. Como poderia ele nos castigar se procuramos não falhar em nada?

SACERDOTE — Só pode ser um castigo! Não consigo encontrar outra explicação!

CHEFE — Tem que haver uma explicação! Nossos ancestrais narraram fatos semelhantes em seus escritos.

SACERDOTE — Mas nunca explicaram as causas! Há muitos anos, talvez séculos, que não tem ocorrido nada parecido com isso.

CHEFE — Agora o povo se revoltará contra mim para cobrar a luz! Estamos metidos numa boa enrascada!

SACERDOTE — Continuo achando que isso é um castigo do deus Sol. Não iria nos acontecer algo se não tivéssemos dado algum motivo. Precisamos descobrir o que fizemos de grave e procurar resolver o nosso debito com o Sol. Caso contrário, ele destruirá a todos e será o fim da nossa tribo.

CHEFE — E o que você propõe?

SACERDOTE — Talvez seja necessário um sacrifício humano!

CHEFE — Sacrifício humano?! Mas não fazemos isso há anos!

SACERDOTE — Eu sei, porém, para acalmar a fúria do deus Sol, é necessário que uma vida humana seja sacrificada!

CHEFE — Se é assim... Espere! Tive uma grande ideia. Acho que podemos matar dois coelhos de uma cajadada só. Acho que podemos castigar o povo pela humilhação que me fez passar. Podemos pegar como vítima a irmã do tal Titus!

SACERDOTE — E provocar uma nova revolta? Não, não acho que seja um meio viável.

CHEFE — Claro que é viável. Você irá se disfarçar e vai colocar o povo contra Titus. E inventará que o Sol está revoltado contra o povo porque faltou com o respeito ao chefe da tribo e dirá, ainda, que descobriu que para acalmar o nosso deus Sol, será preciso um sacrifício. E já sabe quem serão as vítimas, não?

SACERDOTE — Titus e a irmã. Está aí uma coisa que pode dar certo. Vou tentar.

CHEFE — Disfarce-se de estrangeiro e diga ao povo que conversou com o sacerdote do templo... sei lá... invente qualquer coisa que faça o povo ficar contra Titus. Tome cuidado para não ser reconhecido.

BLACKOUT. O POVO ESTÁ NUM MESMO PLANO. SUBDIVIDIDO EM PEQUENOS GRUPOS; O SACERDOTE VAI CHEGANDO SORRATEIRAMENTE.

SACERDOTE — Boa noite... Alguém pode arranjar uma caneca de café para um pobre e faminto forasteiro?

HOMEM 1 — Claro. Sente-se que irei providenciar. Aqui está.

SACERDOTE — Obrigado. Puxa, como está frio!

HOMEM 1 — Tome, cubra-se com este pedaço de couro. De onde você vem, forasteiro?

SACERDOTE — Estava vindo do sul e indo para o norte quando fui atacado por esta escuridão. Como estava nos arredores desta tribo, vim pedir arrimo aqui. Fui até o templo de vocês pedir socorro e fui informado que a tribo está sendo castigada.

HOMEM 1 — Castigada? Quem falou isso?

SACERDOTE — O sacerdote do templo. Disse que o sol está irado e que só ficará calmo com o sacrifício de uma pessoa.

HOMEM 1 — Titus, venha até aqui. Este homem afirma que foi informado de que esta escuridão é um castigo e que o deus Sol está exigindo um sacrifício humano!

TITUS — Eu sabia que alguma coisa estava errada!

HOMEM 1 — Como sabia?

TITUS — Vocês não percebem que tudo isso é uma jogada? Eles estão querendo voltar atrás nas concessões que nos fizeram!

SACERDOTE — Não posso dar nenhum palpite pois sou um estranho entre vocês.

HOMEM 1 — Titus, e se for mesmo verdade? Com certeza eles vão querer punir a gente escolhendo como sacrifício um de nós!

TITUS — Não permitiremos isso, pois é um tremendo absurdo!

MULHER 1 — E sua irmã, onde está?

TITUS — Naquele grupo ali. Por que?

MULHER 1 — Precisamos saber isso direitinho. Se for por causa da rebelião, então você é o responsável!

TITUS — Ora, minha senhora, não diga bobagens! A senhora mesma é conhecedora dos nossos problemas. Por que o deus Sol nos castigaria por lutarmos juntos pelos nossos direitos?

HOMEM 1 — Nós invadimos a casa do chefe e ele é o representante do deus Sol. Pode ser que ele tenha se irritado por isso.

TITUS — Não vão querer me culpar agora, certo? Ora, se o Sol nos castiga por lutarmos pela justiça, então ele é tão sacana quanto o chefe e toda aquela corja lá do palácio!

MULHER 1 — Você é muito atrevido! Não duvido que o deus Sol esteja protestando contra a sua rebeldia! Que tipinho presunçoso.

HOMEM 1 — Calma, gente!

TITUS — Vocês são livres para pensarem como quiserem. Eu insisto: se o Sol nos pune por lutarmos contra a miséria, ele é tão injusto quando aquele que nos oprimem!

UMA GRANDE EXPLOSÃO É OUVIDA. NOVAMENTE O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. UMA MULHER FERIDA É TIDA COMO MORTA. DEPOIS QUE O TREMOR PASSA...

HOMEM 2 — Lina! Lina! Onde está você? Oh, não! Lina! Lina!

HOMEM 1 — Ela está morta...

HOMEM 2 — Não! Não! Minha Lina! Foi você, (VIRA-SE PARA TITUS) seu cão maldito, com sua raiva miserável! Foi você quem matou minha Lina!

TITUS — Eu não tenho culpa de nada! Poderia ter acontecido também comigo ou com a minha irmã.

HOMEM 2 — O deus Sol deve beber o sangue desses infelizes antes que a rebeldia deles nos atinja a todos!

SACERDOTE — Prendam este maluco e a irmã dele também!

TITUS — Não toquem na minha irmã!

HOMEM 1 — Sinto muito, mas não posso deixar de apoiar esta gente. Você foi longe demais e tivemos a prova de que o Sol desaprova as suas atitudes. Prendam-no!

IRMÃ — Larguem meu irmão, seus covardes!

TITUS — Façam comigo o que quiserem, mas não machuquem minha irmã!

HOMEM 2 — Vamos levá-los ao palácio e oferecê-los como sacrifício ao nosso deus Sol. Tenho certeza que depois de destruí-los, a luz voltará para nós outra vez!

O SACERDOTE SAI PELO PALCO. A COMITIVA SAI PELA PLATEIA. AO CHEGAREM AO PALCO VÃO SE ACOMODANDO PARA RECEBER O CHEFE. NUMA CENA PARALELA, O SACERDOTE RETIRA O DISFARCE E CONVERSA COM O CHEFE.

CHEFE — E então? Conseguiu alguma coisa?

SACERDOTE — Mais que isso. Já temos as vítimas para o sacrifício. Um tremor de terra encarregou-se do resto. Uma mulher morreu e todos se voltaram contra o tal Titus e a irmã dele.

CHEFE — Excelente! Excelente!

SACERDOTE — Agora todos estão à sua espera lá no salão de reuniões.

CHEFE — Então vamos resolver isso logo. Venha.

AO RECEBER O CHEFE, O POVO SE CURVA. TITUS E A IRMÃ ESTÃO AMARRADOS E ESTIRADOS NO CHÃO.

CHEFE — Meus caros amigos, lamentavelmente, o deus Sol está nos castigando pela rebeldia que aconteceu em nossa pacífica tribo há alguns dias atrás. Nossos sacerdotes videntes afirmam que o Sol só acalmará a sua fúria se oferecermos a ele um grande sacrifício! Porém, não quis escolher ninguém para que a minha atitude não soasse como um ato de arbitrariedade. O que faremos?

HOMEM 2 — Já temos a oferenda para o nosso amado deus Sol: estas duas criaturas malditas! Por causa deles eu perdi minha esposa!

CHEFE — Farei o sacrifício se for da vontade de todos!

TODOS — Queremos ofertar estas duas vidas ao nosso deus Sol para que a sua luz volte a brilhar em nossa tribo.

CHEFE — Vocês estão bem conscientes disso?

TODOS — Estamos, amado chefe!

CHEFE — Então vamos conduzi-los num grande cortejo para o templo do nosso amado deus Sol!

APLAUSOS. TODOS SAEM PELA PLATEIA. NO ROL DO TEATRO SE PREPARAM PARA O CORTEJO DO SACRIFÍCIO. COLOCAM A IRMÃ DE TITUS EM CIMA DE UM BANGUÊ E SOBRE A SUA CABEÇA UMA COROA DE FLORES. TITUS VAI AMARRADO CONDUZIDO PELO FEITOR QUE LHE DÁ CHICOTADAS. OS HOMENS LEVAM LANTERNAS LUMINOSAS; AS MULHERES, VASOS COM FLORES. À FRENTE DO CHEFE O FEITICEIRO DA TRIBO VAI FAZENDO EVOLUÇÕES PELA PLATEIA, EXPLORANDO TODOS OS ESPAÇOS. A IRMÃ

DE TITUS GRITA E SE AGITA EM CIMA DO BANGUÊ. AO CHEGAR AO PALCO, O FEITICEIRO PEGA UM FACÃO E FICA FAZENDO EVOLUÇÕES ENQUANTO O SACERDOTE ARRUMA AS VÍTIMAS PARA O SACRIFÍCIO. AMARRAM TITUS NUM TRONCO E COLOCAM A MOÇA EM CIMA DE UMA MESA. DEPOIS DE TUDO PRONTO, O FEITOR (OU MAIS DE UM) SERVE BEBIDA AO POVO E ESTE COMEÇA A DELIRAR. TITUS SE ESFORÇA PARA SE LIBERTAR DAS CORDAS; MÚSICA. TODO MUNDO DANÇA DESCOORDENADAMENTE. INTERROMPE-SE A MÚSICA E VÁRIOS SONS SÃO OUVIDOS. TODOS FICAM APREENSIVOS. DÁ-SE O 3º TERREMOTO. COISAS COMEÇAM A CAIR DO URDIMENTO. O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. GRITAM DESESPERADOS. TITUS CONSEGUE SE SOLTAR E CORRE PARA LIBERTAR A SUA IRMÃ

HOMEM 1 — Calma! Calma! É apenas um tremor de terra!

IRMÃ — Titus, vamos sair daqui! Isso vai desmoronar e matar todo mundo!

TITUS — Não podemos abandoná-los! Estão muitos feridos!

IRMÃ — Eles queriam nos matar...

TITUS — Eu sei, mas não podemos deixar que pessoas morram quando podemos salvá-las! Venha, ajude-me.

O CHEFE ESTÁ ENCOSTADO NUMA DAS PAREDES COM OS OLHOS ARREGALADOS E PARALISADOS DE MEDO. O SACERDOTE, AOS SEUS PÉS, GEME. A ESPOSA DO CHEFE ESTÁ CAÍDA PRESA POR ALGUMAS PEDRAS.

DEPOIS QUE TODOS SÃO EVACUADOS, TITUS PERCEBE O CHEFE E O SACERDOTE. DEPOIS DOIS HOMENS AJUDAM O SACERDOTE. TITUS AJUDA A MULHER DO CHEFE, RETORNANDO EM SEGUIDA PARA SOCORRER O CHEFE.

TITUS — Venha, chefe. O templo está desabando e o senhor irá morrer se não sair daqui e já!

CHEFE — Eu... eu não consigo andar! Minhas pernas não me obedecem!

TITUS — Eu ajudo. Vamos!

CHEFE — Por que está fazendo isso por mim? Quase o matei! Tem agora uma boa oportunidade para me destruir e assumir o comando desta tribo.

TITUS — Vamos sair daqui antes que sejamos esmagados!

CHEFE — Não, eu vou ficar aqui! O povo se revoltará e vai querer me castigar!

TITUS — Castigá-lo? Ora, não seja tolo. Ninguém tem culpa se a natureza também sofre transformações.

CHEFE — Isso é um castigo! Será que você não percebe isso? Como vou explicar para o povo que tudo isso é fruto das transformações da natureza se já disse que era um castigo do deus Sol?

TITUS — É só confessar a verdade.

CHEFE — Você está querendo que eu assine a minha sentença de morte?

UMA PEDRA DESABA E TITUS EMPURRA O CHEFE PARA QUE O BLOCO SÓLIDO NÃO O ESMAGUE. PEGA-O E COLOCA-O SOBRE OS OMBROS. BLACKOUT. TODOS ESTÃO EM CENA: UNS GEMEM, OUTROS CHORAM; OUTROS SOCORREM OS FERIDOS.

HOMEM 1 — Estamos passando por tudo isso por sua culpa, Titus! Se não tivesse provocado tanta desordem estaríamos livres disso tudo.

HOMEM 2 — É isso mesmo. Por sua causa eu perdi minha esposa! Pobre Lina.

TITUS — Eu sinto muito por tudo o que aconteceu a vocês, mas não tenho culpa de nada. O que estamos atravessando é um fenômeno da própria natureza e não um castigo.

HOMEM 2 — Mentira! Ele quer tirar a responsabilidade de seus ombros!

TITUS — Ao invés de ficarmos aqui procurando apurar a culpa dos outros, devemos agasalhar os feridos e procurar protegê-los no caso de um outro desmoronamento. Discutiremos isso depois.

TODOS OBEDECEM.

CHEFE — Por que não lhes mostrou o verdadeiro culpado, Titus?

TITUS — Não sou eu, chefe, quem deve apontar os seus erros. É o senhor mesmo.

CHEFE — Eu não tenho coragem embora reconheça que é o que devo fazer.

TITUS — Não perca mais tempo. O povo merece uma explicação e mais o do que isso, uma solução!

CHEFE — Atenção todos... Devo a vocês uma explicação... Não é fácil para mim, mas preciso falar. Estamos passando por um fenômeno causado pela natureza. Essa escuridão, esses tremores de terra... Não se trata de nenhum castigo do deus Sol, mas de um fenômeno natural que não podemos explicar nem entender.

HOMEM 1 — Mas soubemos que os sacerdotes disseram que tudo isso aconteceu porque Titus se rebelou contra o senhor, o filho do Sol!

CHEFE — Na verdade isso foi ideia minha! O medo que tive em perder o poder me fez agir soberbamente.

HOMEM 2 — Quer dizer que o Titus é inocente! E pensar que quase o matamos!

CHEFE — Lamentavelmente eu fui o causador de tudo. Façam o que quiser comigo. Só peço que não maltratem a minha esposa. Ela nunca partilhou das minhas maldades.

TITUS — O chefe errou e errou muito, minha gente, mas merece uma chance de reparar toda a opressão que cometeu. A nossa tribo sempre foi unida e nunca houve distinção entre chefes e seus comandados. Portanto, devemos esquecer todos esses acontecimentos ruins que nos tiraram a paz e recomeçar partindo do nada. Juntos poderemos fazer esta tribo crescer.

HOMEM 2 — Mas ninguém devolverá a vida da minha mulher! É fácil falar em união, mas esta não pode sarar as feridas que nos fizeram sofrer e perder as coisas que amamos!

APARECE UMA MULHER CAMBALEANDO. TODOS ARREGALAM OS OLHOS ESPANTADOS.

MULHER 2 — Vico... Vico...

HOMEM 2 — Lina! Você está vida... você está viva!

TITUS — Que bom! Que bom!

MULHER 2 — Eu estava apenas desmaiada quando vocês me deram por morta... Quando voltei a mim estava sozinha e por sorte não fui esmagada com aquele último terremoto. E o resto da tribo?

HOMEM 1 — Muitos estão feridos, mas não morreu ninguém. Podemos recomeçar a nossa conversa com o chefe. Titus tem razão. Devemos deixar que o chefe mostre que pode conduzir a tribo sem opressão, sem injustiças, sem misérias...

TITUS — Todos concordam?

TODOS — Concordamos! Concordamos!

CHEFE — Eu prometo que vou mudar e fazer desta tribo uma comunidade de irmãos. Eu estou me sentido livre porque consegui me livrar do medo de perder o poder. Perdi o desejo ambicioso de dominar tudo e a todos. Sinto-me agora um de vocês. Devo agradecer isso a um homem que é verdadeiramente um homem: Titus! Se não fosse ele, não sei o que seria de nós!

TODOS APLAUDEM TITUS. TROCAM ABRAÇOS. EM SEGUIDA, O CHEFE DÁ UM GRANDE ABRAÇO EM TITUS. CHORAM CONVULSIVAMENTE. A LUZ VAI AUMENTANDO E UM GRANDE DISCO SOLAR COMEÇA A DESCER LENTAMENTE DO URDIMENTO.

TODOS — O sol está voltando! O sol está voltando!

O DISCO SOLAR PARA NO CENTRO DA ROTUNDA. TODOS SE ABRAÇAM E, DE MÃOS DADAS, FICAM NO CENTRO DO PALCO. FAZEM A ÚLTIMA FORMA DO ESPETÁCULO. AS PERSONAS RECITAM OS ÚLTIMOS TEXTOS.

PERSONA I — A liberdade é a realização maior dos homens, mas é também o compromisso, o respeito e a responsabilidade para com tudo e com todos.

PERSONA II — Os homens ainda podem transformar o mundo numa comunidade de irmãos, onde todos irão respirar o mesmo amor, a mesma fraternidade, a mesma paz.

PERSONA III — A violência é a arma dos incapazes e nunca será o caminho certo para aproximar e libertar os homens.

PERSONA IV — A paz só será possível quando todos os individualismos forem banidos do coração dos homens. A paz só será alcançada quando percebermos que só podemos crescer em comunhão com o mundo e com todas as pessoas.

PERSONA V — A liberdade não se recebe de graça. A liberdade se conquista!

DESFAZEM A FORMA. MÚSICA FINAL. TODOS RUMAM PARA O CENTRO DO PALCO, FORMANDO UM GRANDE GRUPO. TROCAM ABRAÇOS E DEPOIS DESENVOLVEM FORMAS CORPORAIS ATRAVÉS DE EXPRESSÕES. NOS SEGUNDOS FINAIS DA MÚSICA, FICAM TODOS DE MÃOS DADAS, NUMA LINHA HORIZONTAL, NO CENTRO DO PALCO. BLACKOUT. AO RETORNAR A LUZ TODOS ESTÃO NA RIBALTA PARA O AGRADECIMENTO FINAL AO PÚBLICO.

F I M

ANEXO 1

PROFLETRAS
Rede Nacional

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:

PROFLETRAS
Rede Nacional

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR

ANEXO 2

COLÉGIO VEJA

a p r e s e n t a

"C O E T E R I S P A R I B U S"

de Cícero Alberto

ENCENAÇÃO: GRUPO DE TEATRO VEJA

COETERIS PARIBUS

TEXTO DE CÍCERO ALBERTO BENTO DOS SANTOS

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.F.

Todos os atores estão deitados no palco em posição de feto. Um jato de luz é lançado em direção ao centro. Música. Todos começam a desenvolver o nascimento passando, em seguida, para os diversos estágios da aprendizagem do ser humano: arrastam-se, engatinham e, finalmente, aprendem a andar. Pesquisam todo o ambiente, curtindo os objetos do cenário. Depois descobrem os companheiros e fazem uma pesquisa de corpo (reconhecimento físico). Constróem a primeira forma do espetáculo. Ao terminar a música, começam a descobrir a voz: emitem as vogais acrescentando em seguida as consoantes. Falam as primeiras palavras (objetos que compõem o cenário. Após tudo isso, exteriorizam diversos sentimentos: frio,calor, interrogação, dúvida, admiração, etc. Formam a segunda forma para recitarem os primeiros textos do espetáculo.

PERSONA I - Não sabemos a origem dos homens. Pode ser que tenham vindo do mesmo ancestral dos macacos e também dos anfíbios e dos peixes. Tudo o que sabemos é q u e somos fruto de um número infinito de transformações dos organismos vivos, cuja a origem se perde nos arquivos empoeirados do tempo.

PERSONA II - Os conceitos e as teorias se projetam para a explicação de uma das maiores interrogativas já proposta pelos seres humanos, mas as respostas caem na incompleticidade que envolve a razão humana. No entanto a vida brotou sob a forma de vegetais, animais, seres inertes e seres humanos.

PERSONA III - E brotou da semente da criação de um artista louco o primeiro homem e a primeira mulher. Cresceram e reproduziram. Formaram a família e a sociedade. Começaram o grande conflito da existencia e uma história feita de altos e baixos, de desesperos e esperanças!

PERSONA IV - Vida e morte se confundem no mesmo palco na forma de um ato único que é comum a todos, não importando a posição que se ocupe na grande pirâmide social da existencia. Temos um marco que assinala o começo, porém, desconhecemos o

o limite que anuncia o fim. Presenciamos e vivenciamos as transformações e acompanhamos com os olhos do espanto a continuidade de uma coisa chamada vida!

PERSONA V - A simplicidade nasceu de um vôo de amor que gestou a fraternidade e a união de todos. A natureza se materializou para dar sentido e razão de ser a vida. Os animais completariam o cenário da existencia do planeta Terra. A comunhão do mesmo pedaço de a m o r era do interesse de todos.

PERSONA VI - A poesia da vida brotou do silêncio que despertou o universo e coloriu as plantas de verde, e projetou das rimas a água para saciar a sêde. A música nasceu de um parto sem dor para harmonizar os sons engravidados pela própria vida.

PERSONA VII - Mas a tranquilidade dos primeiros momentos da Terra seria vista como monotonia e esta faria com que a vida fosse obrigada a optar por ações mais excitantes. O poeta louco que cantou o mundo em seus versos escritos com as tintas do amor, via, agora, a sua obra ser manchada por uma tinta nova e estranha que ficaria marcada para sempre na poesia da vida: a violência!

DESMANCHAM A FORMA E COMEÇAM A BRIGAR. FICAM ESTÁTICOS E CONTINUAM O TEXTO, AO TEMPO EM QUE ORGANIZAM A TERCEIRA FORMA.

PERSONA VIII - E nunca mais o equilíbrio seria uma realidade concreta na vida dos homens e das mulheres a quem o grande poeta louco confiara a obra de sua poesia. A força irá superar toda a fraternidade e opôr-se-á a qualquer tentativa de união pacífica.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.P.F.

PERSONA IX - Os homens aprenderão a manipular uma arma invisível chamada poder e, com ela, causarão grandes injustiças e grandes genocídios. Pelo poder, esquecerão de suas mulheres e filhos e causarão à Terra toda a sorte de males.

PERSONA X - Aprenderão a fabricar armas para conquistar o poder e se farão respeitar pelo emprego da violência! Muitos serão os torturados da vida, os desaparecidos da noite que acalentou o embrião da existencia. Tornar-se-ão senhores do mundo e escravizarão outros homens.

QUARTA FORMA.

PERSONA XI - Descobrirão a força de uma enfermidade chamada dinheiro e

e por ele farão coisas que a Terra gemerá no seu silêncio mudo.

PERSONA XII - Fabricarão ideologias para legitimar qualquer ato desumano que faça prevalecer a força de uma coisa chamada status quo. Aprenderão a dar com uma mão e roubar ou tomar com a outra.

TODOS ROLAM POR TERRA. ALGUNS ATORES SAEM CORRENDO PELA PLATÉIA. MÚSICA. NO PALCO: UM GRUPO DE PESSOAS ENTRA CHICOTEADO POR DUAS OU MAIS PESSOAS. COMEÇA A TRABALHAR: UNS PLANTAM, OUTROS COLHEM; UNS CARREGAM PEDAÇOS DE TRONCOS DE MADEIRA, OUTROS, BLOCOS DE PEDRA. EXPRESSAM DOR, CANSAÇO E SOFRIMENTO. NA PLATÉIA: UM ESCRAVO É CONDUZIDO POR UM FEITOR. UM GRUPO PEDE ESMOLAS AO PÚBLICO ENQUANTO UM HOMEM VAI AMASSANDO UM PEDAÇO DE PÃO. QUANDO VAI CONDUZÍ-LO À BOCA, O FEITOR DÁ UM TAPA NA MÃO DO HHOMEM E O PEDAÇO DE PÃO CAI POR TERRA. UMA PESSOA CAMINHA COM O OLHAR PERDIDO NO INFINITO ENQUANTO OUTRA SE ARRASTA PELO CHÃO. AO CHEGAREM AO PALCO FAZEM O MESMO TRABALHO DOS PERSONAGENS QUE JÁ ESTÃO LÁ. TERMINA A MÚSICA. UM PREFIXO ANTECEDE A CHEGADA DO CHEFE DA TRIBO COM SUA ESPOSA. TODOS SE CURVAM E RECUAM PARA AS LATERAIS, FORMANDO UM GRANDE "V".

CHEFE - Veja, minha esposa, a felicidade de um povo que trabalha para o engrandecimento da sua tribo!

ESPOSA - Eu soube que seus homens maltratam muito essa gente.

CHEFE - Calúnias! Calúnias! Isso só pode ter partido de algum porco preguiçoso e incapaz! Nosso povo é um povo trabalhador e feliz mas, se ainda tem dúvidas, pode você mesma perguntar a eles se isso é mesmo verdade.

ESPOSA - Não é preciso. Sei que você não mentiria para mim assim de uma maneira tão vil. Vamos embora.

CHEFE - Até logo, queridos amigos. Continuem trabalhando para o engrandecimento e segurança da nossa tribo. (SAI)

TODOS VOLTAM AO MESMO ESQUEMA DE ANTES; UMA MULHER CAI E É IMEDIATAMENTE CHICOTEADA. UM HOMEM REAGE.

TITUS - Não está vendo, seu cão imundo, que esta mulher está morta de cansaço?

FEITOR - Volte para seu trabalho se não quiser levar umas duzentas chicotadas por indisciplina!

TITUS - Olha aí, gente, o que eles querem fazer conosco! Nos massacram neste trabalho miserável... (RECEBE UM TAPA DO FEITOR)

FEITOR - Cale esta maldita boca, imbecil! Volte para o seu lu-

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.F.P.

gar! (EMPURRA-O PARA O GRUPO QUE CORRE EM SEU SOCORRO) E vocês, seus tolos , voltem ao trabalho e nada de reclamações! Quanto a você, seu cretino , nunca mais ouse romper a ordem aqui! Entendeu bem? (SAI)

TODOS RETORNAM ÀS ATIVIDADES. BLACKOUT. LUZES NOTURNAS. O CHEFE ESTÁ SENTADO AO LADO DA ESPOSA. O RESTO DO ELENCO ESTÁ ESPALHADO PELO PALCO EM GRUPOS ISOLADOS. RA RIBALTA, TITUS E OUTRO HOMEM CONVERSAM EM PANTOMIMA. LUZES MAIS VIVAS. UMA BAILARINA ENTRA DANÇANDO ENQUANTO DUAS MULHERES SERVEM COMIDA E BEBIDA. APÓS A DANÇA, ENTRA O SACERDOTE TRIBAL.

CHEFE - Como vai, ilustre sacerdote?

SACERDOTE - Um pouco preocupado.

CHEFE - E o que tanto o preocupa?

SACERDOTE - O feiticeiro da tribo previu uma grande sêca sobre a nossa tribo.

CHEFE - Ora, amigo, isso para nós não constituirá problema. Temos muito trigo estocado. Poderemos suportar a crise sem grandes problemas . Vejo aí uma boa oportunidade para conquistarmos aquelas tribos do sul. Eles nunca se preocupam em armazenar nada. Será fácil conquistá-las quando estiverem famintas.

SACERDOTE - Você está esquecendo de um detalhe importante.

CHEFE - Quem irá enfileirar o nosso exército?

SACERDOTE - Exatamente. Quem?

CHEFE - Ora, quem? O povo, é claro!

SACERDOTE - Convocar o povo na situação em que ele está é um erro, chefe. Temos um bando de gente faminta que trabalha mais do que descansa. Como poderemos formar um exército com gente cansada e faminta e que ainda por cima poderá até se revoltar contra o seu próprio chefe!

CHEFE - Você tem razão. Não havia me apercebido desse detalhe. Mas deixemos esse problema de lado e vamos comer e beber. A guerra fica para mais tarde. (BATE PALMAS) Meninas, dancem para nós e vocês tragam mais vinho.

AS BAILARINAS DANÇAM. APÓS ESTA CENA, O CHEFE, A ESPOSA E O SACERDOTE SE RETIRAM. AS BAILARINAS QUE HAVIAM SAÍDO ANTES SE JUNTAM AOS GRUPOS.

HOMEM 1 - Fale baixo... Ninguém pode ouvir isso que você está me dizendo ! Se te pegam dizendo essas bobagens...

TITUS - Bobagens?! Desde quando a miséria da gente é bobagem? Estamos sendo explorados dia após dias e isso é bobagem? Precisamos fazer alguma coisa e rápido!

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

HOMEM I - Uma andorinha só não faz verão.

TITUS - Mas se organizarmos a tribo poderemos, juntos, reinvindicar todos os nossos direitos.

HOMEM I - Acho difícil conseguir isso. Esse povo sofre que nem burro de carga mas ninguém tem coragem de se arriscar para mudar as coisas.

TITUS - Não quera culpar o povo pois ele é conduzido para se comportar assim.

HOMEM 1 - Eu gostaria de poder ajudar, porém, tenho mulher e filhos... Uma reação contra o chefe pode terminar mal... Desculpe, mas para mim não dá!

TITUS - Pois eu não vou desistir. Antes a ameaça da morte do que a certeza de nunca poder mudar isso. Escutem aqui... (TODOS SE VOLTAM PARA ELE) Temos que dar um jeito de melhorar a nossa situação nesta tribo. Esse chefe nos explora até última gôta de sangue. Seus feitores espancam nossos homens e nossas mulheres . Falta-nos tudo: roupas, comida, descanso... Não podemos permitir que mais feridas sejam abertas em nossos corpos além das que já possuímos!

D.C.D. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PERSONA I - Isso mesmo! Ninguém aguenta mais esta vida!

PERSONA II - Chega! ninguém aguenta mais a miséria.

PERSONA III - E como faremos?

TITUS - Iremos todos ao palácio da tribo e reivindicaremos diretamente ao chefe todos os nossos direitos!

PERSONA I - Então vamos pegar nossas armas porque se reagirem contra nós com violência, quebraremos o pau nas costas deles!

TITUS - Não, nada de armas e muito menos violência. Não podemos e nem devemos vestir a mesma roupa dos nossos opressores. Eles também são oprimidos porque não permitem a liberdade dos outros.

PERSONA I - Guardem as armas e vamos ao Palácio do Sol!

TODOS SAEM PELA PLATÉIA CONDUZIDOS POR TITUS. APÓS A MÚSICA QUE SERVE' DE FUNDO À ESTA CENA, O CHEFE ENTRA NO RECINTO COM ALGUMAS CRIADAS.

CHEFE - Ai, sua tirana, quer fazer churrasco dos meus belos dedos?

CRIADA - Desculpe-me, chefe!

CHEFE - Onde está a minha esposa?

CRIADA - Ainda dorme, senhor.

CHEFE - Mulheres... Todas dorminhocas! Acho que todas as mulheres deve

riam trabalhar duro... ai! Assim já é demais! Se me machucar outra vez vou mandar o feitor lhe dar quinhentas chicotadas! Tirana!

DEPOIS QUE TERMINA A SUA HIGIENA, O CHEFE DISPENSA A CRIADAGEM E COMEÇA A DANÇAR COM GESTOS EFEMINADOS. AO FINAL DA MÚSICA, OUVE-SE O BARULHOS DAS VOZES DO POVO. ENTRA O SACERDOTE.

SACERDOTE - Chefe! Chefe! Desculpe-me por interrompê-lo em pleno lazer mas é que há uma rebelião!

CHEFE - Rebelião? Rebelião de quem?

SACERDOTE - Do povo! Está tentando invadir o palácio!

CHEFE - Oh, eu acho que vou desmaiar! Por favor, tragam os meus sais de cheiro! (A CRIADA APARECE COM UM PEQUENO VIDRO NA MÃO) Ligeiro, sua barata tonta! (DESTAMPA E CHEIRA) E o que vamos fazer, sacerdote?

SACERDOTE - Como estamos desguarnecidos aqui no palácio, vamos permitir que entrem!

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

CHEFE - Mas isso é uma loucura!

SACERDOTE - Não vejo outra saída, chefe!

CHEFE - Então o que está esperando? Mande o povo entrar mas, por favor, acalme-lhe os ânimos!

O SACERDOTE SAI E RETORNA SEGUIDO DO POVO.

CHEFE - O que há, meus caros amigos?

TITUS - Estamos cansados dos maltratos que vivemos sofrendo com o trabalho forçado que somos obrigados a fazer, com a falta de comida em nossas casas, com a falta de agasalhos. Queremos a nossa liberdade ! Nunca houve escravidão entre os nossos ancestrais!

TODOS - Queremos pão e justiça social!

CHEFE - Calma! Calma! Podemos resolver tudo isso. Vocês tem razão. Sacerdote, por favor, escreva o que vou dizer: fica decretado que a partir de agora ficam suspensos todos os castigos de trabalho aplicados pelos feitores. Estes devem evitar todo e qualquer atrito com os trabalhadores. Toda a tribo deve ter acesso aos armazéns de comida e receber peles quando precisarem de roupas. Pronto. Deixe-me colocar o meu símbolo. Pronto. Agora voltem para as suas casas e tudo voltará ao normal.

TITUS - Espero que tudo isso seja cumprido.

O POVO SAI. EM CENA FICAM APENAS O CHEFE E OS SACERDOTES.

CHEFE - Você viu que desrespeito a mim?

SACERDOTE - Não tinha outra alternativa, chefe.

CHEFE - Mas isso não vai ficar assim! Temos que encontrar um meio de mostrarmos a esses imbecís que eu ainda sou o chefe!

SACERDOTE - Isso não será difícil. Basta esperarmos o momento certo para poder agirmos.

CHEFE - Só espero que esse momento não demore muito senão daqui uns dias eles vão querer me tomar o poder.

SACERDOTE - Não chegarão a tanto. Conheço o nosso povo. O que foi concedido é o bastante. Acho que devemos convidar o povo para as festividades do deus Sol. Será uma boa maneira para você se mostrar um bom chefe.

CHEFE - Excelente idéia!

SACERDOTE - Amanhã mando a ordem pelo feitor.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

BLACKOUT. AO VOLTAR A LUZ, O POVO ESTÁ NO PALCO TRABALHANDO.

HOMEM 1 - É... parece que eles cumpriram a palavra.

TITUS - Acho que o chefe vai aprontar alguma coisa. Ele não ia se dobrar assim, sem mais nem menos.

HOMEM 1 - Você já está exagerando com seu radicalismo exacerbado!

TITUS - Pode ser, mas não estou nada satisfeito. Sei lá... Ele nem sequer contestou as nossas reivindicações e logo assinando aquela ordem...

HOMEM 1 - Vamos continuar o nosso trabalho. Páre de ficar inventando problemas. Como você viu, logo cedo, as nossas famílias foram buscar alimentos e foi distribuído o mesmo que mandam lá para o palácio. (APARECE O FEITOR)

FEITOR - O chefe da tribo manda convidar a todos para as festividades do templo do deus Sol. Todos participarão dos rituais e da grande festa.

TITUS - Agora é que eu não entendo mais nada! Primeiro aquilo tudo que nos concederam ontem, agora o convite para a festa do templo.

HOMEM 1 - Deixe der ser venenoso, Titus; agora está tudo bem.

TITUS - Sei não... Estou achando muita abelha para pouco mel!

HOMEM 1 - Acho q u e a sua desconfiança está indo longe demais!

BLACKOUT. O FEITICEIRO DA TRIBO ENTRA ACOMPANHADO O CHEFE, A ESPOSA E O SACERDOTE. AS MULHERES CONDUZEM VAZOS COM FLORES E OS HOMENS LANÇAS E TACAPES. APÓS O RITUAL ACONTECE A FESTA. À CENA DEVE SER DADA UMA CONOTAÇÃO SEXUAL FEITA ATRAVÉS DE EXPRESSÃO. DEPOIS DA DANÇAM TODOS RIEM EXTASIADOS E CONVERSAM PARALELAMENTE FAZENDO UM GRANDE BARULHO.

OUVE-SE O RUÍDO DE UMA GRANDE EXPLOSÃO. TODOS PÁRAM ATÔNITOS. COISAS COMEÇAM A DESMORONAR. O PÂNICO TOMA CONTA DA CENA. COMEÇAM A CORRER DE UM LADO PARA OUTRO PROCURANDO PROTEÇÃO CONTRA OS OBJETOS QUE DAEM DO ALTO. APÓS A PARTE INSTRUMENTAL DA MÚSICA, TITUS E O HOMEM 1 SOCORREM OS FERIDOS. POUCO A POUCO TODOS VÃO S E RECUPERANDO DA TRAGÉDIA. VÃO SAINDO ' LENTAMENTE, AJUDANDO UNS AOS OUTROS. O PALCO FICA VAZIO. BLACKOUT. AO VOLTAR A LUZ, O CHEFE DIALOGA COM O SACERDOTE.

CHEFE - Três dias sem a luz do sol! Três dias sem trabalho, sem caça , sem pesca... O mar está furioso e devora as embarcações ancoradas! O que está acontecendo? O que está acontecendo?

SACERDOTE - Sinceramente não tenho uma resposta para lhe dar. As coisas que provocaram a evasão da luz do sol me são completamente' desconhecidas! Só pode ser um castigo!

CHEFE - Castigo? Como? Ora, fizemos os rituais para o deus Sol, não negligenciamos em nada. Como poderia ele nos castigar se procuramos não falhar em nada?

SACERDOTE - Só pode ser um castigo! Não consigo encontrar outra explicação!

CHEFE - Tem que haver uma explicação! Nossos ancestrais narraram fatos' semelhantes em seus escritos.

SACERDOTE - Mas nunca explicaram as causas! Há muitos anos, talvez séculos, que não tem ocorrido nada parecido com isso.

CHEFE - Agora o povo se revoltará contra mim para cobrar a luz! Estamos metidos numa boa enrascada!

SACERDOTE - Continuo achando que isso é um castigo do deus Sol. Não ' iria nos acontecer algo se não tivessemos dado algum motivo. Precisamos descobrir o que fizemos de grave e procurar' resolver o nosso débito com o Sol. Caso contrário, ele nos destruirá a todos e será o fim da nossa tribo.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CHEFE - E o que você propõe?

SACERDOTE - Talvez seja necessário um sacrifício humano!

CHEFE - Sacrifício humano?! Mas não fazemos isso há anos!

SACERDOTE - Eu sei, porém, para acalmar a fúria do deus Sol, é necessário que uma vida humana seja sacrificada!

CHEFE - Se é assim... Espere! tive uma grande idéia. Acho que podemos ' matar dois coelhos de uma cajadada só. Acho que podemos casti -

gar o povo pela humilhação que me fez passar. Podemos pegar como vítima a irmã do tal Titus!

SACERDOTE - E provocar uma nova revolta? Não, não acho que seja um meio viável.

CHEFE - Claro que é viável. Você irá se disfarçar e vai colocar o povo contra Titus. E inventará que o sol está revoltado contra o povo porque faltou com respeito ao chefe da tribo e dirá, ainda, que descobriu que para acalmar o nosso deus Sol, será preciso um sacrifício. E já sabe quem serão as vítimas, não?

SACERDOTE - Titus e a irmã. Está aí uma coisa que pode dar certo. Vou tentar.

CHEFE - Disfarce-se de estrangeiro e diga ao povo que conversou com o sacerdote do templo... sei lá... invente qualquer coisa que faça o povo ficar contra Titus. Tome cuidado para não ser reconhecido.

BLACKOUT. O POVO ESTÁ NUM MESMO PLANO, SUBDIVIDIDO EM PEQUENOS GRUPOS; O SACERDOTE VAI CHEGANDO SORRATEIRAMENTE.

SACERDOTE - Boa noite... Alguém pode arranjar uma caneca de café para um pobre e faminto forasteiro?

HOMEM 1 - Claro. Sente-se que irei providenciar. Aqui está.

SACERDOTE - Obrigado. Puxa, como está frio!

HOMEM 1 - Tome, cubra-se com este pedaço de couro. De onde você vem, forasteiro?

SACERDOTE - Estava vindo do sul e indo para o norte quando fui atacado por esta escuridão. Como estava nos arredores desta tribo, vim pedir arrimo aqui. Fui até o templo de vocês pedir socorro e fui informado que a tribo está sendo castigada.

HOMEM 1 - Castigada? Quem falou isso?

SACERDOTE - O sacerdote do templo. Disse que o sol está irado e que só ficará calmo com o sacrifício de uma pessoa.

HOMEM 1 - Titus, venha até aqui. Este homem afirma que foi informado de que esta escuridão é um castigo e que o deus Sol está exigindo um sacrifício humano!

TITUS - Eu sabia que alguma coisa estava errada!

HOMEM 1 - Como assim?

D.C.D.P. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TITUS - Vocês não percebem que tudo isso é uma jogada? Eles estão querendo voltar atrás nas concessões que nos fizeram!

SACERDOTE - Não posso dar nenhum palpite pois sou um estranho entre vocês.

HOMEM 1 - Titus, e se for mesmo verdade? Com certeza eles vão querer punir a gente escolhendo como sacrifício um de nós!

TITUS - Não permitiremos isso pois é um tremendo absurdo!

MULHER 1 - E sua irmã, onde está?

TITUS - Naquele grupo alí. Por que?

MULHER 1 - Precisamos saber isso direitinho. Se for por causa da rebelião, então você é o responsável!

TITUS - Ora, minha senhora, não diga bobagens! A senhora mesma é conhecedora dos nossos problemas. Por que o deus Sol nos castigaria' por lutarmos juntos pelos nossos direitos?

HOMEM 1 - Nós invadimos a casa do chefe e ele é o representante do deus Sol. Pode ser que ele tenha se irritado por isso.

TITUS - Não vão querer me culpar agora, certo? Ora, se o Sol nos castiga por lutarmos pela justiça, então ele é tão sacana quanto o chefe e toda aquela corja lá do palácio!

MULHER 1 - Você é muito atrevido! Não duvido que o deus Sol esteja protestando contra a sua rebeldia! Que tipinho presunçoso!

HOMEM 1 - Calma, gente!

TITUS - Vocês são livres para pensarem como quiserem. Eu insisto: se o Sol nos pune por lutarmos contra a miséria, ele é tão injusto quanto aqueles que nos oprimem!

UMA GRANDE EXPLOSÃO É OUVIDA. NOVAMENTE O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. UMA MULHER FERIDA É TIDA COMO MORTA. DEPOIS QUE O TREMOR PASSA...

HOMEM 2 - Lina! Lina! Onde está você? Oh, não! Lina! Lina!

HOMEM 1 - Ela está morta...!

HOMEM 2 - Não! Não! Minha Lina! Foi você, (VIRA-SE PARA TITUS) seu cão maldito, com sua raiva miserável! Foi você quem matou minha ' Lina!

TITUS - Eu não tenho culpa de nada! Poderia ter acontecido também comigo ou com a minha irmã!

HOMEM 2 - O deus Sol deve beber o sangue desses infelizes antes que a rebeldia deles nos atinja a todos!

SACERDOTE - Prendam este maluco e a irmã dele também!

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

TITUS - Vocês não percebem que tudo isso é uma jogada? Eles estão que - rendo voltar atrás nas concessões que nos fizeram!

SACERDOTE - Não posso dar nenhum palpite pois sou um estranho entre vo- cês.

HOMEM 1 - Titus, e se for mesmo verdade? Com certeza eles vão querer pu nir a gente escolhendo como sacrifício um de nós!

TITUS - Não permitiremos isso pois é um tremendo absurdo.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

MULHER 1 - E sua irmã, onde está?

TITUS - Naquele grupo alí. Por que?

MULHER 1 - Precisamos saber isso direitinho. Se for por causa da rebeli ão, então você é o responsável!

TITUS - Ora, minha senhora, não diga bobagens! A senhora mesma é conhe- cedora dos nossos problemas. Por que o deus Sol nos castigaria' por lutarmos juntos pelos nossos direitos?

HOMEM 1 - Nós invadimos a casa do chefe e ele é o representante do deus Sol. Pode ser que ele tenha se irritado por isso.

TITUS - Não vão querer me culpar agora, certo? Ora, se o Sol nos casti- ga por lutarmos pela justiça, então ele é tão sacana quanto o chefe e toda aquela corja lá do palácio!

MULHER 1 - Você é muito atrevido! Não duvido que o deus Sol esteja pro testando contra a sua rebeldia! Que tipinho presunçoso!

HOMEM 1 - Calma, gente!

TITUS - Vocês são livres para pensarem como quiserem. Eu insisto: se o Sol nos pune por lutarmos contra a miséria, ele é tão in- justo quanto aqueles que nos oprimem!

UMA GRANDE EXPLOSÃO É OUVIDA. NOVAMENTE O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. UMA MULHER FERIDA É TIDA COMO MORTA. DEPOIS QUE O TREMOR PASSA...

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

HOMEM 2 - Lina! Lina! Onde está você? Oh, não! Lina! Lina!

HOMEM 1 - Ela está morta...!

HOMEM 2 - Não! Não! Minha Lina! Foi você, (VIRA-SE PARA TITUS) seu cão maldito, com sua raiva miserável! Foi você quem matou minha ' Lina!

TITUS - Eu não tenho culpa de nada! Poderia ter acontecido também comi- go ou com a minha irmã!

HOMEM 2 - O deus Sol deve beber o sangue desses infelizes antes que a rebeldia deles nos atinja a todos!

SACERDOTE - Prendam este maluco e a irmã dele também!

TITUS - Não toquem na minha irmã!

HOMEM 1 - Sinto muito, mas não posso deixar de apoiar esta gente. Você' foi longe demais e tivemos a prova de que o sol desaprova as suas atitudes. Prendam-no!

IRMÃ - Larguem meu irmão, seus covardes!

TITUS - Façam comigo o que quiserem mas não machuquem minha irmã!

HOMEM 2 - Vamos levá-los ao palácio e oferecê-los como sacrifício ao nosso deus Sol! Tenho certeza que depois de destruí-los, a ' luz voltará para nós outra vez!

O SACERDOTE SAI PELO PALCO. A COMITIVA SAI PELA PLATÉIA. AO CHEGAREM AO AO PALCO VÃO SE ACOMODANDO PARA RECEBER O CHEFE. NUMA CENA PARALELA, O SACERDOTE RETIRA O DISFARCE E CONVERSA COM O CHEFE.

CHEFE - E então? Conseguiu alguma coisa?

SACERDOTE - Mais que isso. Já temos as vítimas para o sacrifício. Um ' tremor de terra encarregou-se do resto. Uma mulher morreu e todos se voltaram contra o tal Titus e a irmã dele.

CHEFE - Excelente! Excelente!

SACERDOTE - Agora todos estão à sua espera lá no salão de reuniões.

CHEFE - Então vamos resolver isso logo. Venha.

AO RECEBER O CHEFE O POVO SE CURVA. TITUS E A IRMÃ ESTÃO AMARRADOS E ES TIRADOS NO CHÃO.

CHEFE - Meus caros amigos, lamentàvelmente, o deus Sol está nos casti - gando pela rebeldia que aconteceu em nossa pacífica tribo há al guns dias atrás. Nossos sacerdotes videntes afirmam que o Sol ' só acalmará a sua fúria se oferecermos a ele um grande sacrifí- cio! Porém, não quis escolher ninguém para que a minha atitude' não soasse como um ato de arbitrariedade. O que faremos?

HOMEM 2 - Já temos a oferenda para o nosso amado deus Sol: estas duas ' criaturas malditas! Por causa deles eu perdí minha esposa!

CHEFE - Parei o sacrifício se for da vontade de todos!

TODOS - Queremos ofertar estas duas vidas ao nosso deus Sol para que a sua luz volte a brilhar em nossa tribo.

CHEFE - Vocês estão bem conscientes disso?

TODOS - Estamos, amado chefe!

CHEFE - Então vamos conduzí-los num grande cortejo para o templo do nos so amado deus Sol!

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.F.

APLAUSOS. TODOS SAEM PELA PLATÉIA. NO ROL DO TEATRO S E PREPARAM PARA O CORTEJO DO SACRIFÍCIO. COLOCAM A IRMÃ DE TITUS EM CIMA DE UM BANGUÊ E SOBRE A SUA CABEÇA UMA COROA DE FLORES. TITUS VAI AMARRADO CONDUZIDO PELO' FEITOR QUE LHE DÁ CHICOTADAS. OS HOMENS LEVAM LÂNTERNAS LUMINOSAS; AS MULHERES, VASOS COM FLORES. À FRENTE DO CHEFE O FEITICEIRO DA TRIBO VAI FAZENDO EVOLUÇÕES PELA PLATÉIA, EXPLORANDO TODOS OS ESPAÇOS. A IRMÃ DE TITUS GRITA E SE AGITA EM CIMA DO BANGUÊ. AO CHEGAR AO PALCO, O FEITICEIRO PEGA UM FACÃO E FICA FAZENDO EVOLUÇÕES ENQUANTO O SACERDOTE ARRUMA AS VÍTIMAS PARA O SACRIFÍCIO. AMARRAM TITUS NUM TRONCO E COLOCAM A MOÇA EM CIMA DE UMA MESA. DEPOIS DE TUDO PRONTO, O FEITOR (OU MAIS DE UM) SERVE BEBIDA AO POVO E ESTE COMEÇA A DELIRAR. TITUS ESFORÇA PARA SE LIBERTAR DAS CORDAS; MÚSICA. TODO MUNDO DANÇA DESCOORDENADAMENTE. INTERROMPE-SE A MÚSICA E VÁRIOS SONS SÃO OUVIDOS. TODOS FICAM APREENSIVOS. DÁ-SE O 3º TERREMOTO. COISAS COMEÇAM A CAIR DO URDIMENTO. O PÂNICO TOMA CONTA DE TODOS. GRITAM DESESPERADOS. TITUS CONSEGUE SE SOLTAR E CORRE PARA LIBERTAR A IRMÃ.

HOMEM 1 - Calma! Calma! É apenas um tremor de terra!

IRMÃ - Titus, vamos sair daqui! Isso vai desmoronar e matar todo mundo!

TITUS - Não podemos abandoná-los! Estão muito feridos!

IRMÃ - Eles queriam nos matar...

TITUS - Eu sei mas não podemos deixar que pessoas morrem quando podemos salvá-las! Venha, ajude-me.

O CHEFE ESTÁ ENCOSTADO NUMA DAS PAREDES COM OS OLHOS ARREGALADOS E PARALIZADO DE MÊDO. O SACERDOTE, AOS SEUS PÉS, GEME. A ESPOSA DO CHEFE ESTÁ CAÍDA PRESA POR ALGUMAS PEDRAS. DEPOIS QUE TODOS SÃO EVACUADOS, TITUS PERCEBE O CHEFE E O SACERDOTE. DEPOIS DOIS HOMENS AJUDAM O SACERDOTE. TITUS AJUDA A MULHER DO CHEFE, RETORNANDO EM SEGUIDA PARA SOCORRER O CHEFE

TITUS - Venha, chefe. O templo está desabando e o senhor irá morrer se não sair daqui e já!

CHEFE - Eu... eu não consigo andar! Minhas pernas não me obedecem!

TITUS - Eu ajudo. Vamos!

CHEFE - Por que está fazendo isso por mim? Quase o matei! Tem agora uma boa oportunidade para me destruir e assumir o comando desta tribo.

TITUS - Vamos sair daqui antes que sejamos esmagados!

CHEFE - Não, eu vou ficar aqui! O povo se revoltará e vai querer me castigar!

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

TITUS - Castigá-lo? Ora, não seja tolo. Ninguém tem culpa se a natureza também sofre transformações.

CHEFE - Isso é um castigo! Será que você não percebe isso? Como vou explicar para o povo que tudo isso é fruto das transformações da natureza se já disse que era um castigo do deus Sol?

TITUS - É só confessar a verdade.

CHEFE - Você está querendo que eu assine a minha sentença de morte?

UMA PEDRA DESABA E TITUS EMPURRA O CHEFE PARA QUE O BLOCO SÓLIDO NÃO O ESMAGUE. PEGA-O E COLOCA-O SOBRE OS OMBROS. BLACKOUT. TODOS ESTÃO EM CENA: UNS GEMEM, OUTROS CHORAM; OUTROS SOCORREM OS FERIDOS.

HOMEM 1 - Estamos passando por tudo isso por sua culpa, Titus! Se não tivesse provocado tanta desordem estaríamos livres disso tudo.

HOMEM 2 - É isso mesmo! Por sua causa eu perdí minha esposa! Pobre Lina!

TITUS - Eu sinto muito por tudo o que aconteceu a vocês mas não tenho culpa de nada. O que estamos atravessando é um fenômeno da própria natureza e não um castigo.

HOMEM 2 - Mentira! Ele quer tirar a responsabilidade de seus ombros!

TITUS - Ao invés de ficarmos aqui procurando apurar a culpa dos outros, devemos agasalhar os feridos e procurar protegê-los no caso de um outro desmoronamento. Discutiremos isso depois.

TODOS OBEDECEM.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.P.F.

CHEFE - Por que não lhes mostrou o verdadeiro culpado, Titus?

TITUS - Não sou eu, chefe, quem deve apontar os seus erros. É o senhor mesmo.

CHEFE - Eu não tenho coragem embora reconheça que é o que devo fazer!

TITUS - Não perca mais tempo. O povo merece uma explicação e mais do que isso, uma solução!

CHEFE - Atenção todos... Devo a vocês uma explicação... Não é fácil para mim, mas preciso falar. Estamos passando por um fenômeno causado pela natureza. Essa escuridão, esses tremores de terra... Não se trata de nenhum castigo do deus Sol, mas de um fenômeno natural que não podemos explicar nem entender.

HOMEM 1 - Mas soubemos que os sacerdotes disseram que tudo isso aconteceu porque Titus se rebelou contra o senhor, o filho do Sol!

CHEFE - Na verdade isso foi idéia minha! O mêdo que tive em perder o poder me fez agir soberbamente.

HOMEM 2 - Quer dizer que o Titus é inocente! E pensar que quase o matamos!

CHEFE - Lamentávelmente eu fui o causador de tudo. Façam o que quiser comigo. Só peço que não maltratem a minha esposa. Ela nunca partilhou das minhas maldades.

TITUS - O chefe errou e errou muito, minha gente, mas merece uma chance' de reparar toda a opressão que cometeu. A nossa tribo sempre foi unida e nunca houve distinção entre chefes e seus comandados. Portanto, devemos esquecer todos esses acontecimentos ruins que nos tiraram a paz e recomeçar partindo do nada. Juntos poderemos fazer esta tribo crescer.

HOMEM 2 - Mas ninguém devolverá a vida da minha mulher! É fácil falar em união mas esta não pode sarar as feridas que nos fizeram sofrer e perder as coisas que amamos!

APARECE UMA MULHER CAMBALEANDO. TODOS ARREGALAM OS OLHOS ESPANTADOS.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D.P.F.

MULHER 2 - Vico... Vico...

HOMEM 2 - Lina! Você está viva... você está viva!

TITUS - Que bom! Que bom!

MULHER 2 - Eu estava apenas desmaiada quando vocês me deram por morta... Quando voltei a mim estava sozinha e por sorte não fui esmagada com aquele último terremoto. E o resto da tribo?

HOMEM 1 - Muitos estão feridos mas não morreu ninguém. Podemos recomeçar a nossa conversa com o chefe. Titus tem razão. Devemos deixar' que o chefe mostre que pode conduzir a tribo sem opressão, sem injustiças, sem misérias...

TITUS - Todos concordam?

TODOS - Concordamos! Concordamos!

CHEFE - Eu prometo que vou mudar e fazer desta tribo uma comunidade de irmãos. Eu estou me sentindo livre porque consegui me livrar do mêdo de perder o poder. Perdí o desejo ambicioso de dominar tudo e a todos. Sinto-me agora um de vocês. Devo agradecer isso a um homem que é verdadeiramente um homem: Titus! Se não fosse ele ' não sei o que seria de nós!

TODOS APLAUDEM TITUS. TROCAM ABRAÇOS. EM SEGUIDA, O CHEFE DÁ UM GRANDE ' ABRAÇO EM TITUS. CHORAM CONVULSIVAMENTE. A LUZ VAI AUMENTANDO E UM GRANDE DISCO SOLAR COMEÇA A DESCER LENTAMENTE DO URDIMENTO.

TODOS - O sol está voltando! O sol está voltando!
O DISCO SOLAR PÁRA NO CENTRO DA ROTUNDA. TODOS SE ABRAÇAM E, DE MÃOS DA - DAS, FICAM NO CENTRO DO PALCO. FAZEM A ÚLTIMA FORMA DO ESPETÁCULO. AS PER SONAS RECITAM OS ÚLTIMOS TEXTOS.

PERSONA I - A Liberdade é a realização maior dos homens mas é também o compromisso, o respeito e a responsabilidade para com tudo e com todos.

PERSONA II - Os homens ainda podem transformar o mundo numa comunidade de irmãos, onde todos irão respirar o mesmo amor, a mesma fra - ternidade, a mesma paz.

PERSONA III - A violência é a arma dos incapazes e nunca será o caminho ' certo para aproximar e libertar os homens.

PERSONA IV - A paz só será possível quando todos os individualismos forem banidos do coração dos homens. A paz só será alcançada quando percebermos que só podemos crescer em comunhão com o mundo e com todas as pessoas.

PERSONA V - A liberdade não se recebe de graça. A liberdade se conquista!

DESFAZEM A FORMA. MÚSICA FINAL. TODOS RUMAM PARA O CENTRO DO PALCO FORMAM DO UM GRANDE GRUPO. TROCAM ABRAÇOS E DEPOIS DESENVOLVEM FORMAS CORPORAIS' ATRAVÉS DE EXPRESSÕES. NOS SEGUNDOS FINAIS DA MÚSICA, FICAM TODOS DE MÃOS DADAS, NUMA LINHA HORIZONTAL, NO CENTRO DO PALCO. BLACKOUT. AO RETORNAR A LUZ TODOS ESTÃO NA RIBALTA PARA O AGRADECIMENTO FINAL A O PÚBLICO.

F I M

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D.F.F.

CÍCERO ALBERTO B. DOS SANTOS